



# Algo grande que seja amor

A vocação cristã:  
encontro, resposta, fidelidade

**BORJA DE LEÓN (ed.)**

# **ALGO GRANDE E QUE SEJA AMOR**

A vocação cristã  
Encontro, resposta, fidelidade

© 2020 Fundação Studium

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)

Imagem de capa: iStock/den-belitsky

# Índice

## Introdução

### **I. ENCONTRO «Mestre, onde vives?»**

#### **1. Jesus vem ao nosso encontro**

Quem é Jesus Cristo para mim? Quem sou eu para Jesus?

Que procures a Cristo!

Que encontres a Cristo!

Que ames a Cristo!

Viver com Cristo toda a nossa vida

#### **2. O que poderia ser a tua vida**

«Chamei-te pelo teu nome»

«Conta as estrelas, se fores capaz»

Sempre a dois

Fareis vós os caminhos

### **3. O nosso verdadeiro nome**

Seres livres e inacabados

Chama-te pelo teu nome

O tesouro escondido

Pôr em jogo todos os meus dons e qualidades

Uma vida plena

## **II. RESPOSTA «Que o Senhor esteja no teu caminho»**

### **4. Como se descobre a vocação?**

Inquietação do coração

Uma presença amorosa

Unir os pontos na oração

O detonador

A ajuda da direção espiritual

### **5. Para a música soar**

O normal é querer ser santo

Tão perto que vivamos com Ele

Todos os que tiverem o coração grande

Amar o mundo como Deus o ama

## **6. Quem dá a vida pelos seus amigos**

«Não é bom que o homem esteja só»

A psicologia de quem sabe que não está sozinho

João, um coração virginal

Despertar corações

Um dom chamado a crescer no dia a dia

## **7. A vocação matrimonial**

Que faças boa viagem

Quando a vida realmente começa

O alcance de um sim

Coração que não quiser sofrer

## **8. Mais mães e pais do que nunca**

Pais de santos

Mestres de santos

Guias de santos

Mais necessários do que nunca

## **9. Vou acertar?**

Que será de mim?

Não estamos sós: a Igreja é o caminho

O salto da fé: confiar em Deus

**III. FIDELIDADE «Destinei-vos para irdes e dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça»**

## **10. Somos apóstolos!**

«E tudo faço por causa do Evangelho»

Sal, luz e fermento do mundo

Com motor próprio

Luz divina que dá calor

## **11. Caminhar com Cristo até à plenitude do Amor**

Patamares da liberdade

Impregnados do sangue de Cristo

Coerência eucarística

## **12. Frutos da fidelidade**

Um céu dentro de nós

Coração firme e misericordioso

Deus é o de sempre

Uma eficácia que não podemos imaginar

# Introdução

O Evangelho está cheio de encontros pessoais com Jesus: João e André, Pedro, Mateus, Marta, Maria e Lázaro, Nicodemos, a Samaritana. Estas histórias são muito mais do que um memorial do passado. São episódios de uma história ainda em aberto, e cheia de ação, também hoje. Embora possa parecer difícil encontrar-se com Jesus no meio das pressas e dispersão que nos rodeia e nos invadem, na verdade, o seu clamor ainda ecoa no coração dos jovens. É o que os faz, no fundo dos seus corações, querer coisas grandes. "Eles querem que a injustiça acabe.

Querem que as desigualdades sejam superadas e que todos participem nos bens da terra. Querem que os oprimidos obtenham a liberdade. Querem coisas grandes. Querem coisas boas"[1]. Por isso, os cristãos continuam a anunciar, em pleno século XXI, que somos muito queridos por Deus: que ele se preocupa muito connosco: que quer que sejamos felizes e que quer fazer do seu Amor a força que move o mundo.

"Quem sou eu?" é uma pergunta importante. Mas muito mais importante, diz-nos o Papa Francisco, é esta: "para quem sou eu?" [2]. A nossa identidade está enraizada naquilo que recebemos, mas assume a sua forma sobretudo a partir do amor a quem dedicamos a nossa vida. Amar a Deus, deixarmo-nos amar por Ele, dando este amor ao próximo... assim descobrimos quem somos.

A série de artigos deste livro, escritos por sacerdotes que trabalham com jovens, pretende ser uma ajuda para fazer esta descoberta. Fazêmo-lo com os primeiros discípulos de Jesus, com os ensinamentos do Papa, dos santos, de São Josemaría [3], e assim aprofundamos nessa realidade perene: Deus chama-nos; "Ele tem um plano para cada um: a santidade" [4].

O livro está dividido em três partes. A primeira, contém três artigos que apresentam, num quadro amplo, a realidade da chamada de Deus e o encontro com Ele. A segunda parte é mais extensa: apresenta diferentes caminhos vocacionais e aprofunda alguns aspectos do discernimento da própria vocação. Por último, a terceira parte é dirigida às pessoas que seguem o Senhor há já alguns anos; é um convite a contemplar, com memória agradecida, a beleza de uma vida no seguimento de Cristo.

São Josemaria lembrou-se de como, com apenas dezasseis anos, descobriu que o seu coração lhe pedia "algo grande e que seja amor " [5]. Espero que também possamos descobrir e redescobrir - porque o amor é sempre jovem, sempre surpreendente - algo grande e que seja amor.

Borja de Leon: Sacerdote, doutor em filosofia. Dedicou-se ao atendimento espiritual de famílias e é capelão de uma escola em Madrid.

[Voltar ao índice](#)

I

ENCONTRO

«Mestre, onde vives?»

# 1. Jesus vem ao nosso encontro

«No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: «Que pretendeis?» Eles disseram-lhe: «Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde.»(Jo 1,35-39). Os protagonistas desta cena do Evangelho deviam ter transmitido a sua memória com muita emoção. Foi o momento mais importante das suas vidas: o dia em que se encontraram pela primeira vez com Jesus de Nazaré.

Na realidade, encontrar-se com Cristo é a experiência decisiva para qualquer cristão. Bento XVI destacou-o fortemente no início do seu pontificado: "Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» [6]. O facto de o Papa Francisco ter querido recordar-no-lo desde o início é muito revelador: "Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar.» [7] Nestas páginas queremos seguir esse convite, seguindo os passos do apóstolo mais jovem: S. João.

## **Quem é Jesus Cristo para mim? Quem sou eu para Jesus?**

O quarto Evangelho resume com uma bela frase a identidade do jovem João: ele era "o discípulo a quem Jesus amava". Com isso, na realidade, tudo foi dito: João era alguém que Jesus amava. Com

o passar dos anos, essa convicção não se extinguiria, mas tornar-se-ia ainda mais forte: "É nisto que está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou" (1 Jo 4,10 ). Sem dúvida, essa segurança no Amor que o Senhor tinha por ele foi o que o tornou capaz de conservar, até ao fim dos seus dias, uma alegria profunda e contagiante. A mesma que respira no seu evangelho. Tudo começou naquele dia, nas margens do Jordão.

E nós, experimentámos um encontro tão familiar quanto o do jovem apóstolo? Mesmo que tenhamos sido cristãos por muitos anos e tenhamos orado durante toda a nossa vida, é bom que paremos por um momento para pensar: "Para mim, quem é Jesus Cristo? Que supõe Jesus Cristo na minha vida real, hoje e agora?" [8]. Com essa consideração, podemos avaliar como é a nossa fé. "Mas antes desta questão, há outra em certo sentido mais importante, inseparável e anterior (...): Quem sou eu para Jesus Cristo?" [9].

Perante estas perguntas, não é estranho que estejamos um pouco perplexos: quem sou eu para Jesus Cristo? Quem sou? Uma pequena criatura? Um produto da evolução? Mais um humano... que tem que cumprir os seus mandamentos? Como me vê Jesus? É esclarecedor nessas situações olhar para os santos. Numa ocasião, quando perguntaram algo semelhante a S. João Paulo II, respondeu: " Eis que tu és um pensamento de Deus, tu és um palpitar do coração de Deus. Afirmar isto é como dizer que tu tens um valor, num certo sentido, infinito, que tu contas para Deus na tua irrepetível individualidade." [10]. O que ele mesmo tinha descoberto - o que todos os santos descobriram - é o muito que Deus se importa connosco. Não somos uma pequena criatura, um servo que está simplesmente no mundo para fazer o que Ele quer. Somos amigos de verdade. Tudo o que é nosso é importante para Ele, e é por isso que Se preocupa connosco e nos acompanha ao longo de toda a nossa vida, embora muitas vezes não o percebamos.

Tudo isto não é um exagero. O próprio Jesus disse aos apóstolos: "Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos

seus amigos. Vós sois meus amigos... A vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai. "(Jo 15, 13-15). São palavras atuais: Jesus Cristo "está vivo e continua a dizê-lo a vós agora. Ouvi esta voz com grande disponibilidade; Ele diz algo a cada um de vós »[11]. Quem sou eu então para Jesus Cristo? Sou Seu amigo, que me ama com o maior amor; sou um latejar do Seu coração. «Se te deixares amar e salvar por Ele; se entrares na sua intimidade e começares a conversar com Cristo vivo sobre as coisas concretas da tua vida, esta será a grande experiência, será a experiência fundamental que sustentará a tua vida cristã. Esta será também a experiência que poderás comunicar a outros jovens». [12].

### **Que procures a Cristo!**

Em 29 de maio de 1933, um jovem estudante de Arquitetura foi pela primeira vez conversar com S. Josemaria. Chamava-se Ricardo Fernández Vallespín. Muitos anos depois, recordava: "O Padre falou comigo sobre as coisas da alma ...; aconselhou-me, encorajou-me a ser melhor ... Lembro-me perfeitamente, com uma memória visual, que antes de se despedir, o Padre se levantou, foi a uma estante, pegou num livro que estava usado por ele e na primeira página colocou, a modo de dedicatória, estas três frases: "Que procures a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo"[13]. Naquela conversa, S. Josemaria também quis começar pelo mais importante: o encontro pessoal com o Senhor.

O apóstolo João começou a procurar a Cristo, mesmo sem saber exatamente a quem procurava. Sabia, sim, que estava a procurar algo que enchesse o seu coração. Tinha sede de uma vida plena. Não lhe parecia suficiente viver para trabalhar, para ganhar dinheiro, para fazer o mesmo que todos... sem ver para além do horizonte da sua pequena região. Tinha um coração inquieto e queria satisfazer essa inquietação. Por isso foi atrás do Batista. E foi precisamente quando estava com ele que Jesus passou ao seu lado. O Batista disse-lhe: "Eis o Cordeiro de Deus!"; e ele e o seu amigo André, "ouvindo-o falar desta maneira, seguiram Jesus." (Jo 1,36-37).

Que podemos fazer nós para seguir os passos do jovem apóstolo? Primeiro, escutar o nosso coração inquieto. Dar-lhe atenção quando semostrar insatisfeito, quando não lhe bastar uma vida mundana, quando deseja algo mais do que as coisas e satisfações da terra. E aproximar-nos de Jesus. De facto, talvez tenhamos, em certo sentido, mais facilidade que João. Muitas pessoas já nos indicaram onde Jesus está: "aprendemos a invocar Deus desde a infância, dos lábios de pais cristãos. Mais adiante, professores, companheiros e simples conhecidos ajudaram-nos de muitas maneiras a não perder de vista Jesus Cristo.»[\[14\]](#) Portanto, o que podemos fazer agora é procurá-l'O: «Procuremo-l'O com fome, procuremo-l'O dentro de nós com todas as forças! Se ofizermos com este empenho, atrevo-me a garantir que já O encontrámos e que já começámos a conhecê-l'O e a amá-l'O e a ter a nossa conversa nos céus.»[\[15\]](#).

### **Que encontres a Cristo!**

Quando João e André começaram a seguir Jesus pela primeira vez, a situação deve ter sido um pouco embaraçosa para eles. Tinham-se posto a caminho atrás daquele homem, mas como iriam abordá-l'O? Não é muito convencional parar alguém e perguntar-lhe: "És o Cordeiro de Deus?" No entanto, era o que o Batista tinha dito e, na realidade, era tudo o que eles sabiam sobre Ele... Talvez estivessem deliberando entre eles o que poderiam fazer quando o próprio Jesus, "notando que eles O seguiam, lhes perguntou: «Que pretendeis?»" (*Jo 1,38*).

O Senhor comove-Se com os corações jovens e inquietos. Portanto, quando sinceramente O buscamos, Ele mesmo se faz encontradiço do modo mais inesperado. S. Josemaria recordou toda a sua vida o seu primeiro encontro pessoal e inesperado com Jesus. Era então um adolescente, com um coração cheio de projetos e ideais. Depois de um forte nevão, que cobria as ruas da sua cidade com um denso manto branco, saiu de casa. Descobriu pouco depois, surpreendido, o rasto de pés descalços na neve. As pegadas levaram-no a um frade que ia acaminho do seu convento.

Aquilo impressionou-o profundamente. «Se outros fazem tantos sacrifícios por Deus e pelo próximo, não hei-de eu ser capaz de Lhe oferecer alguma coisa?»[16]

Nesse dia, tal como João e André, o jovem Josemaria seguiu os passos do Senhor, que Se fazia presente numas pegadas na neve. Muitas outras pessoas também podem ter visto aquelas pegadas, mas para aquele jovem foram um sinal inconfundível de que Jesus queria entrar na sua vida. Depois, a sua reação foi muito semelhante à dos primeiros amigos de Jesus. «Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?» Ele respondeu-lhes: «Vinde e vereis.» Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde.»(Jo 1,38-39)

Descobrir que alguém nos ama desperta em nós um enorme desejo de conhecê-lo. Saber que alguém teve connosco a atenção de um bom amigo faz-nos querer conhecê-lo. Descobrir que há alguém que se importa connosco, que há alguém que nos espera e que tem a resposta aos nossos anseios mais profundos, leva-nos a procurá-lo. Através destas pegadas, Deus queria que S. Josemaria percebesse que "já tinha bem dentro de si uma inquietação divina, que renovou o seu interior com uma vida de piedade mais intensa" [17]. Procurar Jesus e encontrá-l'O é apenas o começo. Poderemos começar a tratá-l'O como um amigo depois disso. Tentaremos conhecê-l'O melhor, ler o Evangelho, aproximar-nos da Santa Missa, desfrutar da Sua intimidade na Comunhão, cuidando-O em quem mais necessita. E procuramos dar-nos a conhecer, compartilhando com o nosso amigo as nossas alegrias e as nossas tristezas, os nossos projetos e os nossos fracassos. Porque isso é, afinal de contas, a oração: "tratar de amizade, estando muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama" [18]. Como João e André, que passaram todo aquele dia com Jesus.

### **Que ames a Cristo!**

Para o jovem João, o dia em que conheceu Jesus foi o dia em que sua vida mudou. Claro, tinha ainda um longo caminho a percorrer. Desde a pesca milagrosa até às viagens com Jesus

através da Palestina; dos Seus milagres à Sua palavra que enchia o coração de alegria, ou mesmo dos Seus gestos de afeto com os doentes, com os pobres, com os desprezados... Mas, acima de tudo, aqueles momentos de conversa a sós com o Mestre. O diálogo que começou uma tarde, junto do rio Jordão, duraria a vida inteira.

Nesse sentido, a transformação do jovem apóstolo é muito marcante. Ele, juntamente com o seu irmão Tiago, foram chamados "os filhos do trovão" (*Mc 3, 17*), e alguns detalhes dos Evangelhos fazem-nos entender que não era um epíteto excessivo. Por exemplo, aquela ocasião em que alguns samaritanos se recusaram a dar alojamento a Jesus e aos discípulos, e os irmãos dirigiram-se ao Mestre perguntando: «Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?» (*Lc 9,54*) . No entanto, pouco a pouco, à medida que crescia a amizade com Ele, aprendiam a amar como Jesus, a compreender como Jesus, a perdoar como Jesus. Todos nós temos experiência da medida em que uma amizade nos transforma. É por isso que é lógico que os pais estejam pendentes das amizades dos seus filhos. Sem dar-nos conta, o relacionamento com os nossos amigos está a transformar-nos, até chegarmos a querer o mesmo e rejeitarmos o mesmo. A amizade une-nos tanto que se pode dizer que os amigos compartilham "a mesma alma que sustenta dois corpos" [\[19\]](#).

A mesma coisa pode acontecer com cada um de nós: encontrar Jesus e ter intimidade com Ele far-nos-á querer amar como Ele ama. Não deveria surpreender-nos que esse desejo esteja a tomar o nosso coração: deixemos que se encha de gratidão, porque o Senhor quer contar connosco para tornar presente o Seu Amor no mundo. Foi o que aconteceu com S. Josemaria. Aquelas pegadas na neve deram-lhe uma profunda garantia de que tinha uma missão nesta terra: "Comecei a pressentir o Amor, a aperceber-me de que o coração me pedia alguma coisa de grande e que fosse amor" [\[20\]](#). Descubramos também nós, por trás destes chamamentos do coração, um eco da voz de Jesus que muitas vezes lemos no Evangelho: "Segue-me!"

## **Viver com Cristo toda a nossa vida**

Olhando para trás, João não teria trocado nada pela oportunidade de seguir Jesus. É assim que Deus age em cada pessoa: «O nobre amor de Jesus encoraja-nos a fazer grandes coisas, e leva-nos a desejar sempre o mais perfeito. O amor quer estar no topo e não ser detido por nenhuma coisa baixa»[\[21\]](#). Aconteceu a João, como aconteceu a Pedro, Tiago, Paulo, Bartimeu, Maria Madalena e a tantos outros desde que Jesus veio ao mundo. A presença do Senhor não é menos real hoje do que então. Pelo contrário: Jesus é mais presente, porque pode viver em cada um de nós. Mais do que convidar-nos a compartilhar a missão que Ele recebeu do Seu Pai, portanto, Jesus quer amar a partir da nossa vida, de dentro de cada um: "permaneçei no Meu Amor", diz-nos (*Jo 15,9*), para reconciliar este mundo com Ele, para trocar ódio por amor, egoísmo por serviço, rancor por perdão.

O jovem apóstolo, que descobrira o Amor do Senhor, acompanhou-O até à cruz. Mais tarde, com o resto dos apóstolos, recebeu uma missão que daria forma a toda a sua vida: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura.» (*Mc 16,15*). Também nós, se escutarmos o nosso coração inquieto e procurarmos Jesus, se O encontrarmos e seguirmos, se formos Seus amigos, descobriremos que Ele conta connosco. Proporá que O ajudemos, cada um à sua maneira, na Igreja. Como um amigo que, precisamente porque nos ama, propõe juntar-se a nós num projeto empolgante. «Hoje, Jesus, que é o caminho, chama-te – a ti, a ti, a ti – a deixar a tua marca na história. Ele, que é a vida, convida-te a deixar uma marca que encha de vida a tua história e a de muitos outros. Ele, que é a verdade, convida-te a deixar as estradas da separação, da divisão, do sem-sentido. Aceitais? » [\[22\]](#).

*Borja Armada*

[Voltar ao índice](#)

## 2. O que poderia ser a tua vida

A Mesopotâmia viu nascer e desaparecer algumas das civilizações mais antigas do mundo: sumérios, acádios, babilónios, caldeus... Embora talvez tenhamos estudado algumas delas no secundário, parecem-nos culturas distantes e pouco relacionadas connosco. No entanto, foi nessa zona que surgiu um personagem que faz parte da nossa família. Chamava-se Abrão, até que Deus mudou o seu nome para Abraão. A Bíblia situa-o uns 1850 anos antes da vinda de Jesus Cristo à Terra. Quatro mil anos depois, continuamos a lembrar-nos dele, quando na Santa Missa o invocamos como “nosso pai na fé”[\[23\]](#): ele deu origem à nossa família.

### «Chamei-te pelo teu nome»

Abraão é uma das primeiras pessoas que entraram para a história pelo facto de ter respondido a um chamamento de Deus. No seu caso, era um pedido muito singular: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.” (*Gn* 12,1). Depois dele, vieram, entre outros, Moisés, Samuel, Elias e os outros profetas... Todos escutaram a voz de Deus, que os convidava de uma maneira ou doutra a “sair da sua terra” e a começar uma nova vida na Sua companhia. Assim como a Abraão, Deus prometia-lhes que faria grandes coisas nas suas vidas: “Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos” (*Gn* 12,2). Além disso, chamou cada um deles pelo seu nome; e por isso, juntamente com as recordações dos atos de Deus, o Antigo Testamento conserva os nomes daqueles que colaboraram com Ele. A Carta aos Hebreus elogia-os com entusiasmo (cf. *Hb* 11,1-40).

Quando Deus enviou o Seu Filho ao mundo, os chamados já não escutaram só a voz de Deus; puderam ver um rosto humano: Jesus de Nazaré. Deus também os chamou para começar uma vida nova, para deixar uma marca indelével na história. Conhecemos os seus nomes – Maria Madalena, Pedro, João, André... – e lembramo-nos deles com agradecimento.

E depois? Poderia parecer que, com a Ascensão de Jesus ao Céu, Deus se tivesse retirado da história. Na verdade, a sua ação não só continua, mas aumenta. Se na Sua passagem pela terra escolheu apenas alguns poucos, durante os últimos 2000 anos Deus “mudou os planos” de milhões de homens e mulheres, abrindo horizontes que eles mesmos jamais imaginariam. Sabemos os nomes de muitos deles, que fazem parte do santoral da Igreja. E existe uma multidão imensa de homens e de mulheres “de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7,9), santos desconhecidos, que são verdadeiros “protagonistas da história”.

Hoje, neste momento, Deus continua à procura e a bater à porta de cada um. S. Josemaria gostava de considerar estas palavras de Isaías: “nada temas, porque Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome; tu és meu!” (Is 43,1). Ao meditá-las, dizia que davam ao seu coração “sabores de favo de mel”[\[24\]](#), porque lhe permitiam perceber até que ponto era amado por Deus de um modo personalíssimo, único.

Estas palavras também nos podem trazer sabores de favo de mel, porque revelam que a nossa vida é importante para Deus: que Ele conta com todos, convida cada um. O sonho de qualquer cristão é que o seu nome esteja escrito no Coração de Deus. E é um sonho que está ao alcance de todos.

### **«Conta as estrelas, se fores capaz»**

Pode parecer exagerado ver a nossa vida assim, em continuidade com a dos grandes santos. Temos experiência da nossa debilidade. Moisés, Jeremias e Elias também tiveram, não faltaram momentos maus nas suas vidas[\[25\]](#). O próprio Isaías, por

exemplo, numa ocasião dizia: “Em vão me cansei, em vento e em nada gastei as minhas forças!” (Is 49,4). É verdade que às vezes a vida se apresenta assim, como algo sem muito sentido ou interesse, pela facilidade com que se truncam os nossos projetos. A pergunta “para que quero eu viver” parece naufragar perante a experiência do fracasso, do sofrimento e da morte.

Deus conhece perfeitamente toda essa instabilidade, e a confusão que ela pode causar na nossa vida. E, no entanto, vem procurar-nos. Por isso, o profeta não fica só num grito de queixa, e reconhece a voz do Senhor “vou fazer de ti luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra” (Is 49,6). Somos fracos, mas essa não é toda a verdade sobre a nossa vida. O Papa escreve: “Reconheçamos a nossa fragilidade, mas deixemos que Jesus a tome nas suas mãos e nos lance para a missão. Somos frágeis, mas portadores dum tesouro que nos faz grandes e pode tornar melhores e mais felizes aqueles que o recebem.”[26].

A chamada divina é uma grande misericórdia de Deus; sinal de que me ama, de que se importa comigo: “Deus conta contigo por aquilo que és, não pelo que tens: a Seus olhos, não vale mesmo nada a roupa que vestes ou o telemóvel que usas; não Lhe importa se andas na moda ou não, importas-Lhe tu, assim como és. A Seus olhos, tu vales; e o teu valor é inestimável”[27]. Ao chamar-nos, Deus liberta-nos, porque nos permite fugir de uma vida banal, dedicada a satisfações pequenas que não são capazes de matar a nossa sede de amor. “Quando nos decidimos a responder a Nosso Senhor: a minha liberdade para Ti, encontramos-nos libertos de todas as cadeias que nos atavam a coisas sem importância”[28]. Deus tira a nossa liberdade da sua mesquinhez e abre-a à imensidão da história do Seu Amor pelos homens, da qual todos – cada um e cada uma – somos protagonistas.

“A vocação acende uma luz que nos faz reconhecer o sentido da nossa existência. É convencermo-nos, com o resplendor da fé, do porquê da nossa realidade terrena. Toda a nossa vida, a presente, a

passada e a que há-de vir, cobra um novo relevo, uma profundidade de que antes não suspeitávamos. Todos os factos e acontecimentos passam a ocupar o seu posto: entendemos aonde nos quer levar o Senhor e sentimo-nos entusiasmados e envolvidos por esse encargo que se nos confia.”[29]. Para quem recebeu e acolheu o chamamento de Deus, já não há ações banais ou pequenas. Todas elas ficam iluminadas pela promessa: “Farei de ti uma grande nação” (Gn 12,2): com a tua vida farei coisas grandes; deixarás rasto, serás feliz distribuindo felicidade. Por isso, “quando Ele pede algo, está realmente a oferecer um dom. Não somos nós que Lhe fazemos um favor: é Deus que ilumina a nossa vida, enchendo-a de sentido.”[30]

Por outro lado, a luz da vocação permite-nos compreender que não se mede a importância da nossa vida pela grandeza humana dos planos que realizamos. Apenas alguns podem incluir os seus nomes entre os grandes da história universal. Mas a grandeza divina é medida pela relação com o único plano verdadeiramente grande: a Redenção. “Com certeza, os acontecimentos decisivos da história do mundo foram essencialmente influenciados por almas sobre as quais os livros de história não dizem nada. E quais são as almas às quais temos de agradecer os acontecimentos decisivos da nossa vida pessoal, é algo que só saberemos no dia em que tudo o que está oculto será revelado”[31].

“A Redenção está a fazer-se - agora!” [32] Como colaborar? De mil modos diferentes, sabendo que o próprio Deus nos vai dando luzes para descobrirmos o modo concreto de colaborar com Ele. “Deus quer que a liberdade da pessoa intervenha não só na resposta, mas também na configuração da própria vocação”[33]. E a resposta, sem deixar de ser livre, é movida pela graça atual de Deus que chama. Se começarmos a caminhar, a partir do lugar em que nos encontramos, Deus nos ajudará a ver o que Ele sonhou para a nossa vida: um sonho que “se vai fazendo” enquanto prossegue, porque depende também da nossa iniciativa e da nossa criatividade. S. Josemaria dizia que, se sonhássemos, ficaríamos aquém, porque quem sonha de verdade sonha com Deus. Assim, com essa

grandeza, Deus fazia Abraão sonhar: “Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas, se fores capaz de as contar!” (Gn 15,5).

### **Sempre a dois**

Deus entra na vida de Abraão para ficar com ele, para Se unir de alguma forma ao destino dele: “Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas” (Gn 12,3). A sua história é a de um “protagonismo compartilhado”. É a história de Abraão e de Deus, de Deus e de Abraão. A tal ponto que, a partir daquele momento, Deus Se apresentará a Si mesmo aos outros homens como “o Deus de Abraão”[34].

O chamamento consiste, pois, em primeiro lugar, em viver com Ele. Mais do que fazer coisas especiais, trata-se de fazer tudo com Deus, “tudo por Amor!”[35]. A mesma coisa aconteceu com os primeiros: Jesus escolheu-os, antes de tudo, “para estarem com Ele”; só depois, o evangelista acrescenta: “e para os enviar a pregar” (Mc 3,14). Por isso, nós também, quando percebermos a voz de Deus, não devemos pensar numa espécie de “missão impossível”, difícilíssima, que Ele nos impõe lá de longe, no Céu. Se é um autêntico chamamento de Deus, será um convite para entrarmos na Sua vida, no Seu projeto: um chamamento a permanecer no Seu Amor (cf. Jo 15,8). E assim, a partir do Coração de Deus, de uma autêntica amizade com Jesus, poderemos levar o Seu Amor ao mundo inteiro. Ele quer contar connosco... Estando connosco. Ou vice-versa: Ele quer estar connosco, contando connosco.

Assim se entende que aqueles que experimentaram o chamamento de Deus, e o seguiram, animem a quem começou a ouvi-lo. Porque, num primeiro momento, é normal e frequente ter medo. É o temor lógico produzido pelo inesperado, o desconhecido, o que amplia os horizontes, a realidade de Deus, que nos supera por todos os lados. Mas este medo está chamado a ser transitório. É uma reação humana muito comum, que não deve surpreender-nos. Seria um erro se nos paralisássemos por causa do medo: é preciso enfrentá-lo, atrever-se a analisá-lo com calma. As grandes decisões

da vida, os projetos que deixaram marca, quase sempre foram precedidos por um estado de medo, superado depois com uma reflexão serena; e sim, também, com um golpe de audácia.

S. João Paulo II começou o seu pontificado com um convite que ressoa ainda hoje: “Não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo!”[\[36\]](#) Bento XVI retomou o convite logo após ser eleito: comentava como, com estas palavras, “o Papa falava também a todos os homens, sobretudo aos jovens.” E perguntava-se: “Por ventura não temos todos nós, de um modo ou de outro, medo, se deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós, se nos abrimos completamente a Ele, medo de que Ele possa tirar-nos algo da nossa vida? Não temos porventura medo de renunciar a algo de grandioso, único, que torna a vida tão bela? Não arriscamos depois de nos encontrarmos na angústia e privados da liberdade?”[\[37\]](#).

Bento XVI continuava: “E mais uma vez o Papa queria dizer: não! Quem faz entrar Cristo, nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta”[\[38\]](#). E, unindo-se àquela recomendação de S. João Paulo II, concluía: “eu gostaria(...), partindo da experiência de uma longa vida pessoal, de vos dizer hoje, queridos jovens: não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, Ele dá tudo. Quem se doa por Ele, recebe o cêntuplo. Sim, abride de par em par as portas a Cristo e encontrareis a vida verdadeira”[\[39\]](#). O Papa Francisco também nos recorda muitas vezes: “Pede-te para deixar aquilo que torna pesado o coração, esvaziar-te de bens para Lhe dar lugar a Ele”[\[40\]](#). Assim teremos a experiência de todos os santos: Deus não tira nada, pelo contrário, enche o nosso coração com uma paz e uma alegria que o mundo não pode dar.

Por este caminho, o medo cede lugar rapidamente a uma profunda gratidão: “dou graças àquele que me confortou, Cristo

Jesus Nosso Senhor, por me ter considerado digno de confiança (...)a mim que antes fora blasfemo, perseguidor e violento. Mas alcancei misericórdia” (1 Tm 1,12-13). O facto de que todos temos uma vocação mostra que a misericórdia de Deus não se detém diante das nossas debilidades e pecados. Ele coloca-Se diante de nós *miserando atque eligendo*, como reza o lema episcopal do Papa Francisco. Porque, para Deus, escolher-nos e ter misericórdia – passar por cima da nossa pequenez – é a mesma coisa.

Como Abraão, como São Paulo, como todos os amigos de Jesus, nós também nos sabemos não apenas chamados e acompanhados por Deus, mas também seguros da Sua ajuda: convencidos de que “Aquele que em vós deu início a uma boa obra há de levá-la ao fim, até ao dia de Cristo Jesus.” (Fl 1,6). Sabemos que as nossas dificuldades, mesmo que às vezes sejam sérias, não têm a última palavra. S. Josemaria repetia aos primeiros fiéis do Opus Dei: “quando Deus nosso Senhor projeta alguma obra em favor dos homens, pensa primeiro nas pessoas que vai utilizar como instrumentos... e comunica-lhes as graças convenientes”[\[41\]](#).

O chamamento de Deus é, pois, um convite à confiança. Apenas a confiança nos permite viver sem estar escravizados pelo cálculo das próprias forças, dos próprios talentos, abrindo-nos à maravilha de viver também das forças do Outro, dos talentos do Outro. Como nas escaladas até aos grandes picos, é preciso confiar em quem está à frente, com quem inclusive compartilhamos a mesma corda. O que vai à frente, indica onde pisar e ajuda-nos naqueles momentos em que, se estivéssemos sozinhos, seríamos dominados pelo pânico ou a vertigem. Caminhamos, pois, como na escalada, mas com a diferença de que agora a nossa confiança não está posta em alguém como nós, nem sequer no melhor dos amigos; agora a nossa confiança está posta no próprio Deus, que sempre “permanecerá fiel, pois não pode negar-Se a Si mesmo” (2Tm 2,13).

### **Fareis vós os caminhos**

“Abraão partiu, como o Senhor lhe havia dito” (Gn 12,4). Assim começou a etapa da sua vida que marcaria a sua existência para

sempre. A sua vida foi, desde então, guiada por sucessivos chamamentos de Deus: a ir de um lugar para o outro, a afastar-se de homens malvados, a crer na possibilidade de ter um filho, a tê-lo de verdade, e... a estar disposto a sacrificá-lo. Abraão não deixou de precisar da sua liberdade em nenhum momento para continuar a dizer “sim” ao Senhor. Assim, a vida daqueles que seguem a Deus caracteriza-se não só pela proximidade e comunhão com Deus, mas também por uma real, plena e contínua liberdade.

Responder afirmativamente ao chamamento de Deus não só dá um novo horizonte à nossa liberdade, um sentido pleno – “alguma coisa de grande e que fosse amor”[\[42\]](#), dizia S. Josemaria – como também exige que a usemos continuamente. A entrega a Deus não é como subir numa espécie de passadeira rolante, orientada e dirigida por outros, que nos leva – sem que queiramos – até ao fim dos nossos dias; ou como uma linha ferroviária, perfeitamente traçada, de que se pode consultar todo o trajeto antes de começar a trilhá-lo, sem reservar nenhuma surpresa ao viajante.

Efetivamente, ao longo da nossa vida, vamos percebendo que a fidelidade ao primeiro chamamento exige de nós novas decisões, às vezes duras. E entenderemos que o chamamento de Deus nos ajuda a crescer cada dia mais na nossa própria liberdade. Porque, para voar alto – como é próprio de qualquer caminho de amor – é preciso ter as asas limpas de lama e uma grande capacidade de dispor da própria vida, tantas vezes escravizada por pequenezes. Em poucas palavras, a grandeza do chamamento de Deus deve ser correspondida por uma liberdade igualmente *grande*, dilatada pela correspondência à graça e pelo crescimento das virtudes, que nos fazem ser mais verdadeiramente nós mesmos.

Nos primeiros anos da Obra, S. Josemaria costumava repetir aos jovens que se aproximavam dele que tudo estava por fazer, inclusive o caminho que deviam percorrer. E que esse caminho, que o Senhor lhes indicava e que devia atravessar o mundo inteiro, seria realizado por eles. “Não há caminhos feitos para vós... Fá-los-eis, através das montanhas, à força das vossas passadas”[\[43\]](#).

Expressava assim o caráter aberto que toda a vocação tem, e que é preciso descobrir e fomentar.

Agora, como naqueles tempos, responder ao chamamento de Deus supõe, de certa maneira, abrir o caminho a golpe dos próprios passos. Deus não nos dá a conhecer nunca um guião perfeitamente escrito. Não fez isso com Abraão, nem com Moisés. Não fez também com os Apóstolos. Ao subir aos Céus, disse-lhes somente: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura!” (Mc 16,15). Como? Por onde? Com que meios? Tudo isso saberiam depois pouco a pouco. Como no nosso caso: o caminho vai-se concretizando ao longo da vida, e construir-se-á graças a essa aliança maravilhosa entre a graça de Deus e a nossa própria liberdade. Durante toda a vida, a vocação é “a história de *um inefável diálogo entre Deus e o homem*, entre o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que no amor responde a Deus”[\[44\]](#). A nossa história será um entrelaçamento do nosso ouvido atento às inspirações divinas e da nossa criatividade para as pôr em prática do melhor modo que pudermos.

A Virgem Maria é exemplo para todos nós por causa do seu “Sim” em Nazaré, e também pela sua permanente escuta e obediência à Vontade de Deus ao longo de toda a sua vida, que também foi marcada pelo claro-escuro da fé. “Maria conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração” (Lc 2,19). Junto ao seu Filho, a nossa Mãe foi descobrindo a cada passo o que Deus queria d'Ela. Por isso a chamamos também Perfeita Discípula de Cristo. Encomendamo-nos a Ela, para que seja a Estrela que guie sempre os nossos passos.

*Nicolás Álvarez de las Asturias*

[Voltar ao índice](#)

### 3. O nosso verdadeiro nome

O primeiro livro da Bíblia começa por apresentar Deus Criador, que faz surgir as coisas do nada pela Sua palavra: «Faça-se a luz (...). Haja um firmamento (...). Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies »(Gn 1,1-25). Quando chega o momento de chamar à existência o ser humano, no entanto, algo de diferente acontece. Deus não o cria "de acordo com sua espécie", ou de acordo com o que é, mas dá-lhe um nome: chama-o *pessoalmente* à existência; fala-lhe de tu a tu.

Se, a partir desse momento preciso da história da criação, nos voltarmos para o último livro da Bíblia, encontramos algo surpreendente: esse nome, que Deus nos dá ao criar-nos, havemos de o receber novamente no final da nossa história. "Ao que sair vencedor", promete o Senhor no Apocalipse: ", dar-lhe-ei a comer do maná escondido e dar-lhe-ei também uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe."(Ap 2:17). Recebemos, pois, um nome ao nascer, mas ser-nos-á dado novamente no final de nossa vida na Terra. Como entender isso? Encontramo-nos perante o mistério da vocação; um mistério pessoal que se desdobra à medida que avançamos no nosso caminho para a vida verdadeira.

#### **Seres livres e inacabados**

Uma rosa, um carvalho, um cavalo não devem tomar qualquer decisão para chegarem a ser o que são: simplesmente existem. Crescem, desenvolvem-se e finalmente desaparecem. Com a pessoa humana, no entanto, não acontece a mesma coisa.

À medida que crescemos, e particularmente durante a adolescência, percebemos que não podemos ser "mais um". Por alguma razão, achamos que devemos ser alguém único, com nome e apelido, diferente, irrepetível. Percebemos que estamos no mundo para algo e que com a nossa vida podemos tornar este mundo um lugar melhor. Não nos basta sabermos o que somos, ou como são as coisas, mas somos levados a sonhar quem queremos ser e como queremos que seja o mundo em que vivemos.

Alguns veem isso como uma ingenuidade, uma falta de realismo que, mais cedo ou mais tarde, deve ser superada. No entanto, essa tendência a sonhar realmente pertence ao mais alto que possuímos. Para um cristão, o desejo de ser alguém, com nome e apelido, mostra o modo como Deus quis criar-nos: como um ser único. E a esse desígnio amoroso responde a nossa capacidade de sonhar. Ele fez o mundo e deixou-o nas mãos do ser humano, "para o cultivar e, também, para o guardar" (*Gn 2,15*). Quis contar com o nosso trabalho para guardar este mundo e fazê-lo brilhar com toda a sua beleza, para que o amássemos "apaixonadamente", como dizia S. Josemaria [\[45\]](#).

E Deus faz o mesmo ao presentear-nos com o dom da vida: convida-nos a desenvolver a nossa personalidade, deixando-a nas nossas mãos. Para isso, espera que ponhamos em jogo a nossa liberdade, a nossa iniciativa, todas as nossas capacidades. «Deus quer algo de ti, Deus está à tua espera», disse aos jovens e a todos, o Papa Francisco. «Convida-te a sonhar, quer fazer-te ver que, contigo, o mundo pode ser diferente. É assim: se não deres o melhor de ti mesmo, o mundo não será diverso. É um desafio» [\[46\]](#).

### **Chama-te pelo teu nome**

Simão tinha acompanhado o seu irmão André a ouvir o Batista. Foi uma viagem longa, da Galileia à Judeia, mas a ocasião merecia-o. Algo de grande devia estar prestes a acontecer, porque havia já vários séculos que Deus não enviava um profeta ao seu povo... e João parecia realmente um deles. Durante a sua estada nas margens do Jordão, André encontrou Jesus e passou toda a tarde a

conversar com Ele. Quando regressa com o seu irmão Simão, diz-lhe: Encontrámos o Messias!». E imediatamente "levou-o até Jesus" (Jo 1,41-42). Quem sabe o que Simão iria pensando pelo caminho? Seria possível que o Messias, o enviado de Deus, tivesse chegado? Seria possível que o mundo em que viviam mudasse, como as Escrituras anunciaram? Quando chegou junto do Mestre, "Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe: «Tu és Simão, o filho de João. Hás-de chamar-te Cefas» - que significa Pedra.» (Jo 1,42). Antes de mudar o mundo, teve que mudar a sua vida.

Tal como aparece nos Evangelhos, a vida de Simão Pedro é uma descoberta contínua da verdadeira identidade de Jesus e da missão que lhe confia. Pouco depois de voltar à Galileia, depois daqueles dias com o Batista, Jesus aparece junto ao seu barco e pede que o lance à água para pregar a partir daí. Pedro deve ter concordado um pouco relutantemente, porque acabara de passar a noite lutando, e não tinham pescado nada. Depois de falar ao povo, Jesus faz um novo pedido: «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca.» (Lc 5,4). Parece uma loucura: tinham estado a tentar pescar durante horas, sem sucesso... e todos sabem que em plena luz do dia os peixes não entram na rede ... No entanto, Pedro obedece e vê que as suas redes se enchem de peixes! Quem é aquele homem que subiu no seu barco? "Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: «Afasta-Te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.»"(Lc 5, 8). Mas o Mestre respondeu: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens.»(Lc 5,10).

Quem é Simão? Um pescador da Galileia? Todos os seus antepassados o tinham sido. Ele trabalhava nesse ramo havia anos e achava que era um pescador que conhecia o seu trabalho perfeitamente. Mas Jesus lança uma luz inesperada na sua vida. A proximidade com o Senhor levou-o a perceber quem ele realmente é: um pecador. Mas um pecador em quem Deus se fixou e com quem quer contar. Diante deste chamamento divino, Pedro e seu irmão, "depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus." (Lc 5,11). Bento XVI considerou como "Pedro ainda não podia imaginar que um dia teria chegado a Roma

e seria nessa cidade "pescador de homens" para o Senhor. Ele aceita esta chamada surpreendente, de se deixar envolver nesta grande aventura: é generoso, reconhece os seus limites, mas crê n'Aquele que o chama e segue o sonho do seu coração. Diz sim; um sim corajoso e generoso e torna-se discípulo de Jesus.»[47]

Mais tarde, o Senhor explicitará um pouco mais a missão que vai determinar a sua vida: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16,18). O plano de Deus para nós, o seu apelo a partilhar a nossa existência com Ele, tem tanta força como a criação. Se o homem é criado através de uma chamada pessoal, cada chamada pessoal de Deus também tem, de alguma forma, um poder criativo, transformando a realidade. É algo tão radical que significa para nós receber um novo nome, uma nova vida. Quem se lembra hoje de um pescador que viveu há dois mil anos às margens de um lago no Médio Oriente? E em vez disso, quantos de nós veneramos Pedro, o apóstolo e "fundamento visível da sua Igreja"[48]!

### **O tesouro escondido**

A missão que Jesus nos propõe pode mudar a nossa vida: enchê-la de luz. Portanto, a ideia de que Deus me pode estar a chamar é muito atraente. Mas há, ao mesmo tempo, algo que nos perturba profundamente: parece-nos que, se existe tal chamamento, se Deus conta conosco, perdemos a nossa liberdade. Já não poderemos escolher outro caminho! Só poderá ser o que Ele quiser!

Considerar a trajetória de Pedro pode ajudar-nos. Quando decidiu deixar o que tinha para seguir a Jesus, perdeu a sua liberdade? Não foi essa a decisão mais livre e libertadora da sua vida? Às vezes, parece-nos que liberdade significa, antes de mais nada, ser capaz de escolher, sem que nada nos determine. No entanto, reduzida a esse horizonte, a liberdade limita-se a eleições pontuais, que mal chegam para iluminar alguns momentos: escolher se quero comer hambúrguer ou frango, se quero jogar futebol ou basquete, se quero ouvir esta música ou aquela.

Existem, no entanto, outros tipos de escolhas que podem lançar uma nova luz sobre a nossa vida; torná-la mais alegre, mais livre: são momentos em que pomos a vida em jogo por inteiro; decidimos quem queremos ser. A liberdade mostra-se aí na sua verdadeira amplitude, na sua capacidade de libertar. Já não estamos diante de decisões pontuais, mas perante decisões existenciais. Como quando alguém decide casar com uma pessoa, que considera o maior tesouro do mundo. Ou, de modo semelhante, quando um jovem decide ser médico, sabendo que isso exigirá uma série de esforços e sacrifícios nada pequenos. Entrega-se a uma pessoa ou abraça-se uma missão, renunciando a tudo o resto. Naturalmente, isso condicionará as suas futuras escolhas; no entanto, não se vê este passo como uma renúncia, mas como uma aposta num amor ou num projeto que irá preencher a sua vida. E assim, com o tempo, o seu nome não é mais o mesmo que ele teve desde o batismo: agora ele também é "o marido ou a mulher de ...", ou "o Dr. ...". O seu nome, a sua identidade, toma forma; a sua vida está a ganhar um sentido, uma direção.

Jesus apresenta-se diante de nós precisamente com uma escolha deste tipo. Ele criou-nos com alguns dons, com qualidades que nos fazem ser de uma maneira ou de outra. Mais tarde, ao longo da nossa vida, descobrimos um tesouro, uma missão que está como que oculta no nosso interior. «O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.» (Mt 13,44). Na verdade, o tesouro é Ele mesmo - o Seu amor incondicional; e a missão é a mesma que Ele recebeu do Pai. Se o descobri, já não preciso de continuar à procura. Posso abraçá-l'O com toda a minha vida e deixar que Ele dê forma a toda a minha existência. Como Pedro, apóstolo, Pedra sobre a qual a Igreja é fundada; como Paulo, Apóstolo das nações; como Maria, a escrava do Senhor, a Mãe do Salvador.

Abraçar essa tarefa - que é, na realidade, abraçar Jesus e segui-l'O - leva-nos a deixar tudo o resto. Porque nada nos pode libertar tanto como a verdade sobre nós mesmos: *veritas liberabit vos* (Jo

8,32). Assim, como São Paulo, poderemos afirmar: "Mas, tudo quanto para mim era ganho, isso mesmo considere perda por causa de Cristo. Sim, considero que tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor: por causa dele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo" (*Fp 3: 7-9*).

Talvez nos desconcerte um pouco descobrir essa proximidade de Jesus; que queira contar conosco. Ao mesmo tempo, quando paramos a pensar nisso, vemos que o que nos pede se encaixa perfeitamente com quem somos, com as nossas qualidades e com o que vivemos... Parece que nascemos *para isso*. O *novo* nome é então apresentado como algo que já estava lá, desde a criação do mundo... Deus fez-nos para isso. E, no entanto, talvez nos pareça demasiado. «Este tesouro, esta missão... para mim? Deus realmente fixou-se *em mim*?

### **Pôr em jogo todos os meus dons e qualidades**

Deus não nos chama apenas num momento da nossa vida: faz isso constantemente. Da mesma forma, a nossa resposta se estende por toda a nossa existência, ao ritmo das chamadas a amar cada dia de maneira renovada. «Desde que Lhe disseste "sim", o tempo vai mudando a cor do horizonte: cada dia mais belo, cada vez mais amplo e luminoso! Mas tens de continuar a dizer "sim".»[49].

São Pedro disse "sim" ao Senhor muitas vezes. Como naquela ocasião, em que todos os que seguiram o Mestre se foram embora escandalizados quando o ouviram falar do Pão da Vida (cf. *Jo 6, 60-71*), ou como quando Jesus insistiu em lavar os pés, embora lhe parecesse absurdo (cf. *Jo 13,6-10*). Pedro permaneceu com Jesus, confessando mais uma vez a sua fé. Contudo, o apóstolo não havia entendido completamente a lógica do Senhor. Ele ainda estava a sonhar com uma gloriosa manifestação do Senhor, um evento que imediatamente o tornaria poderoso, bem sucedido e famoso em todo o mundo. Levou alguns anos para descobrir que esse não era o modo de agir de Deus. Passou pela tristeza de negar Jesus três vezes, traindo-O. Teve que chocar com a sua própria fraqueza. No

entanto, no final, entendeu, porque nunca deixou de olhar Jesus. «O Senhor converteu Pedro - que O tinha negado três vezes - sem lhe dirigir sequer uma censura; só com um olhar de Amor.» [50]. Porque a vocação é, afinal de contas, um convite para olhar para Jesus, deixar-se olhar por Ele, compartilhar a Sua vida e tentar imitá-l'O. Até à entrega, cheia de amor, da própria vida.

O chamamento de Pedro tomou a sua forma final naquele dia, nas margens do Mar da Galileia, no seu encontro a sós com Jesus ressuscitado. Pode pedir-Lhe perdão ... lembrar-se do quanto O amava, com as suas poucas forças; e dizer-Lho novamente. O Mestre respondeu: «Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21,17) e depois acrescentou: «Segue-me» (Jo 21,19). Com isso estava tudo dito, porque Pedro já tinha descoberto que seguir o Senhor é amar até ao extremo, num maravilhoso caminho de entrega e serviço a todos: um caminho, não uma meta. O mesmo caminho que devemos percorrer todos os dias da nossa vida, pelas mãos de Jesus.

### **Uma vida plena**

Pedro morreu mártir em Roma. A tradição situa o lugar do martírio, por crucificação, na colina do Vaticano. Quando soube a sentença, talvez tivesse revisto toda a sua vida. A sua juventude, o seu carácter forte e determinado, o seu trabalho no mar da Galileia. O encontro com Jesus e, a partir desse momento, quantas coisas formosas! Alegrias e sofrimentos, tantas pessoas que passaram pela sua vida. Tanto amor. Sim, a sua vida tinha mudado muito. E tinha valido a pena.

Ao conhecer Simão, junto ao rio Jordão, o Senhor não viu apenas um homem já feito, com certas características. Viu nele Pedro: a Pedra sobre a qual iria edificar a Sua Igreja. Quando olhar para nós, vê todo o bem que vamos fazer na nossa vida. Vê os nossos talentos, o nosso mundo, a nossa história e oferece-nos a possibilidade de ajudá-l'O, a partir da nossa pequenez. Não nos pede que façamos coisas impossíveis, mas simplesmente que O sigamos.

Somos o que somos, nem mais nem menos, e esse modo de ser torna-nos aptos a seguir o Senhor e servi-Lo na Igreja. Pela Sua mão, somos chamados a encontrar a melhor maneira de fazê-lo. Cada um o que Deus tenha pensado para ele: "Temos dons que, consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se é o da profecia, que seja usado em sintonia com a fé; se é o do serviço, que seja usado a servir; se um tem o de ensinar, que o use no ensino; se outro tem o de exortar, que o use na exortação; quem reparte, faça-o com generosidade; quem preside, faça-o com dedicação; quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria."(Rm 12,6-8).

Pedro renunciou a ser aquele pescador de Betsaida tão seguro de si mesmo, e Deus pôde torná-lo assim mediador, com Cristo, entre a terra e o céu. A sua história foi repetida muitas vezes ao longo dos séculos. Até hoje. Os primeiros jovens que faziam parte do Opus Dei puseram os seus talentos nas mãos de Deus e deram um fruto que não poderiam ter imaginado. É o que S. Josemaria Ihes assegurava: "Sonhai e ficareis aquém!" Ou, como o Papa disse aos jovens, no final de uma vigília de oração: "Que o Senhor abençoe os vossos sonhos" [\[51\]](#).

O chamamento de Jesus puxa pelo melhor de cada uma e de cada um, para colocá-lo ao serviço dos outros, para levá-lo à plenitude. É o que vemos em Pedro. E nós, que descobrimos quanto Ele nos ama e que conta connosco, queremos estar também atentos ao Seu chamamento: hoje e todos os dias da nossa vida. E assim, quando nos encontrarmos com Ele, Ele nos dará «uma pedra branca; na pedra branca estará gravado um novo nome que ninguém conhece, a não ser o que a recebe.» (Ap 2:17): nós reconheceremos ... o nosso verdadeiro nome.

*Lucas Buch*

[Voltar ao índice](#)

II

RESPOSTA

Que o Senhor esteja no teu caminho

## 4. Como se descobre a vocação?

O sol já se pôs na Judeia. Nicodemos, inquieto, vai ter com Jesus. Procura respostas para o que está a ferver no seu interior. A chama de uma lamparina esculpe-lhes os rostos. O diálogo que se segue entre sussurros está cheio de mistério. As respostas do Nazareno às suas perguntas deixam-no perplexo. Jesus avisa-o: "O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito"(Jo 3,8). A vocação, toda a vocação, é um mistério e a sua descoberta, um dom do Espírito.

O livro dos Provérbios diz: "Há três coisas que são um mistério para mim, e uma quarta que não compreendo: o voo da águia nos céus, o rasto da cobra sobre a rocha, o rumo de um navio em pleno mar, e a atitude do homem para com a donzela "(Pr 30,18-19). Com muito mais razão, quem, sem a ajuda de Deus, poderia seguir o rasto da graça numa alma, identificar o seu propósito e descobrir o significado e o destino de uma vida? Quem, sem ser guiado pelos dons do Espírito Santo, seria capaz de saber "de onde e para onde vai" esse sopro divino na alma, muitas vezes audível na forma de anseios, incertezas, presságios e promessas? É algo que nos supera completamente. Portanto, a primeira coisa de que precisamos para vislumbrar o nosso chamamento pessoal é a humildade: pôr-se de joelhos perante o inefável, abrir o nosso coração à ação do Espírito Santo, que sempre pode surpreender-nos.

Para descobrir a própria vocação, ou para ajudar alguém a fazê-lo, não é possível, portanto, "oferecer fórmulas pré-fabricadas, ou métodos ou regras rígidos" [52]. Seria como tentar "pôr trilhos à ação sempre original do Espírito Santo" [53], que sopra onde quer. Numa ocasião, perguntaram ao Cardeal Ratzinger: "Quantos

caminhos há para chegar a Deus?" Com simplicidade desconcertante, respondeu: "tantos quantos os homens" [54]. Há tantas histórias vocacionais quantas as pessoas. Neste texto mostraremos, para ajudar a reconhecê-los, alguns dos marcos mais frequentes nesse caminho através dos quais se obtém a convicção sobre a própria vocação.

### **Inquietação do coração**

Nicodemos percebe uma inquietação no coração. Tinha ouvido Jesus pregar e ficou tocado. No entanto, alguns dos Seus ensinamentos escandalizaram-no. Tinha testemunhado os Seus milagres com assombro, sim, mas inquieta-o a autoridade com que Jesus expulsa os comerciantes do Templo, a que chama de "a casa do Meu Pai" (cf. *Jo 2,16*). Quem se atreve a falar assim? Por outro lado, interiormente mal pode reprimir uma secreta esperança: Será este o Messias? Mas ainda está cheio de incertezas e dúvidas. Ainda não dá o passo de seguir abertamente Jesus, embora procure respostas. E é por isso que vem ter com Ele de noite: «Rabi, nós sabemos que Tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais portentosos que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.» (*Jo 3,2*). Nicodemos está inquieto.

O mesmo acontece com outras figuras evangélicas, como o jovem que um dia se aproxima de Jesus e Lhe pergunta: «Mestre, que hei de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?» (*Mt 19,16*). Está insatisfeito. Tem o coração inquieto. Pensa que é capaz de mais. Jesus confirmará que a sua procura é fundamentada: "falta-te uma coisa..." (*Mc 10,21*). Também podemos pensar nos apóstolos André e João. Jesus, vendo que O seguiam, pergunta-lhes: «Que procurais?» (*Jo 1, 38*). Uns e outros eram "buscadores": estavam à espera de um acontecimento maravilhoso que mudasse as suas vidas e os enchesse de aventura. Tinham a alma aberta e faminta, cheia de sonhos, anseios e desejos. Inquieta.

Certa ocasião, um jovem perguntou a S. Josemaria como se sentia a vocação para a Obra. A sua resposta foi: "Não é uma questão de sentir, meu filho, embora se perceba quando o Senhor

chama. Está-se inquieto. Nota-se uma insatisfação... Não estás contente contigo mesmo!»[55]. Frequentemente, no processo de procura da própria vocação, tudo começa com esta inquietação de coração.

### **Uma presença amorosa**

Mas em que consiste essa inquietação? Onde vem? Ao relatar a cena do jovem que se aproxima do Senhor, São Marcos diz que Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele (*Mc 10,21*). Assim faz também connosco: de alguma forma, percebemos na nossa alma a *presença* de um amor de predileção que nos escolhe para uma missão única. Deus está presente nos nossos corações e procura o *encontro*, a comunhão. No entanto, esse objetivo ainda está por ser alcançado e, daí a nossa inquietação.

Essa presença amorosa de Deus na alma pode manifestar-se de diferentes maneiras: anelos de uma maior intimidade com o Senhor; gosto por satisfazer com a minha vida a sede de Deus pelas almas; desejos de fazer crescer a Igreja, a família de Deus no mundo; anseio de uma vida em que os talentos recebidos realmente rendam; sonho de aliviar tanto sofrimento em todos os lugares; a consciência de ser um agraciado: «Porquê eu e não os outros?»

O chamamento de Deus também pode ser revelado em acontecimentos aparentemente fortuitos, que nos tocam interiormente e deixam um rasto da sua passagem. Ao contemplar a própria vida, S. Josemaria explicou: "O Senhor preparou-me apesar de mim mesmo, com coisas aparentemente inocentes, que usou para colocar na minha alma aquela inquietação divina. Por isso, entendi muito bem esse amor, tão humano e tão divino, de Teresa do Menino Jesus, que se emociona quando, através das páginas de um livro, aparece uma gravura com a mão ferida do Redentor. Coisas desse estilo também aconteceram comigo, que me removeram"[56].

Outras vezes, essa presença amorosa descobre-se através de pessoas ou modos de viver o Evangelho que deixaram a marca de

Deus na nossa alma. Porque, embora às vezes seja um acontecimento ou um encontro inesperado que muda as nossas vidas, é muito comum que o nosso chamamento tome forma a partir do que vivemos até àquele momento. Ou ainda, às vezes são algumas palavras da Sagrada Escritura que ferem a alma, nidificam dentro dela e ressoam docemente, talvez até para nos acompanhar por toda a vida. Isto aconteceu, por exemplo, a Santa Teresa de Calcutá com uma das palavras de Jesus na cruz: "Tenho sede" (*Jo* 19, 28); ou a S. Francisco Xavier, para quem esta questão foi decisiva: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?" (*Mt* 16,26).

Mas talvez o aspeto mais característico dessa inquietação do coração seja que ela toma a forma do que poderíamos chamar uma *simpatia antipática*. Com palavras de S. Paulo VI, o chamamento de Deus é apresentado como "uma voz que é perturbadora e tranquilizante ao mesmo tempo, uma voz doce e imperiosa, uma voz irritante e ao mesmo tempo amorosa" [57]. O chamamento atrai-nos ao mesmo tempo que produz rejeição; impele-nos a abandonar-nos no amor, enquanto nos assustamos com o risco da liberdade: "Resistimo-nos a dizer sim ao Senhor, quer-se e não se quer" [58].

### **Unir os pontos na oração**

Nicodemos vai ter com Jesus impulsionado pela sua inquietação. A figura amável do Senhor já está presente no seu coração: já começou a amá-Lo, mas precisa de se encontrar com Ele. No diálogo que se segue, o Mestre abre-lhe novos horizontes: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.» e convida-o a uma nova vida, a um novo começo; nascer "da água e do Espírito" (*Jo* 3,5). Nicodemos não entende e pergunta simplesmente: e como pode ser isso? (cf. *Jo* 3,9). Nesse encontro face a face com Jesus, pouco a pouco, ir-se-á formando uma resposta sobre quem ele é para Jesus, e quem deve ser Jesus para ele.

Para que a inquietação do coração adquira um significado relevante no discernimento da própria vocação, deve ser lida,

valorizada e interpretada na oração, no diálogo com Deus: "Porque acontece isto agora, Senhor? Que me queres dizer? Porquê estes anseios e inclinações no meu coração? Por que é que isto me incomoda e não aos que me rodeiam? Porque me amas tanto? Como fazer o melhor uso destes dons que me deste?"» Somente com esta disposição habitual de oração é que se vislumbra o cuidado amoroso de Deus - a Sua Providência - nos acontecimentos da nossa vida, nas pessoas que fomos encontrando, até mesmo na forma como o nosso carácter se foi moldando, com seus gostos e aptidões. É como se Deus, ao longo do caminho, tivesse colocado alguns pontos que, somente agora, unindo-os na oração, assumem a forma de um desenho reconhecível.

Bento XVI explicou assim: "O segredo da vocação está no relacionamento com Deus, na oração que cresce precisamente no silêncio interior, na capacidade de ouvir que Deus está próximo. E isso é verdade tanto antes da escolha, ou seja, no momento de decidir e partir, como depois, se se quiser perseverar e ser fiel ao longo do caminho"[\[59\]](#). Portanto, para aqueles que se interrogam sobre a sua vocação, primeiro e fundamental é aproximar-se de Jesus em oração e aprender a ver com os Seus olhos a própria vida. Talvez aconteça como àquele cego a quem Jesus unge com saliva nos olhos: ao princípio vê tudo turvo; Os homens parecem árvores a andar. Mas deixa que o Senhor insista, e acaba por ver tudo claramente (cf. *Mc 8,22-25*).

## **O detonador**

Dois anos depois desse encontro noturno com Jesus, terá lugar um acontecimento que forçará Nicodemos a assumir uma posição definida e a dar-se a conhecer abertamente como um discípulo do Senhor. Instigado pelos príncipes dos sacerdotes e os fariseus, Pilatos crucifica Jesus de Nazaré. José de Arimateia consegue licença para retirar o Seu corpo e enterrá-Lo. E São João escreve: "Nicodemos, aquele que antes tinha ido ter com Jesus de noite, apareceu também" (*Jo 19,39*). A cruz do Senhor, o abandono dos Seus discípulos e, talvez, o exemplo da fidelidade de José de

Arimateia, interpelam pessoalmente Nicodemos e forçam-no a tomar uma decisão: "Outros fazem isto; que vou eu fazer com Jesus?"

Um detonador é uma pequena quantidade de explosivo, mais sensível e menos potente, que é iniciado por meio de um pavio ou de uma faísca elétrica e, portanto, explode a massa principal de explosivo, menos sensível, mas mais poderosa. No processo de procura da vocação, muitas vezes há um acontecimento que, como detonador, atua sobre todas as preocupações do coração, e lhes faz cobrar um sentido preciso, apontando um caminho e encorajando a segui-lo. Este acontecimento pode ser muito diversificado e a sua carga emocional pode ter mais ou menos entidade. O importante, como acontece com a inquietação do coração, é que seja lido e interpretado na oração.

O detonador pode ser uma moção divina na alma, ou o inesperado encontro com o sobrenatural, como aconteceu com o papa Francisco quando tinha cerca de 17 anos. Era um dia de setembro, e preparava-se para sair para festejar com os seus colegas. Mas decidiu passar pela sua paróquia primeiro. Quando chegou, encontrou-se com um padre que não conhecia; impressionou-se com o seu recolhimento, pelo que decidiu confessar-se a ele. «Nessa confissão algo estranho aconteceu comigo, não sei o que foi, mas mudou a minha vida; diria que me surpreenderam com as defesas baixas», evocou passado meio século. E interpretou assim: "Foi a surpresa, o espanto de um encontro; percebi que estavam esperando por mim. Daquele momento em diante, para mim, Deus é o mais importante. Procuramo-Lo, mas Ele procura-nos primeiro»[\[60\]](#).

Outras vezes, o detonador será o exemplo da entrega de um amigo próximo: «o meu amigo entregou-se a Deus, e que tal eu?»; ou o seu amável convite para acompanhá-lo num caminho concreto: aquele «Vem e verás!» (Jo 1:46) de Filipe a Natanael. Pode até ser um acontecimento aparentemente trivial, mas cheio de significado para aquele que já tem a inquietação no seu coração. Deus sabe usar até mesmo coisas muito pequenas para remover a nossa alma.

Foi o que aconteceu a S. Josemaria quando, no meio da neve, o Amor de Deus saiu ao seu encontro.

Muitas vezes, no entanto, mais do que uma detonação, é uma decantação, que ocorre simplesmente no gradual amadurecimento da fé e do amor, através da oração. Pouco a pouco, quase sem se perceber, com a luz de Deus, chega-se a uma certeza moral sobre a vocação pessoal, e essa decisão é tomada com o impulso da graça. O Beato John Henry Newman descreveu brilhantemente esse processo, lembrando a sua conversão: "A certeza é instantânea, ocorre num momento específico; a dúvida, no entanto, é um processo. Eu ainda não estava perto da certeza. A certeza é uma ação reflexa: é saber que se sabe. E isso é algo que eu não tive até pouco antes da minha conversão. Mas (...) quem pode dizer o momento exato em que a ideia que se tem, como os pratos da balança, começa a mudar, e o que era mais provável a favor de um lado começa a ser a dúvida?" [61]. Este processo de decantação, no qual uma decisão de entrega é amadurecida pouco a pouco e sem sobressaltos, é na realidade normalmente muito mais seguro do que o provocado pelo relâmpago fulgurante de um sinal externo, que pode facilmente deslumbrar-nos e confundir-nos.

Em qualquer caso, ao dar-se esse ponto de inflexão, não só se clarifica a nossa visão: também a nossa vontade é movida a abraçar esse caminho. Por isso, S. Josemaria escreveu: "Se me perguntarem como se nota o chamamento divino, como nos damos conta, direi que é uma visão nova da vida. É como se se acendesse uma luz dentro de nós; é um impulso misterioso»[62]. O chamamento é luz e impulso. Luz na nossa inteligência, iluminada pela fé, para ler a nossa vida; impulso no nosso coração, inflamado no amor de Deus, para desejar seguir o convite do Senhor, mesmo com aquela *simpatia antipática* característica das coisas de Deus. Portanto, convém que cada um peça "não apenas a luz para ver o seu caminho, mas também a força para se unir à vontade divina" [63].

### **A ajuda da direção espiritual**

Não sabemos se Nicodemos consultou outros discípulos, antes ou depois de ver Jesus. Talvez tenha sido José de Arimateia quem o encorajou a seguir Jesus abertamente, sem temer os outros fariseus. Desta forma, o teria levado ao seu encontro definitivo com Jesus. É precisamente nisso que consiste o acompanhamento ou direção espiritual: poder contar com o conselho de quem caminha conosco; alguém que tenta viver em harmonia com Deus, que nos conhece e nos quer bem.

É verdade que o chamamento é sempre algo entre Deus e eu. Ninguém pode ver a vocação por mim. Ninguém pode decidir por mim. Deus dirige-se a mim, convida-me e dá-me a liberdade de responder, e a sua graça para o fazer... a mim. No entanto, neste processo de discernimento e decisão, é de grande ajuda ter um guia especializado; entre outras coisas, para confirmar que tenho as aptidões objetivas necessárias para empreender esse caminho, e para assegurar a retidão da minha intenção ao tomar a decisão de me entregar a Deus. Por outro lado, como diz o Catecismo, um bom diretor espiritual pode tornar-se um mestre de oração [64]: alguém que nos ajuda a ler, amadurecer e interpretar as ansiedades do coração, inclinações e acontecimentos na nossa oração. Também nesse sentido, o seu trabalho ajudará a esclarecer a própria chamada. Finalmente, é alguém que talvez nos diga um dia, como São João a São Pedro, quando viu à distância o homem que lhes falava da margem: "É o Senhor" (*Jo 21,7*).

Em todo o caso, o discernimento é, em grande parte, um caminho pessoal; e assim é também a decisão final. O próprio Deus nos deixa livres. Mesmo depois do detonador. Portanto, após o momento inicial, é fácil que surjam dúvidas. Deus não para de nos acompanhar, mas fica a uma certa distância. É verdade que Ele fez tudo e continuará a fazê-lo, mas agora quer que demos o último passo com plena liberdade, com a liberdade do amor. Não quer escravos, quer filhos. E por isso, ocupa um lugar discreto, sem se impor à consciência, quase poderíamos dizer de "observador". Contempla-nos e espera paciente e humildemente pela nossa decisão.

\*\*\*

"Conceberás no teu seio e darás à luz um filho" (Lc 1, 31-32). No instante de silêncio que se seguiu ao anúncio do Arcanjo São Gabriel, o mundo inteiro parecia conter a respiração. A mensagem divina tinha sido entregue. A voz de Deus tinha-se deixado ouvir durante anos no coração da Virgem. Mas agora, Deus ficou em silêncio. E esperava. Tudo dependia da resposta livre daquela donzela de Nazaré. «Então Maria disse: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.»(Lc 1,38). Anos depois, ao pé da cruz, Santa Maria receberia das mãos de Nicodemos o cadáver do seu Filho. Que impressão faria neste discípulo recém-chegado ver como, no meio dessa dor imensa, a Mãe de Jesus aceitava e amava mais uma vez os caminhos de Deus: "Faça-se em mim segundo a tua palavra". Como não podemos dar tudo por um amor tão grande?

*José Brage*

[Voltar ao índice](#)

## 5. Para a música soar

Quando Jesus falava do Reino de Deus, sabia que se tratava de algo muito diferente do que os que O ouviam podiam imaginar; muito diferente também do que tendemos a imaginar hoje. Por isso empregava parábolas: histórias e imagens que, mais do que dar uma definição, convidam a penetrar num mistério. Jesus compara o Reino de Deus, por exemplo, com «um grão de mostarda que, ao ser deitado à terra, é a mais pequena de todas as sementes que existem; mas, uma vez semeado, cresce, transforma-se na maior de todas as plantas do horto e estende tanto os ramos, que as aves do céu se podem abrigar à sua sombra.» (Mc 4,31-32). Um pequeno grão que é enterrado, que desaparece aos olhos dos homens e cai no esquecimento; mas que não para de crescer, enquanto a história segue o seu curso, aparentemente alheia a ela. Cresce, mesmo à noite, quando ninguém a cuida, quando ninguém lhe presta atenção.

Em 2 de outubro de 1928, Deus fez com que S. Josemaria descobrisse na sua alma uma semente que só Ele podia ter colocado: um grãozinho de mostarda que foi chamado a crescer no grande campo da Igreja. Conserva-se uma nota, escrita depois de alguns meses, que recolhe em poucos traços o *código genético* daquela semente: "Cristãos simples. Massa em fermento. O que é próprio de nós é o normal, com naturalidade. Meio: o trabalho profissional. Todos santos! Entrega silenciosa»[65]. Desde que Deus lhe deu a missão de cuidar dessa semente, S. Josemaria já não viveu para mais nada. E o que era então tudo promessa, tudo esperança, hoje é uma árvore frondosa que acolhe muitas almas e dá sabor a muitas vidas.

**O normal é querer ser santo**

"Cada santo", escreve o Papa, "é uma missão; (...) é uma mensagem que o Espírito Santo tira da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo »[66]. S. Josemaria recebeu uma mensagem e encarnou-a. Ele mesmo se converteu na mensagem, e a sua vida e as suas palavras começaram a interpelar muitas pessoas. «Que a tua vida não seja uma vida estéril. - Sê útil. - Deixa rasto. - Ilumina, com o resplendor da tua fé e do teu amor. Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. - E incendeia todos os caminhos da Terra com o fogo de Cristo que levas no coração.»[67].

Ele tinha esse fogo dentro, como percebeu imediatamente José Luis Múzquiz , um dos primeiros fiéis do Opus Dei a receber a ordenação sacerdotal. No seu primeiro encontro com ele, S. Josemaria falou-lhe de algo que talvez ninguém lhe tivesse proposto antes: ser apóstolo no seu local de trabalho. E imediatamente acrescentou: "não há amor além do Amor; os outros amores são pequenos». Esta frase impressionou profundamente o seu interlocutor: "Via-se que lhe saía do fundo da alma, de uma alma enamorada de Deus. Então os circuitos mentais que tinha acabaram de fundir-se»[68].

Numa missa de ação de graças pela beatificação desta alma enamorada, o então cardeal Ratzinger explicou, com esse misto de simplicidade e profundidade tão seu, como "o significado da palavra "santo" tem sofrido ao longo dos tempos um estreitamento perigoso, que, sem dúvida, continua a influenciar ainda hoje. Faz-nos pensar nos santos que vemos representados nos altares, em milagres e virtudes heroicas, e sugere que a santidade é para uns poucos escolhidos, entre os quais não nos podemos incluir. Então deixamos a santidade para esses poucos, cujo número desconhecemos, e conformamo-nos simplesmente em ser como somos. No meio desta apatia espiritual, Josemaria Escrivá atuou como um despertador, clamando: Não, a santidade não é o extraordinário, mas o comum, o normal para cada batizado. A santidade não consiste em certos heroísmos impossíveis de imitar, mas tem mil formas e pode tornar-se realidade em qualquer lugar e profissão. É a normalidade »[69].

O natural, então, para um cristão, é querer ser santo. Por isso, desde muito cedo, S. Josemaria escreveu: «Os santos não foram seres disformes, casos de estudo para um médico modernista. Foram e são normais; de carne, como a tua. - E venceram.» [70]. O chamamento ao Opus Dei supõe uma tomada de consciência desta normalidade da santidade; o desejo de se tornar "intérpretes" desta mensagem simples, desta música. Existem, com efeito, as "partituras": a vida e a pregação de S. Josemaria; a proclamação do chamamento universal à santidade, por parte do Concílio Vaticano II [71]; o recente Magistério dos Papas, que desenvolve este ensinamento ... e, acima de tudo, o Evangelho [72]. Há, então, as partituras; mas é necessário que a música soe em todos os cantos do mundo, com uma infinidade de variações que ainda estão para ver a luz: as vidas concretas de muitos cristãos.

### **Tão perto que vivamos com Ele**

Ao inspirar o Opus Dei, o Senhor deu à sua Igreja um caminho, uma espiritualidade "projetada" para encarnar em todo o tipo de paisagens quotidianas, para se fundir com o trabalho e a vida normal de pessoas muito diferentes. Esta mensagem está exposta e anotada por S. Josemaria em numerosos escritos, homilias, encontros familiares, viagens de catequese, etc., em todos os quais ressoa a afirmação de um dos pontos de Sulco: "De longe - além, no horizonte - parece que o céu se une à terra. Não te esqueças de que, na realidade, onde a Terra e o Céu se unem é no teu coração de filho de Deus." [73]. Portanto, embora a vocação para as pessoas do Opus Dei encha as pessoas de iniciativa, de vontade de melhorar o seu ambiente, não as leva fundamentalmente a fazer coisas, ou a fazer mais coisas que as que já fazem. Leva-as sobretudo a fazê-las de outro modo, estando com Deus em tudo o que fazem, procurando compartilhar tudo com Ele.

«Filhos, seguir a Cristo (...) é a nossa vocação. E segui-!O tão de perto que vivamos com Ele, como os primeiros Doze; tão perto que nos identifiquemos com Ele, que vivamos a Sua Vida, até que chegue o momento em que não tenhamos colocado obstáculos, em

que possamos dizer com São Paulo: não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim (*Gal 2,10*).»[74].

Um dos primeiros supranumerários lembra-se da sua surpresa quando o Fundador da Obra lhe disse: «Deus chama-te por caminhos de contemplação». Para ele, que era casado e tinha filhos, e que tinha que lutar para levar a sua família avante, foi "uma verdadeira descoberta" [75]. Noutra ocasião, S. Josemaria aconselhou: "Fala, fala ao Senhor:" Canso-me, Senhor, não aguento mais. Senhor, isto não sai; Como o farias? "» [76]. Isso, precisamente, é a contemplação no meio do mundo: um olhar profundo e afetoso para a realidade, alimentado pelo olhar de Deus, por um diálogo contínuo com Ele. S. Josemaria resumia este belo desafio numa frase redonda: "quanto mais dentro do mundo estivermos, tanto mais temos de ser de Deus." [77]. E essa proximidade, essa intensa amizade com Ele, é a raiz da qual brotam dois traços que, embora não sejam exclusivos da vocação à Obra, têm um relevo particular para os cristãos que Deus chama por este caminho: o chamamento a ser apóstolos, a dar a conhecer a Cristo, e a missão de transformar e reconciliar o mundo com Deus através do seu trabalho.

Antes de nos determos neles, porém, surge uma questão lógica: se, como S. Josemaria pregou durante toda a sua vida, e o Papa nos lembrou recentemente, a santidade é para todos; se o Senhor ordena a todos os cristãos que comuniquem o Evangelho, qual é então a especificidade da vocação ao Opus Dei como resposta ao chamamento para encontrar Deus no meio do mundo? É relativamente simples de explicar se tivermos em conta que as várias vocações cristãs são determinações, modalidades ou canais da vida e vocação comunicadas pelo batismo. Concretamente, "a vocação ao Opus Dei *recolhe, acolhe, dá corpo* à entrega ou dedicação a Deus e aos outros que é reclamada pela vocação cristã; o único que se *acrescenta* de peculiar é, precisamente, o *caminho*: que essa dedicação se leva a cabo formando parte de uma instituição concreta da Igreja ( o Opus Dei): com uma determinada espiritualidade e com meios formativos e apostólicos

precisos"[78], que visam em especial servir a Deus e aos outros através do trabalho e das coisas normais de todos os dias. Por outras palavras: quem descobre e acolhe o seu chamamento ao Opus Dei decide dar a vida pelos outros (que é a essência da vida cristã), e conta com um caminho para acometer esse desafio, pela mão de Deus e com a ajuda de uma grande família. E é por isso que está disposto a fazer tudo o que puder da sua parte para que este carisma alimente a sua vida interior, ilumine a sua inteligência, enriqueça a sua personalidade... de modo que possa efetivamente encontrar Deus na sua vida e, ao mesmo tempo, compartilhar esse achado.

A iluminação divina do 2 de outubro de 1928, e outras que se lhe seguiram, mostraram a S. Josemaria que deveria dedicar a sua vida a promover entre todos os cristãos correntes - homens e mulheres que vivem no mundo, dedicados às mais diversas tarefas humanas - a consciência de que todos são chamados à santidade e ao apostolado. E a fazê-lo, promovendo uma instituição, o Opus Dei, composta de cristãos comuns que, acolhendo o chamamento divino para tornar este ideal seu, dessem testemunho com as suas próprias vidas não apenas da sua grandeza, mas também da possibilidade, com a ajuda da graça, de procurar levá-lo à prática, mesmo com as suas próprias limitações.

### **Todos os que tiverem o coração grande**

No caminho de Betânia para Jerusalém, Jesus sente fome. Procura algo para comer e aproxima-Se de uma figueira (*Mt 21,18*). «Aproxima-se de ti e aproxima-se de mim. Jesus tem fome e sede de almas. Do alto da cruz clamou: *sítio!*, tenho sede. Sede de nós, do nosso amor, das nossas almas e de todas as almas que lhe devemos levar pelo caminho da Cruz, que é o caminho da imortalidade e da glória do Céu.»[79].

A vocação à Obra supõe um forte "contágio" dessa *fome e sede* de Deus. Quando S. Josemaria se esforçava para levar para a frente a primeira residência da Obra, houve quem o aconselhasse a que não se precipitasse. Num retiro, anotava: "Pressa. Não é

pressa. É que Jesus empurra»[80]. Urgia-o, como a S. Paulo, o amor de Cristo (Cf 2 Cor 5, 14). E com essa mesma serena urgência, quer Deus que batamos à porta de cada um e de cada uma: "Dá-te conta, quem quer que sejas, de que és amado!" [81]. E isso com normalidade, com naturalidade, querendo e deixando-nos ser queridos por todos, ajudando, servindo, transmitindo o que sabemos, aprendendo, compartilhando desafios e trabalhos, problemas e angústias, criando laços de amizade ... Onde nascemos, onde trabalhamos, onde descansamos, onde compramos, podemos ser fermento, sal, luz do mundo.

Deus não chama à Obra super-heróis. Chama pessoas normais, desde que tenham um coração grande e magnânimo, um coração em que caibam todos. Assim o vislumbra já S. Josemaria num texto dos primeiros anos, pensando naqueles que poderiam receber o chamamento de Deus para a Obra: "não têm lugar: os egoístas, nem os cobardes, nem os indiscretos, nem os pessimistas, nem os tíbios nem os tolos, nem os preguiçosos, nem os tímidos nem os frívolos. Cabem: os enfermos, prediletos de Deus, e todos os que tiverem um grande coração, mesmo que as suas fraquezas tenham sido maiores "[82]. Em resumo, quem descobre que Deus os chama ao Opus Dei pode ser uma pessoa com defeitos, com limitações, com misérias; mas também com grandes ideais, com ânsias de amar, de pegar o amor de Deus aos outros.

### **Amar o mundo como Deus o ama**

"Tanto amou Deus o mundo - lemos no Evangelho de S. João -, que lhe entregou o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. " (Jo 3,16). Deus ama *apaixonadamente* o mundo que criou, que não só não é um obstáculo para a santidade, mas é o seu lugar de origem. E a mensagem da Obra traz na sua entranha esta convicção: podemos ser santos não *apesar* de viver no mundo, mas precisamente *por ocasião* disso, profundamente *imersos* nele. Porque o mundo, essa misteriosa amálgama de grandezas e misérias, de amor e de ódio,

de rancor e perdão, de guerras e paz, "espera a manifestação dos filhos de Deus" (*Rm* 8,19).

Para falar da nossa relação com o mundo, o Génesis usa dois verbos: "guardar" e "cultivar" (cf. *Gn* 2,15). Com o primeiro, que também é usado para exprimir o cumprimento dos mandamentos, o Senhor torna-nos responsáveis pelo mundo; diz-nos que não podemos usá-lo de maneira despótica. Com o segundo, «cultivar», que significa tanto «trabalhar» (geralmente a terra) como «dar culto» (cf. *Nm* 8,11), Deus une o trabalho ao culto: trabalhando não só nos realizamos, mas também damos um culto agradável a Deus, porque amamos o mundo como Ele o ama. Santificar o trabalho é, portanto, em suma, tornar o mundo mais belo, abrir espaço nele para Deus.

Ele mesmo quis guardar e cultivar o mundo que saiu das Suas mãos de Criador, trabalhando com mãos de homem, de criatura. Se durante séculos os anos da vida oculta do Senhor na oficina de Nazaré se perceberam como anos de obscuridade, sem brilho, à luz do espírito da Obra tornam-se "claros como a luz do sol" (...), resplendor que ilumina os nossos dias e lhes dá uma autêntica projeção »[83]. É por isso que S. Josemaria animava os seus filhos a meditar com frequência neste trabalho, que nos recorda o crescimento do grão de trigo, oculto e silencioso. Foi assim que Jesus cresceu - Ele próprio se compararia mais tarde ao grão de trigo (cf. *Jo* 12,24) - na oficina de José e da sua Mãe, naquela oficina-lar.

A vida simples da Sagrada Família mostra como há obras que, embora pareçam insignificantes, aos olhos de Deus têm um valor imenso, devido ao amor, cuidado e desejo de serem úteis que transparece nelas. Em suma, porque as fazemos com "sentido vocacional": "Quando uma pessoa descobre Deus o chama para algo, que foi feito para isso - seja enfermagem, carpintaria, comunicação, engenharia, docência, arte ou qualquer outro trabalho - então será capaz de mostrar as suas melhores capacidades de sacrifício, generosidade e dedicação". Portanto, "santificar o trabalho não é fazer algo santo enquanto se trabalha, mas

precisamente fazer o próprio trabalho santo" [84]. Desta forma, "o trabalho humano bem acabado torna-se num colírio, para descobrir Deus (...) em todas as coisas"[85]. E isto acontece precisamente no nosso tempo, quando o materialismo está empenhado em transformar o trabalho num barro que cega os homens e os impede de olhar para Deus"[86].

Para dar fruto, o grão precisa de se esconder, desaparecer. Foi assim que S. Josemaria viu a sua vida: "ocultar-me e desaparecer é que é próprio de mim, que só Jesus brilhe" [87]. E assim também quer Deus que vejam a sua vida todos os homens e mulheres que Ele chama e continuará a chamar à Obra. Como os primeiros cristãos: pessoas normais e correntes que, se fizeram barulho, não o faziam para receber aplausos, mas para que Deus pudesse brilhar. Pessoas que, acima de tudo, "viveram de Cristo e deram a conhecer Cristo (...): semeadores de paz e alegria, da paz e da alegria que Jesus nos trouxe" [88].

*Eduardo Camino / Carlos Ayxelá*

[Voltar ao índice](#)

## 6. Quem dá a vida pelos seus amigos

«E Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou» (*Gn 1,27*). Assim conta o primeiro relato do Génesis a origem do homem e da mulher: Deus cria-os ao mesmo tempo. Ambos têm a mesma dignidade, porque são a Sua imagem viva. O segundo relato detém-se novamente neste acontecimento (*Gn 2,7-25*), mas fá-lo como que em câmara lenta: Deus cria primeiro o varão e coloca-o no jardim do Éden. O mundo reflete beleza em todos os seus detalhes: o céu, as águas do mar, os rios que cruzam as montanhas e as árvores de todo o tipo de espécies. Um cenário maravilhoso perante o qual, no entanto, Adão se sente sozinho.

Para o tirar dessa solidão, o Senhor cria toda a variedade de criaturas vivas que habitam o Paraíso: os pássaros do céu, os peixes que sulcam os mares, os animais terrestres. Mas nada disso parece ser suficiente para o homem. É então que Deus decide conceder-lhe uma "ajuda adequada" (*Gn 2,18*) e, da própria costela do homem, Ele cria a mulher. Adão encontra finalmente uns olhos que lhe devolvem um olhar semelhante ao dele: "Esta sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (*Gn 2,23*). Este encontro enche-o de alegria, mas acima de tudo, ilumina a sua identidade: diz-lhe quem ele é, de uma forma nova. Faltava ao homem alguma coisa, que só alguém igual a ele lhe podia dar.

**«Não é bom que o homem esteja só»**

Estas páginas do *Génesis* contêm verdades fundamentais sobre o ser humano. E revelam-nas de forma narrativa, com uma linguagem simbólica, mais do que com uma reflexão teórica. A solidão de Adão tem, portanto, um profundo significado antropológico. S. João Paulo II dizia que todo o homem e toda a

mulher participam dessa *solidão originária*. E nalgum momento da sua vida têm que enfrentar-se com ela [89]. Quando Deus diz "não é bom que o homem esteja só" (Gn 2,18), refere-se realmente a ambos [90]. Tanto o homem como a mulher precisam de ajuda para sair dessa solidão, de um caminho para caminharem juntos até à plenitude que lhes falta. E isso é o casamento.

Quando, séculos depois, Jesus vier a lembrar aos fariseus como eram as coisas "no princípio", vai referir-se precisamente a esta passagem da Bíblia (cf Mt 19,1-12). O casamento cristão é uma chamada de Deus que convida um homem e uma mulher a caminharem juntos em direção a Ele. E não apenas juntos, mas também *um através do outro*. O cônjuge é, para uma pessoa casada, caminho imprescindível para Deus. Um caminho em que a carne se torna cenário de comunhão e de entrega por amor, matéria e espaço de santificação. O amor matrimonial é assim um encontro de corpos e almas que embeleza e transfigura o afeto humano: com a graça do sacramento, dá-lhe um alcance sobrenatural.

O amor entre um homem e uma mulher aponta, ao mesmo tempo, para além de si mesmo. Quando é verdadeiro, é sempre um *caminho para* Deus, não uma meta. A meta continua a ser a plenitude que só se encontra n'Ele. Por isso, não tem nada de estranho que uma pessoa casada possa às vezes sentir essa solidão originária. Contudo, tal sentimento não significa, como às vezes se apresenta, que o amor tenha acabado, e que possa começar outra história, porque essa nova história também não seria suficiente. Pelo contrário, tal solidão é um sinal de que o coração humano tem uma sede que só pode ser completamente saciada no Amor infinito de Deus.

### **A psicologia de quem sabe que não está sozinho**

Nesse mesmo diálogo sobre o casamento, depois de recordar o ensinamento do Génesis, Jesus dá um passo em frente. A entrega mútua do homem e da mulher é um formoso caminho que leva a Deus. Mas não é o único caminho possível. O Senhor fala daqueles que, por um dom especial, renunciam ao matrimónio "pelo Reino

dos Céus" (Mt 19,12). Ele mesmo percorreu esse caminho: permaneceu celibatário. Na Sua vida, não tinha razão de ser uma mediação para Deus: "o Pai e Eu somos um" (Jo 10,30), "Eu estou no Pai e o Pai em Mim" (Jo 14,11). E Jesus não só percorreu esse caminho, mas quis Ele mesmo tornar-Se o Caminho para que muitas outras pessoas pudessem amar dessa maneira, que "só pode ter sentido a partir de Deus" [91].

A História da Igreja está cheia de histórias de pessoas que acolheram a chamada de Jesus para se identificarem com Ele também neste aspeto: uma característica muito própria de Jesus, que pertence à entranha da Sua vida, embora não seja, naturalmente, para todos os cristãos. Aqueles que responderam à chamada ao celibato, já desde os primeiros séculos, não desprezavam o casamento. Talvez até esse outro caminho tivesse chegado a entusiasamá-los tanto como o que iam empreender. Mas precisamente por isso, porque percebiam a vida conjugal como uma realidade boa e bela, eles podiam entregar esse projeto a Deus com uma alegria radiante. "Só entre os que compreendem e valorizam em toda a sua profundidade (...) [o] amor humano", escreve S. Josemaria, "pode surgir essa outra compreensão inefável de que Jesus falará (cf. Mt 19,11), que é um puro dom de Deus, e que impele a entregar o corpo e a alma ao Senhor, para Lhe oferecer o coração indiviso, sem a mediação do amor terreno "[92]. De certa forma, àqueles a quem Deus chama ao celibato, leva-os a descobrir a fonte e a meta de todo o amor autêntico. Eles são alcançados de uma maneira especial pelo Amor que encheu o coração de Jesus e que foi derramado na Sua Igreja.

O celibato é pois um caminho que reflete a gratuidade do amor d'Aquele que dá sempre o primeiro passo (1 Jo 4,19). Mesmo que possa parecer que os celibatários reduzem a sua liberdade ao oferecerem a Deus a possibilidade de construir uma família, na realidade ampliam-na: o seu abandono nas mãos de Deus, a disposição de deixar por Ele «casa, irmãos ou irmãs, pai ou mãe, filhos ou terras "(Mt 19,29) torna-os, de modo particular," livres para amar "[93]. Como uma pessoa casada, devem guardar os seus

corações, para que o amor que têm dentro deles não se desvie de Deus, e para o poderem dar aos outros. Contudo, a sua dedicação não se concentra na pessoa do cônjuge, mas em Cristo, que os envia a todo o mundo, para transmitirem "o bater do Seu Coração amabilíssimo" [94] às pessoas concretas que os rodeiam.

Assim foi a vida de Jesus. Ele não se sentia só, porque se sabia sempre acompanhado pelo Seu Pai: «Dou-Te graças, ó Pai, porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves» (Jo 11,41-42). Para nós, porém o risco da solidão permanece. Mas quando Cristo preenche realmente o coração de uma pessoa, ela já não está sozinha. Por isso, S. Josemaria dizia que Deus lhe tinha dado "a psicologia de quem nunca se encontra só, nem humana nem sobrenaturalmente só" [95]. Nalgumas linhas, em que se percebe o sabor do vivido, escreveu: "O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, dilata-se num *crescendo* de carinho que supera todas as barreiras. Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar no teu coração" [96].

### **João, um coração virginal**

Na Última Ceia, algumas horas antes de entregar a sua vida, Jesus abre o coração aos Apóstolos: "Ninguém tem maior amor", diz Ele, "do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (Jo 15,13). Estas palavras, que concentram todo o Seu amor pelos homens, são também um chamamento. Por isso, o Senhor diz aos Seus Apóstolos: "a vós, chamo-vos amigos" (Jo 15,15). Eles são, como todos os homens, destinatários do Seu amor "até ao extremo" (Jo 13,1), mas são também amigos de um modo especial. "O Amigo" convida-os a fazer como Ele [97]: a dar também a vida pelos seus amigos. Estas palavras estão, indubitavelmente, na origem de toda a vocação cristã, mas sempre ressoaram de maneira especial nos corações daqueles que O seguiram deixando tudo.

A Cruz será o lugar da maior manifestação do Amor: nessa cena sublime, com a ajuda de Maria e das santas mulheres, emerge a figura do apóstolo João. " À hora da verdade, todos hão-de fugir, exceto João, que O amava com obras e de verdade. Só este

adolescente, o mais jovem dos Apóstolos, permanece junto da Cruz. Os outros não sentiam esse amor tão forte como a morte "[98]. Desde o amanhecer da adolescência, o amor a Jesus tinha ressoado no seu coração. Sabemos como guardava na sua memória a recordação do dia em que encontrou o Senhor: «João cruzou o seu olhar com o de Cristo, seguiu-O e perguntou-lhe: *Mestre, onde moras?* Foi com Ele, e esteve com o Mestre o dia todo. Depois conta-o, no passar dos anos, com uma naturalidade encantadora, como um adolescente que escreve um diário em que abre o seu coração e regista até a hora: *hora autem erat quasi decima...* Lembra-se mesmo do exato momento em que Cristo olhou para ele, de quando Cristo o atraiu, de quando ele não resistiu a Cristo, de quando se apaixonou por Cristo »[99].

Podemos imaginar como Jesus, na Cruz, se teria comovido ao ver o jovem discípulo que "na Ceia se tinha apoiado sobre o Seu peito" (Jo 21,20). Talvez não tenha sido uma surpresa para Ele encontrar a Sua mãe. De um modo ou de outro, sempre tinha permanecido ao Seu lado. Uma mãe apoia sempre o filho. Mas ao lado dela, o olhar do Senhor descobre um amigo: João. No meio da angústia daquela hora, os seus olhos encontram-se. Que alegria tão grande deve ter trazido ao coração do Senhor! E é precisamente então, diz-nos o Evangelho, ao vê-lo junto da Sua Mãe, que o Senhor introduz João na relação única que existia entre Maria e Ele: "Jesus, vendo a Sua Mãe e o discípulo a quem amava, junto d'Ela, disse à Mãe: "Mulher, aqui tens o teu filho. E depois disse ao discípulo: "Aqui tens a tua Mãe" (Jo 19, 26-27).

Anos mais tarde, João escreveria: "Nós amamos o Senhor, porque Ele nos amou primeiro" (1 Jo 4,19). Esta declaração surpreendente nasce da sua experiência pessoal. João sabia-se profundamente amado por Jesus. Era uma realidade que o preenchia e que dava um sentido novo à sua existência: levar esse mesmo amor a todo o mundo. «João, dizia o Bem-Aventurado John Henry Newman, teve o privilégio indescritível de ser o *amigo de Cristo*. E assim aprendeu a amar os outros. Primeiro, o seu afeto esteve concentrado, e depois pôde expandir-se. Teve além disso o

encargo solene e reconfortante de cuidar da Mãe de Nosso Senhor, a Santíssima Virgem, depois da Sua partida. Não descobrimos aqui as fontes secretas do seu especial amor pelos seus irmãos? Aquele a quem o Salvador favoreceu com o Seu afeto, para lhe confiar também a missão de filho da Sua própria Mãe, não poderia deixar de ser um memorial e um modelo (tanto quanto um homem pode ser) de amor profundo, contemplativo, fervoroso, sereno, ilimitado »[100].

### **Despertar corações**

A entrega total do coração a Deus não surge simplesmente de uma decisão pessoal: é um dom, o dom do celibato. Da mesma forma, não é uma renúncia que o define, mas o amor que nasce de uma descoberta: «O Amor... bem vale um amor!» [101]. O coração pressente um Amor incondicional, um Amor que estava à sua espera... e quer entregar-se a Ele com essa incondicionalidade, exclusivamente. Não apenas para o experimentar, mas para *o dar* também a muitas outras pessoas. Como S. João, que não só desfrutou do amor de Jesus, mas procurou que esse mesmo Amor se difundisse por todo o mundo. Para o discípulo amado, essa era a consequência natural: "Se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros" (1Jo 4,11).

Às vezes, o celibato associa-se fundamentalmente à dedicação do tempo, como se essa entrega total se resumisse a uma questão de eficácia: para organizar certas obras de apostolado, para não ter outros compromissos... Mas essa perspectiva é redutora. O celibato não nasce de considerações práticas sobre a disponibilidade para a evangelização, mas sim de um chamamento de Cristo. É um convite a viver de modo particular o estilo de vida do Seu coração: a amar como Cristo, a perdoar como Cristo, a trabalhar como Cristo. Mais ainda, a ser o próprio Cristo - *ipse Christus* - para todas as almas. Portanto, "as razões simplesmente pragmáticas, a referência a uma maior disponibilidade, não bastam. Essa maior disponibilidade de tempo poderia facilmente tornar-se também uma forma de egoísmo, que se poupa aos sacrifícios e às fadigas exigidas pelo aceitar-se,

pelo suportar-se reciprocamente no casamento. Poderia assim levar a um empobrecimento espiritual ou a uma dureza de coração»[102].

O celibato não é, portanto, uma solidão numa torre de marfim, mas uma chamada a acompanhar, a despertar corações. Quantas pessoas existem no mundo que não se sentem importantes, que pensam que a sua vida não é valiosa, e que às vezes caem em comportamentos estranhos, porque estão basicamente à procura de um pouco de amor! Quem recebe o dom do celibato sabe que está no mundo também para se aproximar de todas essas pessoas e lhes mostrar o amor de Deus: para lhes recordar o seu valor infinito. Assim, o coração célibe é fecundo, assim como é fecundo o Coração redentor de Jesus. Perante cada pessoa, procura descobrir o mesmo bem que o Senhor sabia descobrir em quem se aproximava d'Ele. Não vê uma pecadora, um leproso, um publicano desprezível... mas sim a maravilha de uma criatura amada por Deus, escolhida por Deus, de grande valor.

Assim, embora quem vive o celibato não tenha filhos naturais, torna-se capaz de uma paternidade profunda e real. É pai - ou mãe - de muitos filhos, porque "paternidade é dar a vida aos outros" [103]. Sabe que está no mundo para *cuidar* dos outros, mostrando-lhes, com a sua própria vida e com a sua palavra amiga, que só Deus pode saciar a sede que experimentam. «O nosso mundo (...), onde Deus, no melhor dos casos, entra como hipótese, mas não como uma realidade concreta, precisa de confiar em Deus da maneira mais concreta e radical possível. Precisa do testemunho que de Deus dá quem decide acolhê-Lo como o solo em que a sua própria vida se fundamenta. É exatamente por isso que hoje, no nosso mundo atual, o celibato é tão importante, mesmo que a sua vivência, na nossa época, se veja continuamente ameaçada e posta em questão "[104].

### **Um dom chamado a crescer no dia a dia**

O dom divino do celibato não é como a magia- um feitiço que transforma a realidade imediatamente e para sempre. Deus concede-o, isso sim, como uma semente que deve crescer

gradualmente e em *boa terra*. O celibato é, como toda a vocação, dom e tarefa. É caminho. Portanto, não basta a decisão de se entregar em celibato pelo reino dos Céus para que o coração se transforme automaticamente. É preciso um esforço contínuo para arrancar as ervas daninhas, para se livrar de insetos e parasitas. A graça divina atua sempre na natureza sem a negar nem a ultrapassar. Por outras palavras, Deus conta com a nossa liberdade e com a nossa história pessoal. E é precisamente aí, nesse cenário de barro e graça, que silenciosamente cresce o maravilhoso dom de um coração virginal. Aí cresce... ou aí se deixa perder.

Como o filho mais novo da parábola, mesmo aqueles que são chamados a uma maior intimidade com Deus podem um dia sentir-se enfasiados, vazios. Aquele jovem decidiu ir-se embora para um lugar distante (cf. *Lc 15,13*), porque sentia um vazio interior na casa do seu pai. E precisou de tocar no fundo para finalmente abrir os olhos e se aperceber do estado de escravidão em que caíra. É interessante notar que, de acordo com o texto do Evangelho, a razão pela qual ele regressou não foi muito espiritual: tinha fome, fome biológica, física. Sentia a falta do pão mole da casa do pai. Quando finalmente voltou, o pai estava à espera dele e, "correndo ao seu encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos" (*Lc 15,20*). O filho tinha imaginado quase um julgamento formal (cf. *Lc 15,18-19*)... mas em vez disso, encontra um abraço cheio de vida. Descobre, talvez com mais clareza do que nunca, a sua identidade mais profunda: ele é o *filho* de um pai tão bom.

Outras vezes o tédio pode tomar uma forma mais insidiosa: pode acontecer que, ficando na casa do pai, um filho se sinta mais servo do que filho, como o irmão mais velho da parábola, que "morava em sua casa, mas não era livre, porque o seu coração estava fora" [\[105\]](#). Em ambos os casos, o caminho para sair da tristeza é voltar os olhos para o Pai e para o amor que nos tem. É Deus que sacia a fome da alma, com o Pão da Eucaristia, no qual encontramos Aquele que se fez um de nós, para que O possamos amar, como Amigo. Aí podemos saciar-nos e manter assim o coração aceso, num amor que é "forte como a morte" (*Ct 8,6*).

João permaneceu junto da Cruz de Jesus, e esteve também presente na Sua Ascensão aos Céus, "naquele dia em que uma aparente despedida foi verdadeiramente o começo de uma nova proximidade" [106]. O Mestre tinha que se separar fisicamente dos Seus discípulos, a quem Ele amara até ao extremo, para os poder amar ainda de mais perto: perto deles e de cada uma das pessoas que acreditariam n'Ele. Este é o segredo de um coração virginal: deixar um amor da terra para encher o mundo inteiro com a luz do Amor de Deus.

*Carlos Villar*

[Voltar ao índice](#)

## 7. A vocação matrimonial

Quando S. Josemaria começou a falar de vocação para o casamento, há quase um século, a união desses dois conceitos costumava gerar desconcerto, ou até provocar riso: como se estivesse a falar de um pássaro sem asas ou de uma roda quadrada: “Ris-te porque te digo que tens “vocação matrimonial”? - Pois é verdade: assim mesmo, vocação.”[107]. Na mentalidade daquela época, e às vezes ainda na de hoje, “ter vocação” significava deixar a normalidade da vida para poder servir a Deus e à Igreja. Deixar de um modo ou outro o habitual, que para a maioria das pessoas significa ter uma família, filhos, casa, trabalho, compras, faturas, máquinas de lavar, imprevistos, risos, brigas entre irmãos, tardes em urgências, sobras no frigorífico.

Toda essa infinidade de coisas, variadas e imprevisíveis, como a própria vida, não só cabe nessa “roda quadrada” da vocação matrimonial, como encontra nela a sua melhor versão possível. O “sentido vocacional do matrimónio”[108] parte precisamente da convicção de que Deus abençoa a normalidade da vida familiar e quer *habitar* nela. “Tu, porém, és o Santo e habitas na glória de Israel”, diz o salmo que Jesus reza na Cruz (Sl 22,4). Deus, o Santo, quer viver no meio das vidas *normalíssimas* das famílias. Vidas chamadas a converterem-se, pelo carinho, em louvores a Ele: no céu, mesmo com todos os “defeitos de fabrico” desta sede provisória que é a vida. Por isso, “não deixes passar um dia / sem descobrir um segredo, grande ou pequeno./ Seja a tua vida alerta / descoberta quotidiana. / Por cada migalha de pão duro / que Deus te dê, tu dá-Lhe / o diamante mais fresco da tua alma”[109].

**Que faças boa viagem**

Aquele jovem ria ao ouvir falar de vocação matrimonial, mas ficou pensativo. A “provocação” ia acompanhada de um conselho: “Pede a São Rafael que te conduza castamente ao termo do caminho, como a Tobias.”[100]. S. Josemaria referia-se ao único relato da Bíblia que fala deste Arcanjo, por quem tinha um carinho especial; tanto, que lhe confiou o apostolado com os jovens desde o início[111]. “O livro de Tobias é encantador”[112], dizia uma vez. Embora toda a história do livro se concentre numa viagem, permite-nos entrar diretamente na vida de dois lares, e assistir ao nascimento de um terceiro. Até a viagem participa desse ambiente familiar, com um detalhe que não passou despercebido pelos artistas ao longo dos séculos: este livro também é o único lugar das Escrituras no qual aparece um cão de estimação, que acompanha Tobias e São Rafael do início ao fim da viagem (cf. *Tb* 6,1; 11,4).

Quando Tobias se foi embora, o pai abençoou-o com estas palavras: “Deus, que reside nos céus, vos conceda uma viagem feliz e vos traga de volta com saúde e que o seu anjo vos acompanhe sãos e salvos.” (*Tb* 5,17). S. Josemaria parafraseava-as ao dar a sua bênção aos que iam viajar: “que o Senhor esteja no teu caminho, e o Seu anjo te acompanhe”[113] E viagem – a verdadeira viagem, a mais decisiva – é o caminho da vida, pelo qual caminham juntos os que se entregam reciprocamente no casamento, respondendo a um sonho de Deus que remonta à origem do mundo[114]. Como é importante que os jovens descubram, e que redescubram também depois de muitos anos de viagem, “a beleza da vocação para formar uma família cristã”[115]: a chamada a uma santidade que não é de segunda categoria, mas de primeira.

### **Quando a vida realmente começa**

A vocação pessoal desperta com uma descoberta simples mas cheia de consequências: a convicção de que o sentido, a verdade da nossa vida, não consiste em viver para nós mesmos, para as nossas coisas, mas sim para os outros. A pessoa descobre que recebeu muito amor na sua vida e que está chamada a isso mesmo: a dar amor. E que só assim se encontrará verdadeiramente a si

mesma. Dar amor, não somente nos tempos livres para tranquilizar a consciência: transformar o amor no nosso projeto de vida, no centro de gravidade de todos os outros projetos (os que conseguirem permanecer em órbita).

Antes e depois do seu casamento com Sara, o jovem Tobias recebe vários conselhos nesse sentido: são chamadas ao que de mais nobre existe nele. O seu pai Tobite, que o envia em viagem para procurar dinheiro pensando no futuro (cf. *Tb* 4,2), preocupa-se em transmitir em primeiro lugar a sua herança mais importante; o que tem mais valor na sua vida: “honra tua mãe, todos os dias da tua vida, age de acordo com a sua vontade e não a entristeças (...) evita o pecado (...).Dá esmolas, conforme as tuas posses. Nunca afastes de algum pobre o teu olhar (...)Bendiz o Senhor Deus, em todo o tempo, e pede-lhe para que os teus caminhos sejam retos, e para que todos os teus projectos e conselhos sejam bem encaminhados” (*Tb* 4,3-19). Semanas depois, Tobias, recém-casado, empreende o caminho de volta para a casa dos seus pais, e a sua nova sogra despede-se dele assim: “Entrego a minha filha à tua guarda; nunca a entristeças, durante os dias da tua existência. Vai, pois, em paz, filho. Daqui em diante, serei tua mãe e Sara será tua irmã [mulher]” (*Tb* 10,13).

“Não entristeças o seu espírito (...) Não a magoes em nenhum dia da tua vida”. Deus chama os esposos a protegerem-se, a cuidarem-se, a desviverem um pelo outro: é aí que está o segredo da sua realização pessoal que, justamente por isso, não pode ser só autorrealização. Viver, com toda a profundidade do termo, significa dar a vida. Jesus viveu assim: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (*Jo* 10,10). Também viveram assim São José e Santa Maria, com o amor mais simples, terno e delicado que já existiu na terra, cuidando um do outro, e cuidando acima de tudo da Vida feita carne. E Deus quer que nós, Seus discípulos, vivamos assim também, para que onde quer que estejamos irradiemos a Sua alegria, a Sua vontade de viver. Esse é o núcleo do sentido de missão cristã.

“As nossas cidades estão desertificadas por falta de amor, por falta de sorriso. Muitos divertimentos, numerosas coisas com as quais perder tempo, rir, mas falta o amor. O sorriso de uma família é capaz de vencer esta desertificação das nossas cidades. E esta é a vitória do amor da família. Nenhuma engenharia económica e política é capaz de substituir esta relação das famílias. O projecto de Babel edifica arranha-céus sem vida. O Espírito de Deus, ao contrário, faz florescer os desertos.”[116]

*Viver significa dar a vida.* Esta descoberta, que pode ser feita já na adolescência, mas que às vezes chega muito mais tarde, marca a verdadeira passagem da infância para a maturidade humana. Pode-se dizer que só então se começa a ser verdadeiramente pessoa; que só então a vida realmente começa. Porque “viver é querer mais, sempre mais; querer, não por apetite, e sim por anseio. Ansiar, este é o sinal da vida; amar, isto é a vida. Amar a ponto de poder doar-se pelo amado. Poder esquecer-se de si mesmo, isso é cada um ser ele próprio; poder morrer por algo, isto é viver. Aquele que só pensa em si não é ninguém, está vazio; o que não é capaz de sentir o gosto de morrer, é porque já está morto. Só aquele que pode senti-lo, aquele que pode esquecer-se de si mesmo, que pode doar-se, o que ama, numa palavra, está vivo. E então basta começar a caminhar”[117].

### **O alcance de um sim**

Observando a vocação matrimonial com essa perspectiva, manifesta-se como algo bem diferente de “uma procura de satisfação pessoal ou um mero recurso para completarmos egoisticamente a nossa personalidade”[118]. A personalidade só se desenvolve verdadeiramente quando alguém é capaz de se entregar a outra pessoa. Além disso, a vida matrimonial é fonte de muitas satisfações e alegrias; mas também traz problemas, exigências, deceções. Ninguém está isento disso e, no entanto, que fácil é “fugir” dessa faceta menos bonita do amor: que fácil é desprezar as migalhas de pão.

Um contraste pode ajudar-nos a considerar essa realidade. Por um lado, a perfeição de algumas festas de casamento, impecáveis, estudadas até ao último milímetro para dar toda a solenidade possível a um evento único na vida e, quem sabe também, para assegurar o prestígio social da família. Por outro, o desencanto e o descuido que se podem infiltrar facilmente com o passar dos meses e dos anos, perante a imperfeição da vida familiar no seu desenrolar quotidiano: quando surgem problemas, quando se descobrem os defeitos da outra pessoa, e os dois parecem incapazes de conversar, de se ouvirem um ao outro, de curar as feridas, de derramar carinho. Assim pode ofuscar-se o “sentido vocacional do matrimónio”, pelo qual se sabiam chamados a dar o que são... a ser pai, mãe, marido, mulher... por vocação. Que pena! Uma família que Deus queria feliz, mesmo no meio das dificuldades, fica a meio do caminho, “aguentando”. A novidade que estava a querer nascer no mundo com o seu amor mútuo, com o seu lar... a novidade, a verdadeira vida, parece estar noutra lugar. E, no entanto, está ali à esquina, mesmo que a esquina esteja um pouco despedaçada, o que acaba por acontecer com qualquer esquina, que está simplesmente a pedir um pouco de carinho e atenção.

No dia em que um homem e uma mulher se casam, respondem “sim” à pergunta sobre o seu amor recíproco. No entanto, a verdadeira resposta só chega com a vida: a resposta tem que encarnar, pouco a pouco, no “para sempre” desse sim mútuo. “Uma pessoa sempre responde com a sua vida inteira às perguntas mais importantes. Não importa o que diz entretanto, com que palavras e argumentos se defende. No fim, no fim de tudo, com os factos da sua vida responde às perguntas que o mundo lhe dirigiu com tanta insistência (...): Quem és tu? ... Que querias realmente? (...) no fim, uma pessoa responde com toda a sua vida”[\[119\]](#). E esse sim de toda a vida, conquistado uma e outra vez, vai-se tornando cada vez mais profundo e autêntico: vai transformando a inevitável ingenuidade dos inícios numa inocência lúcida, mas sem cinismo; num “sim, querido” que conhece, mas que ama.

A profundidade deste sim, indispensável para encontrar efetivamente o amor, é também o motivo pelo qual a Igreja persiste, contracorrente, no seu ensinamento sobre o namoro e a abertura dos esposos à vida. Embora passe por muitas e duras críticas, insiste com paciência porque sabe que Deus a chama para guardar o amor pessoal, especialmente no seu “lugar natural”[\[120\]](#) . Com isso, a Igreja não defende uma verdade abstrata, de manual: pelo contrário, protege a verdade concreta das vidas, das famílias; protege as relações entre as pessoas da verdadeira doença mortal... um veneno que se infiltra subtilmente, fantasiado de romance e de triunfo no início, até se revelar de repente, com o passar dos anos, como uma prisão insuportável, principalmente se conseguiu apoderar-se dos dois: o egoísmo.

Existe, sim, uma aparente magnanimidade e alegria de viver em quem se diz simplesmente: “vou aproveitar tudo o que puder do meu corpo e de quem quiser divertir-se comigo”. É um modo de ver a vida no qual se ouve um eco do Génesis: a juventude é uma fruta saborosa... porque não comê-la? Porque havia Deus de querer tirar essa doçura da minha boca? (cf. *Gn 3,2.6*). Os jovens cristãos são de carne e osso: também sentem essa atração, mas percebem que é uma miragem; querem ver com mais profundidade. Com o seu esforço para manter o amor puro, ou para reconquistar a inocência que podem ter perdido, preparam-se para amar sem possuir o outro, para amar sem consumir. De algum modo perguntam-se: com quem vou compartilhar essa vontade de viver que sinto borbulhar dentro de mim? Será que essa é realmente a pessoa certa? Vamos amarnos de verdade, ou só nos desejamos?”. Sabem que, junto com o seu corpo, também vão dar o seu coração, a sua pessoa, a sua liberdade. Sabem que tudo isso só se encaixa realmente dentro de um “sim para sempre”; sabem que nem eles nem ninguém valem menos que um sim incondicional; e que sem essa decisão não estão preparados para dar esse presente, e o outro também não está preparado para recebê-lo: seria um presente que os deixaria vazios por dentro, mesmo que só descobrissem isso depois de algum tempo.

A mesma “lógica” de fundo está na vocação de quem vive o celibato, que também ama Deus com o seu corpo, porque o entrega cada dia. Sim, matrimônio e celibato iluminam-se e precisam um do outro, porque ambos irradiam a lógica de uma gratuidade que só se entende em Deus, na imagem de si que Deus colocou em nós, pela qual nos sabemos chamados a dar a vida: aos pais, aos filhos, aos avós, a todos.

Quando Jesus revela esta profundidade do amor, os seus discípulos ficam perplexos, a ponto de Ele ter que lhes dizer: “Nem todos compreendem esta linguagem, mas apenas aqueles a quem isso é dado” (Mt 19,11). Os jovens e os pais cristãos, mesmo que às vezes sejam incompreendidos, devem saber que no fundo muitos os admiram, ainda que talvez não saibam muito bem porquê. Admiram porque com o seu amor sincero estão a irradiar a alegria e a liberdade do amor de Deus, que latejam “com gemidos inefáveis” (Rm 8,26) nos corações de cada homem e de cada mulher.

### **Coração que não quiser sofrer**

O nome Rafael significa “Deus cura”, ou seja, “Deus cuida”. A intervenção do Arcanjo na história de Tobite, Ana, Tobias e Sara apresenta de modo visível uma realidade geralmente impercetível: a proteção de Deus sobre as famílias, a importância que Ele dá a que sejam felizes (cf. Tb 12,11-15). Deus quer estar perto de nós, mesmo que às vezes não O deixemos, porque no fundo não O queremos perto. Na história do filho pródigo, que partiu para “um lugar distante” (Lc 15,13), podemos reconhecer não só histórias individuais, mas também histórias sociais e culturais: um mundo que se afasta de Deus e que se converte num ambiente hostil, no qual muitas famílias sofrem, e às vezes naufragam. Mas, como o pai da parábola, Deus não se cansa de esperar, e sempre acaba por encontrar um modo de estar presente nessas realidades, às vezes trágicas, indo ao encontro de cada pessoa, mesmo que tenha que curar muitas feridas.

O livro de Tobias também nos mostra como a proximidade e a solicitude de Deus pelas famílias não significa uma proteção de toda

e qualquer dificuldade, interna ou externa. Tobite, por exemplo, é um homem íntegro, até heroico, e, no entanto, Deus permite que fique cego (cf. Tb 2,10). A sua mulher tem que conseguir dinheiro para a família e um dia, juntamente com o salário, ganha um cabrito de presente. Tobite, talvez com mau humor por causa da sua deficiência, pensa que a mulher roubou o cabrito e provoca sem querer um “furacão” na família. Conta-nos o caso em primeira pessoa: “Contudo, não acreditando nela, mandei que o devolvesse aos donos, envergonhando-me do seu procedimento. Porém, ela respondeu: «Onde estão as tuas esmolas? Onde estão as tuas boas obras? Aí tens, agora, o resultado.»” (Tb 2,14). Diante da dureza desta resposta, Tobite fica “com a alma cheia de tristeza”; começa a rezar entre soluços, e pede a Deus que o leve consigo (cf. Tb 3,1-6).

Mas Tobite continua a esforçar-se para dar alegrias à sua mulher, embora nem sempre consiga. Assim, por exemplo, quando Tobias já está a voltar para casa, felizmente casado e com o dinheiro que o seu pai tinha encarregado de recuperar, a sua mãe Ana, que desde o início era contra a ideia da viagem, teme o pior: “meu filho já não vive (...). Infeliz de mim, filho, que te deixei partir, tu, que eras a luz dos meus olhos”. Tobite, que também está preocupado, tenta acalmá-la: “Cala-te, não te preocupes, minha irmã; ele está bem. Decerto muitos afazeres os solicitaram por lá. Todavia, o homem que o acompanha é de confiança, um dos nossos irmãos. Não te entristeças, pois, por causa dele, minha irmã! Em breve estará aqui!”. Mas as suas razões não surtem efeito. “Deixa-me em paz e não me queiras enganar: o meu filho morreu!”, respondeu Ana. Contudo, numa incoerência muito maternal, continua a esperar a sua volta secretamente: “E todos os dias ia ao caminho por onde ele partira, passava o dia sem comer e chorava a noite inteira, por Tobias, seu filho, sem poder dormir” (Tb 10,1-7).

É comovente ver que, desde há milénios, os problemas quotidianos das famílias não mudaram assim tanto. Incompreensões, faltas de comunicação, angústias pelos filhos... “Formaria um pobre conceito do matrimónio e do amor humano quem pensasse que ao tropeçar com essas dificuldades, o carinho e

o contentamento se acabam.”[121]. A paixão inicial – essa força que leva a sonhar com o projeto de formar uma família – tende a deixar quase todos os defeitos do outro de lado. Mas bastam algumas semanas de convivência constante para perceber que ninguém chegou perfeito ao dia do casamento, e por isso a vida matrimonial é um caminho de conversão em conjunto, em equipa. Se marido e mulher continuarem a dar cada dia uma nova oportunidade ao outro, os corações dos dois vão ficando cada vez mais belos, ainda que se mantenham, e até se consolidem, algumas das suas limitações.

Uma antiga canção diz assim: “coração que não quiser sofrer dores, que passe a vida inteira livre de amores”[122]. De facto, “Amar é ser vulnerável. Ame qualquer coisa e o seu coração irá certamente ser espremido e possivelmente partido. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto, não deve dá-lo a ninguém, nem mesmo a um animal. Envolve-o cuidadosamente em passatempos e pequenos confortos, evite todos os envolvimento, feche-o com segurança no cofre ou no caixão do seu egoísmo”[123]. Certamente os casais não passam o que Tobias e Sara passaram: tiveram que enfrentar um perigo de morte na sua noite de núpcias, por causa da ação de um espírito mau (cf. Tb 6,14-15; 7,11). Mas o demónio do egoísmo – doença mortal – tortura constantemente todas as famílias, com a tentação de “converter em montanhas” o que não passa de “pequenos atritos sem importância”[124].

Por isso, é muito importante que marido e mulher falem claramente, mesmo que sejam coisas fortes, para evitar que cada um se vá escondendo pouco a pouco atrás de um muro: para reconstruir uma e outra vez os sentimentos que tornam o amor possível. S. Josemaria diz que “discutir, desde que não seja muito frequentemente, é também uma manifestação de amor, quase uma necessidade” dos esposos[125]. A água tem que fluir, porque quando se estanca, apodrece. Por isso também é muito importante que os pais “arranjem tempo para estar com os filhos e falar com eles (...),saber reconhecer a parte de verdade - ou a verdade inteira - que possa haver em algumas das suas rebeldias”[126]. Falar e conviver: entre marido e mulher, entre pais e filhos.

E falar, sobre tudo, com Deus, para que nos possa dar as Suas luzes: “lâmpada para meus passos é tua palavra e luz no meu caminho” (Sl 119,105). Mesmo que o relato bíblico não mostre os desencontros de Tobias e Sara, podemos imaginar que os teriam, como Tobite e Ana, e como todas as famílias. Mas também podemos imaginá-los muito unidos até o final de suas vidas, porque vemos o seu casamento nascer e crescer na intimidade com Deus. “Bendito sejas, Deus dos nossos pais, e bendito seja o Teu nome, por todas as gerações; louvem-Te os céus e todas as Tuas criaturas, por todos os séculos– rezam na noite de núpcias -. Permite, pois, que eu e ela encontremos misericórdia, e cheguemos juntos à velhice” (Tb 8,5.7).

\*\*\*

São João Paulo II, “o Papa da família”[\[127\]](#), uma vez comparou o amor esponsal do Cântico dos Cânticos com o amor de Tobias e Sara. Os esposos do Cântico, dizia, “declaram mutuamente, com palavras fogosas, o seu amor humano. Os novos esposos do livro de Tobias pedem a Deus saber responder ao amor”[\[128\]](#). Ao comparar esses dois exemplos de amor matrimonial, queria suscitar a pergunta: qual dos dois reflete melhor esse tipo de amor? A resposta é simples: ambos. No dia em que dois corações se encontram, a sua vocação adquire um rosto novo e jovem, como o dos esposos do Cântico. Mas esse rosto recupera a sua juventude de cada vez que, ao longo da vida, os dois acolhem de novo a sua chamada para *responder ao amor*. E então, sim, esse amor é forte como a morte[\[129\]](#).

*Carlos Ayxelà*

[Voltar ao índice](#)

## 8. Mais mães e pais do que nunca

A mãe de Tiago e João aproxima-se de Jesus. Tem uma enorme confiança com Ele. Pelos seus gestos, o Senhor adivinha a sua intenção de lhe pedir algo, e, pergunta-lhe diretamente: “Que queres?” Ela não se põe com rodeios: “Diz que estes meus dois filhos se sentem no teu Reino, um à tua direita e outro à tua esquerda” (*Mt 20,21*). Jesus possivelmente sorriria perante o pedido efusivo desta mãe. Com o tempo conceder-lhe-ia algo ainda mais ousado do que aquilo que ela sonhava para os seus filhos. Deu-lhes uma morada no seu próprio coração e uma missão universal e eterna.

A Igreja, que então estava apenas a nascer, conhece hoje um novo impulso apostólico. Através dos últimos Romanos Pontífices, o Senhor está a levá-la para uma “evangelização sempre renovada” [130], que é uma das notas dominantes da passagem do segundo para o terceiro milénio. E, nesta aventura, a família não é um sujeito passivo, antes pelo contrário, as mães, os pais, os avós, são protagonistas: estão na primeira linha da evangelização. A família, com efeito, é “o primeiro lugar onde, nas nossas vidas, se faz presente o Amor de Deus, independentemente do que possamos fazer ou deixar de fazer” [131]. Na família aprendemos a rezar, com palavras que continuaremos a usar durante o resto da nossa vida; na família toma forma a maneira como os filhos irão olhar o mundo, as pessoas, as coisas [132]. Por isso, o lar está chamado a ser o clima adequado, a boa terra na qual Deus possa lançar a semente, de modo que aquele ouve a palavra, e a entenda, dê fruto e produza cem ou sessenta ou trinta por um (*cfr. Mt 13,23*).

### **Pais de santos**

S. Josemaria era um jovem sacerdote quando o Senhor Ihes mostrou o imenso panorama de santidade que o Opus Dei estava chamado a semear no mundo. Considerava a sua missão como uma tarefa que não podia adiar, e pedia ao seu diretor espiritual que Ihes permitisse crescer em oração e penitência. Para justificar essas exigências escrevia-Ihes: “Olhe que Deus mo pede, e, é necessário que seja santo e pai, mestre e guia de santos” [133]. São palavras que se podem aplicar, de certo modo, a qualquer mãe e a qualquer pai de família, porque a santidade só é autêntica se se partilhar, se iluminar à sua volta. Por isso, se aspiramos à verdadeira santidade, cada um de nós está chamado a converter-se em “santo e pai, mestre e guia de santos”.

A missão dos pais não se limita a acolher os filhos que Deus Ihes dá: continua durante toda a sua vida, e, tem como horizonte o céu. Se o afeto dos pais para com os filhos pode parecer, às vezes, frágil e imperfeito, o vínculo da paternidade e da maternidade está de facto tão profundamente enraizado que torna possível uma entrega sem limites: qualquer mãe tomaria o lugar de um filho seu que estivesse a sofrer numa cama de hospital.

A Sagrada Escritura está cheia de mães e pais que se sentem privilegiados e orgulhosos pelos filhos que Deus Ihes deu. Abraão e Sara; a mãe de Moisés; Ana, a mãe de Samuel; a mãe dos sete irmãos macabeus; a cananeia que pede a Jesus pela sua filha; a viúva de Naim; Isabel e Zacarias; e, de um modo muito especial, a Virgem Maria e São José. São intercessores a quem nos podemos confiar para que cuidem das nossas famílias, para que sejam protagonistas de uma nova geração de santas e santos.

Não se nos esconde que a maternidade e a paternidade estão intimamente ligadas à Cruz e à dor. Juntamente com as grandes alegrias e satisfações, o processo de amadurecimento e crescimento dos filhos não nos poupa a dificuldades, algumas pequenas e outras nem tanto: noites sem dormir, rebeldias de adolescência, dificuldades para encontrar um trabalho; a escolha da pessoa com quem querem partilhar a sua vida, etc.

Particularmente doloroso é ver como às vezes os filhos tomam decisões erradas ou se afastam da Igreja. Os pais tentaram educá-los na fé; procuraram mostrar-lhes o atrativo da vida cristã. E talvez então se questionem: que fizemos mal? É normal que esta pergunta surja, embora não convenha deixar-se atormentar por ela. Os pais, é certo, são os principais responsáveis pela educação dos filhos, mas não são os únicos que têm influência sobre eles: o ambiente que os rodeia pode apresentar-lhes outras maneiras de ver a vida como sendo mais atrativas e convincentes; ou pode fazer com que o mundo da fé lhes pareça algo remoto. E, sobretudo, os filhos têm a sua liberdade, pelo que decidem seguir um caminho ou outro.

Às vezes, simplesmente, pode acontecer que os filhos precisem de se distanciar para redescobrir, com novos olhos, aquilo que receberam. Entretanto, é preciso ser pacientes: embora se enganem, aceitá-los de verdade, assegurar-se de que o notam, e evitar antagonismos, porque isso poderia afastá-los ainda mais. “Muitas vezes não há mais nada a fazer do que esperar; rezar e esperar com paciência, doçura, magnanimidade e misericórdia” [134]. Neste sentido, é muito expressiva a figura do pai na parábola do filho pródigo (cfr. Lc 15,11-32): ele via muito mais longe do que o seu filho; e por isso, embora se desse conta do seu erro, sabia que tinha que esperar.

Todavia, não é simples nem automático, para uma mãe ou um pai, aceitar a liberdade dos seus filhos quando estes se vão tornando adultos, porque inclusivamente algumas decisões, embora boas em si mesmas, são diferentes das que tomariam os seus pais. Se até esse momento os filhos precisaram dos pais para tudo, poderia parecer que agora os pais começam a ser só espetadores das suas vidas. Embora pareça paradoxal, não há dúvidas que nestes momentos necessitam mais deles do que nunca. Aqueles que lhes ensinaram a comer e a caminhar podem continuar a acompanhar o crescimento da sua liberdade, enquanto eles abrem o seu próprio caminho na vida. Agora, os pais são chamados a ser mestres e guias.

## Mestres de santos

Mestre é aquele que ensina uma ciência, arte ou ofício. Os pais são mestres, muitas vezes sem se darem conta. Como por osmose, transmitem aos filhos tantas coisas que os acompanharão durante toda a vida. Particularmente, têm a missão de os educar na arte mais importante: amar e ser amados. E nesse caminho, uma das lições mais difíceis é a da liberdade.

Para começar, os pais têm de os ajudar a superar alguns preconceitos que hoje podem parecer óbvios, como a ideia de que a liberdade consiste em “atuar conforme os próprios caprichos e na resistência a qualquer regra” [135]. Sem dúvida, o verdadeiro desafio que têm à sua frente consiste em despertar nos filhos, com paciência, como se fosse por um plano inclinado, um gosto pelo bem”: de uma maneira que não vejam somente a dificuldade de agir como dizem os seus pais, mas que cheguem a ser “capazes de desfrutar do bem” [136]. Neste caminho de crescimento, às vezes os filhos não valorizam o que lhes ensinam. É verdade que, também, com frequência os pais têm de aprender a educar melhor os seus filhos: não se nasce a saber ser pai e mãe. Sem dúvida, apesar das possíveis deficiências na educação, com o passar do tempo os filhos vão valorizando cada vez mais o que receberam, como sucedeu com S. Josemaria com um conselho que a sua mãe lhe repetia: “ Muitos anos depois dei-me conta de que naquelas palavras havia uma razão muito profunda” [137].

Os filhos acabam por descobrir, mais cedo ou mais tarde, o muito que os seus pais lhes quiseram, e até que ponto foram para eles mestres de vida. Isso é expresso com clareza por um dos grandes autores do século XIX: “Não há nada mais nobre, mais forte, mais saudável e mais útil na vida do que uma boa recordação, sobretudo quando é uma recordação de infância, do lar paterno. (...) Aquele que faz uma boa provisão delas para o futuro, está salvo. E mesmo que conservemos só uma, esta única recordação pode vir a ser algum dia a nossa salvação” [138]. Os pais sabem que a sua

missão é semear e esperam com paciência que os seus contínuos desvelos produzam fruto, embora talvez não cheguem a vê-lo.

## **Guias de santos**

Um guia é aquele que conduz e ensina outros a seguir ou a abrir um caminho. Para levar a cabo esta tarefa é necessário conhecer o terreno e em seguida acompanhar aqueles que o percorrem pela primeira vez. Os bons mestres *arrumam* a cabeça e sabem aquecer os corações: Salomé, a mulher de Zebedeu, acompanhou os seus filhos pelo caminho de Cristo, pô-los em frente de quem poderia dar sentido e alegria às suas vidas; esteve ao pé da Cruz. Ali, só conseguiu estar com João. Sem dúvida, Tiago seria, a seu tempo, o primeiro apóstolo a dar a vida por Jesus. Ela também esteve no sepulcro, na madrugada de domingo, ao lado de Madalena. E João seguiu-a pouco depois.

Qualquer guia tem que enfrentar às vezes alguns passos complicados, desafiantes. No caminho da vida, um deles é a resposta à chamada de Deus. Acompanhar os filhos na hora de discernir a sua vocação é uma parte importante da chamada dos próprios pais. É compreensível que sintam medo perante este passo. Mas isso não deve paralisar um guia: “Medo? Tenho gravadas na minha alma umas palavras de São João, da sua primeira epístola, no capítulo quarto. Diz: *Qui autem timet, non est perfectus in caritate* (1 Jn 4,18). O que tem medo, não sabe amar. Então, como sabeis amar a todos, não tendes medo. Medo de quê? Tu sabes querer, portanto não tenhas medo. Para a frente!” [\[139\]](#).

Para já, nada preocupa mais uma mãe ou um pai do que a felicidade dos seus filhos. Sem dúvida, muitas vezes eles próprios já têm uma ideia da forma como deveria ser essa felicidade. Às vezes traçam um futuro profissional que não encaixa de maneira nenhuma com os talentos reais dos seus filhos. Outras vezes, desejam que os seus filhos sejam bons, mas “sem exagero”. Esquecem assim a radicalidade, às vezes desconcertante, mas essencial, do Evangelho. Por isso, ainda com mais razão se lhes foi dada uma profunda educação cristã, torna-se inevitável “que cada filho nos

surpreenda com os projetos que brotem dessa liberdade, que nos fure os esquemas, e é bom que isso aconteça. A educação implica a tarefa de promover liberdades responsáveis” [140].

Os pais conhecem muito bem os seus filhos; normalmente, melhor que ninguém. Como querem o melhor para eles, é lógico e bom que se perguntem se vão ser felizes com as suas escolhas de vida, e que contemplem o seu futuro “de portas adentro” [141], com desejo de os proteger e ajudar. Por isso, quando os filhos começam a vislumbrar uma possível chamada de Deus, os pais têm diante de si uma maravilhosa tarefa de prudência e guia. Quando S. Josemaria falou da sua vocação ao seu pai, este disse-lhe: “Pensa nisso um pouco mais”... mas de seguida acrescentou: “Eu não me oporei” [142]. Enquanto procuram dar realismo e sensatez às decisões espirituais dos seus filhos, os pais necessitam por sua vez de aprender a respeitar a sua liberdade e a vislumbrar a ação da graça de Deus nos seus corações, para não se converterem – querendo ou não – num obstáculo aos planos do Senhor.

Por sua vez, muitas vezes os filhos não se apercebem do abalo que a sua vocação pode provocar nos seus pais. S. Josemaria dizia que a única vez que viu o seu pai chorar foi precisamente quando lhe comunicou que queria ser sacerdote [143]. A generosidade faz muita falta para acompanhar os filhos num caminho que vai numa direção diferente daquela que cada um tinha pensado. Por isso, não é estranho que custe renunciar a esses planos. Ao mesmo tempo, Deus não pede menos aos pais: esse sofrimento, que é muito humano, pode também ser, com a graça de Deus, muito divino.

Além disso, estas sacudidelas podem ser o momento de considerar que, como costumava dizer S. Josemaria, os filhos devem aos seus pais noventa por cento da chamada a amarem a Deus com todo o coração [144]. Deus conhece o sacrifício que pode ser para os pais aceitar com carinho e liberdade essa decisão. Ninguém como Ele, que entregou o seu Filho para nos salvar, é capaz de o entender.

Quando uns pais aceitam generosamente a chamada dos seus filhos, sem reservas, atraem numerosas bênçãos do Céu para muita gente. Na realidade, trata-se de uma história que se repete ao longo dos séculos. Quando Jesus chamou João e Tiago para o seguirem, deixando tudo, eles encontravam-se com o seu pai a consertar as redes. Zebedeu continuou com as redes, talvez um pouco contrariado, mas deixou-os ir. É possível que tivesse levado algum tempo a dar-se conta de que era mesmo Deus quem estava a entrar na sua família. E por fim, que alegria vê-los felizes nessa *nova pesca*, no “mar sem fim” do apostolado.

### **Mais necessários do que nunca**

Quando uma filha ou um filho toma uma decisão importante na sua vida, os seus pais são mais necessários que nunca. Uma mãe ou um pai são muitas vezes capazes de descobrir, mesmo à distância, sombras de tristeza nos seus filhos, como são capazes de intuir a verdadeira alegria. Por isso, podem ajudá-los, de uma forma insubstituível, a ser felizes e fiéis.

Para levar a cabo esta nova tarefa, talvez a primeira coisa a fazer seja reconhecerem o dom que receberam. Ao considerá-lo na presença de Deus, podem descobrir que “não é um sacrifício, para os pais, que Deus lhes peça os seus filhos; nem para os que o Senhor chama, é um sacrifício segui-Lo. É, pelo contrário, uma honra imensa, um grande e santo orgulho, uma mostra de predileção, um carinho particularíssimo” [145]. Foram eles que tornaram possível a vocação, que é uma continuação da oferta da vida. Por isso, S. Josemaria dizia-lhes: “Dou-vos os parabéns, porque Jesus apanhou esses bocados dos vossos corações – inteiros – só para Ele... só para Ele!” [146].

Por outro lado, a oração dos pais perante o Senhor torna-se então muito importante. Quantos exemplos desta encantadora intercessão encontramos na Bíblia e na história! Santa Mónica, com a sua oração confiada e persistente pela conversão do seu filho Agostinho, é talvez o exemplo mais conhecido; mas na realidade as histórias são incontáveis. Por detrás de todas as vocações “está

sempre a oração forte e intensa de alguém: de uma avó, de um avô, de uma mãe, de um pai, de uma comunidade. (...) As vocações nascem na oração e da oração; e só na oração podem perseverar e dar fruto” [147]. Uma vez iniciado o caminho, percorrê-lo até ao fim depende em boa medida da oração daqueles que mais amam essas pessoas.

E, juntamente com a oração, a proximidade. Ver que os pais se envolvem na sua nova missão na vida, ajuda muito a fortalecer a fidelidade dos filhos. Muitas vezes os pais estão clamando para dar uma ajuda, sem o dizerem expressamente, e perceberem o quão feliz é a sua filha ou o seu filho nesse caminho de entrega. Precisam de sentir a fecundidade dessas vidas. Às vezes serão os próprios filhos que, com simpatia, também lhes pedem *a vida*, na forma de conselho, de ajuda, de oração. Quantas histórias de pais e mães que descobrem o seu chamamento à santidade através da vocação dos seus filhos!

O fruto da vida e da entrega de Tiago e João não se pode medir. Poder-se-á sim dizer, pelo contrário, que estas duas colunas da Igreja devem à sua mãe e ao seu pai a maior parte da sua vocação. Tiago levou o Amor de Deus até aos confins da terra, e João proclamou-O com palavras que fazem parte das páginas mais belas jamais escritas sobre esse Amor. Todos os que recebemos a fé através da sua entrega podemos sentir um agradecimento profundo para com este casal do mar da Galileia. Os nomes de Zebedeu e Salomé pronunciar-se-ão, juntamente com os dos apóstolos, até ao final dos tempos.

“Tomai e comei todos, porque isto é o meu corpo que se entrega por vós” [148]. As mães e os pais que amam a Deus, e que viram como um filho seu se entregava a Ele por completo, compreendem de uma maneira muito especial as palavras do Senhor na consagração da Missa. De certo modo vivem-nas nas suas próprias vidas. Entregaram o seu filho para que os outros tenham alimento, para que os outros vivam. Assim, de uma certa forma os seus filhos multiplicam a sua maternidade e a sua paternidade. Ao dar esse

novo *sim*, unem-se à obra da redenção, que se consumou no *sim* de Jesus na Paixão e que começou, num simples lar, no *sim* de Maria.

*Diego Zalbidea*

[Voltar ao índice](#)

## 9. Vou acertar?

Os Apóstolos ficaram pensativos depois de contemplar o encontro de Jesus com o jovem rico e o seu resultado: o rapaz "foi-se embora triste" (cf. Mt 19,22ss). Provavelmente, desconcerta-os o olhar de Jesus, não triste, mas ferido: "dificilmente entrará um rico no reino dos céus". Pedro, como noutras ocasiões, torna-se porta-voz do sentimento comum: «Nós deixámos tudo e seguimos-Te, que será de nós?». Fazendo-se eco destas palavras, e com a mesma familiaridade de um bom amigo, S. Josemaria dirigiu-se ao Senhor num momento difícil para a Obra: "Que tencionas fazer connosco? Não podes abandonar aqueles que confiaram em Ti!"[\[149\]](#).

### **Que será de mim?**

O início de uma vocação, como o começo de qualquer caminho, geralmente traz consigo uma certa dose de incerteza. Quando Deus permite que entre inquietação no nosso coração, e começa a delinear um possível caminho concreto, é natural perguntar-se: será por aqui?

Que há por trás desta dúvida? Desde o começo, um medo bastante normal. Medo da vida e das nossas próprias decisões: não sabemos o que acontecerá no futuro, para onde nos levará esse caminho, porque nunca o percorremos antes. A dúvida também se explica pelo nosso desejo de acertar: queremos que a nossa vida seja valiosa, deixe rasto; além disso, as coisas grandes e belas exigem o melhor de nós próprios e não queremos precipitar-nos. Mas a razão mais profunda é mais misteriosa e simples ao mesmo tempo: Deus que nos procura e nós que queremos viver com Ele. Geralmente não é Deus que nos assusta, mas nós mesmos. Inquieta-nos a nossa fragilidade perante um Amor tão imenso: pensamos que não podemos estar à altura.

Quando Pedro pergunta a Jesus "que será de nós"; quando S. Josemaria pergunta a Jesus "que será de nós"; quando um cristão pergunta a Jesus "que será de mim" se eu seguir esse caminho, que responde Cristo? Olhando para o coração, Jesus diz-nos, com uma voz cheia de amor e alegria, que cada um de nós é uma aposta de Deus, e que Deus nunca esquece os Seus compromissos. Viver significa aventura, risco, limitações, desafios, esforço, deixar o pequeno mundo que controlamos e encontrar a beleza de dedicar as nossas vidas a algo maior do que nós e que preenche a nossa sede de felicidade. Podemos imaginar o olhar esperançoso de Jesus ao pronunciar aquelas palavras que ressoaram e continuarão a ressoar em muitos corações: "E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna." (Mt 19,29). Deus só dá em grande.

Contudo, não se trata de esperar uma revelação deslumbrante, ou um plano traçado até ao último detalhe. Deus pensou em nós, mas também conta com a nossa iniciativa. «Quando uma pessoa depara com a incerteza da existência de um chamamento peculiar de Deus, é indubitavelmente necessário pedir ao Espírito Santo "luz para ver" a própria vocação; mas se a mesma pessoa e aqueles que não veem nenhum dado objetivo contrário e a Providência (...) conduziu a pessoa a essa experiência, além de continuar a pedir a Deus "luz para ver", é importante - penso que é mais importante - pedir "força para querer", de modo que com essa força que eleva a liberdade no tempo se configure a mesma vocação eterna» [\[150\]](#).

### **Não estamos sós: a Igreja é o caminho**

Neste processo de discernimento da nossa própria vocação, não estamos sozinhos, porque toda a vocação cristã nasce e cresce na Igreja. Através dela, Deus atrai-nos para Ele e chama-nos; e é a própria Igreja que nos acolhe e nos acompanha nesse caminho para Deus.

*A Igreja atrai.* Deus serve-se, ao longo da história, de pessoas que deixam um sulco profundo com a sua existência; que marcam caminhos para a entrega de outros. A sua vida, os seus ideais, os seus ensinamentos inspiram-nos, eles sacodem-nos: tiram-nos do egoísmo e chamam-nos para uma vida mais plena, de amor. Este chamamento faz parte dos planos de Deus, da ação do Espírito Santo que nos prepara o caminho.

*A Igreja chama.* Deus «não nos pede licença para" complicar as nossas vidas ". Mete-se e ... já está!» [151]. E para isso, espera que os Seus filhos se atrevam a convidar-se uns aos outros a considerar seriamente a possibilidade de Lhe entregar a vida. Jesus comparou o Reino de Deus a um grande banquete em que Deus quer que todos os homens participem, mesmo os que ao princípio pareciam não estar convidados (Lc 14,15-24). E, de facto, normalmente Deus conta com um *convite externo* para fazer a Sua voz ressoar no coração da pessoa.

Todas as vocações cristãs, quando encontram uma resposta enamorada, levam à santidade. Portanto, a melhor vocação é, para cada um, a própria. Dito isto, não há caminhos fechados *a priori*. A vida para Deus no casamento ou no celibato está, à partida, ao alcance de todos. A nossa biografia, a história pessoal vai fazendo o seu próprio caminho, e coloca-nos numa encruzilhada ou noutra. A escolha depende da liberdade pessoal: é isso, escolha. Cristo quer-nos livres: «se alguém me quiser seguir»... (Mt 16,24); «Se queres ser perfeito»... (Mt 19,21).

Ora bem, o que leva a escolher uma vocação específica dentre todas as possíveis? A liberdade procura horizontes grandes, divinos, de amor. Santo Inácio de Antioquia dizia que "o cristianismo não é uma questão de persuasão, mas de grandeza" [152]. Basta propô-lo com toda a sua beleza e simplicidade, com a vida e com as palavras, para atrair as almas pela sua própria força, desde que se deixem interpelar por Cristo (cf. Mc 10,21). Algo dentro da pessoa, muito íntimo e profundo, um pouco desconhecido e misterioso até para ela, ressoa e entra em sintonia com essa proposta de um

caminho dentro da Igreja. Os gregos já afirmavam: somente o semelhante conhece o semelhante [153]. A vida autêntica de outros cristãos apela-nos a aproximar-nos de Jesus e dar-Lhe o nosso coração. Vemos um exemplo de santidade em pessoas próximas de nós e pensamos: "Talvez eu também...". É o "vem e vê" do Evangelho, que nos desafia aqui e agora (Jo 1,46).

*A Igreja acolhe e acompanha.* Qualquer pessoa normal pode, sem experimentar chamamentos especiais, embarcar numa vida de serviço, de doação: no celibato ou no casamento, no sacerdócio, no estado religioso. O discernimento sobre a vocação de cada um é resolvido de acordo com a retidão da intenção, as aptidões da pessoa e sua idoneidade.

Este discernimento requer a ajuda de outros: em particular, da direção espiritual. Por outro lado, também é necessária a deliberação de quem governa a instituição eclesial em questão. Porque a missão de acolher, por parte da Igreja, é também garantir que todos encontrem o seu lugar. Se pensarmos bem, é uma bênção de Deus que, ao projetar a nossa vida, haja pessoas em quem possamos confiar e que, por sua vez, confiemos em nós. Que outros, com profundo conhecimento da nossa pessoa e da nossa situação, possam afirmar em consciência: "força, tu podes", tens as condições ou os talentos necessários para esta missão, que talvez seja a tua, e que podes aceitar, se realmente queres; ou que possam dizer-nos, também em consciência: "talvez este não seja o teu caminho".

A vocação é sempre uma *win-win situation*, uma situação em que todos ganham. É o melhor para cada uma das partes em relação: a pessoa e a instituição eclesial. Deus Pai segue cada uma dessas histórias pessoais com a Sua providência amorosa. O Espírito Santo fez instituições e caminhos de santidade emergirem na Igreja que servem como canais e ajuda para as pessoas singulares. E é também o Espírito Santo que move determinadas pessoas, em momentos específicos da sua vida, a vivificar esses canais na Igreja com a sua entrega.

## O salto da fé: confiar em Deus

Perante a multidão que O segue, Jesus pergunta a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?» (Jo 6,5). Os apóstolos sabem bem que não podem fazer nada contra a fome das pessoas. Só têm "cinco pães de cevada e dois peixes" de um rapaz que estava por ali. Jesus pegou nesses pães, deu de comer a todos e sobrou tanto que disse aos discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca» (v.12). Só Jesus pode fazer com que nada da nossa vida se perca, que aproveite a toda a humanidade; mas temos que confiar-Lhe tudo o que temos. Então faz maravilhas, e os Seus primeiros destinatários somos nós mesmos.

Confiar em Deus, abrir-Lhe as portas das nossas vidas, leva-nos a enternecer-nos com Ele perante a multidão faminta d'Ele, como ovelhas sem pastor. E reconhecer que conta connosco para levar o Seu amor a todas essas pessoas. E, por fim, a lançar-nos, porque é algo que excede o que poderíamos ter concebido por conta própria. Lançar-nos, conscientes de que, com a ajuda de Deus, chegaremos adiante: colocando-nos nas Suas mãos, confiando plenamente n'Ele. E como Deus não Se impõe, é necessário um salto de fé: «Porque não te entregas a Deus de uma vez..., de verdade..., agora?! »[\[154\]](#).

Claro, é necessário pensar nas coisas. É o que a Igreja chama tempo de discernimento. No entanto, deve-se notar que "o discernimento não é uma autoanálise presunçosa, uma introspeção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos.»[\[155\]](#) A vocação implica sair de si mesmo, sair da zona de conforto e segurança individual. Para saltar de paraquedas é fundamental que o paraquedas funcione e se abra, para que possamos descer suavemente. Mas primeiro é crucial saltar do avião sem abrir o paraquedas. De modo análogo, vocação significa viver confiado em Deus, não na própria segurança. Falando dos Magos do Oriente, São João Crisóstomo diz que se "quando eles

estavam na Pérsia viam a estrela, uma vez que deixaram a Pérsia, viram o Sol da Justiça"; mas que "se não tivessem deixado com decisão o seu país, nem sequer poderiam continuar a ver a estrela" [156].

«Sabes que o teu caminho não é claro. - E que o não é, porque, não seguindo de perto a Jesus, ficas nas trevas. - Que esperas para te decidires?»[157] Só se escolher o caminho, posso percorrê-lo, vivendo o que escolhi. Para ver a estrela, é necessário começar a andar, porque os planos de Deus sempre nos superam, vão além de nós mesmos. Somente confiando n'Ele nos tornamos capazes. Ao princípio não podemos: precisamos de crescer. Mas para crescer há que acreditar: "sem Mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5), comigo podeis tudo.

Daí o erro daqueles que passam a juventude à espera de uma iluminação definitiva sobre a sua vida, sem decidir nada. Daí também um limite especial que existe hoje: fazem-se tantas *selfies*, uma pessoa vê-se em tantas fotografias, que talvez pense que já se conhece perfeitamente. No entanto, para encontrar verdadeiramente a própria identidade, é necessário redescobrir *o que não se vê* da própria vida: tudo o que tem de *mistério*, de presença e amor de Deus por cada um. Querer viver é descobrir e abandonar-se com confiança a este mistério, aceitando uma lógica e umas razões que não podemos abarcar.

As histórias de Deus começam pouco a pouco. Mas o caminho da confiança que arrisca tudo chega a realizar os maiores sonhos, os sonhos de Deus. Quando, como bons filhos de Deus, nos deixamos guiar pelo Espírito Santo (cf. Rm 8,14), a nossa vida levanta voo. É o caminho dos Magos; o de Maria, uma menina que será a Mãe de Deus e o de José, um carpinteiro a quem Deus adota como pai; o dos Apóstolos, que passam das vacilações e erros iniciais a serem as colunas sobre as quais a Igreja é edificada ...; e a de muitos cristãos que nos precedem e nos acompanham. Quem poderia pensar nesse mistério no começo das suas vidas? Só se vê claro no final. Mas o fim é possível porque no começo cada um

soube sair da sua própria falsa segurança e saltar para os braços fortes de Deus Pai [158].

Assim, quando o discernimento avança, e uma vocação específica toma contornos definidos, torna-se clara a necessidade, para continuar a avançar, do salto inicial de fé: dizer que sim. O discernimento só pode ser completado desta maneira, e é por isso que a Igreja previu, com a sua sabedoria secular, uma série de etapas que se percorrem progressivamente, a fim de averiguar bem a adequação das pessoas em relação a cada caminho vocacional concreto. Este modo de fazer dá muita paz ao coração e reforça a decisão de confiar em Deus, que levou cada um e cada uma a entregar-se. Não duvidamos de Deus, mas de nós mesmos, e é por isso que confiamos n'Ele e na Igreja.

Pela nossa parte, trata-se de considerar tudo o que somos e valem, para oferecer tudo, como explica a parábola dos talentos (cf. Mt 25,14-30); e de não ficar com nada sem negociar, sem compartilhar. Esta é a chave para uma decisão madura e sincera: a disposição de entregar-se completamente, abandonar-se completamente nas mãos de Deus, sem reservar nada, e a percepção de que esta entrega nos enche de paz e alegria que não vem de nós mesmos. É assim que a profunda convicção de ter encontrado o nosso caminho pode criar raízes.

No momento de discernir a vocação, Maria pergunta ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?» (Cf. Lc 1,34 ss). O anjo é o mensageiro, o mediador que chama, seguindo a voz de Deus. Maria não põe nenhuma condição, mas pergunta para acertar. E o anjo assegura-lhe: o Espírito Santo fará isso, porque o que te comuniquei ultrapassa-te, mas "nada é impossível a Deus" (v. 37). Se até mesmo Maria, nossa Mãe, pergunta, que lógico é que cada cristão peça conselho aos outros perante a moção interior do amor de Deus: como devo fazer para dar-Lhe a minha vida? Onde achas que acertarei com o caminho para a minha felicidade? Que maravilha deixar-se aconselhar para poder dizer que sim, com uma liberdade radiante e cheios de confiança em Deus; colocar tudo o

que é nosso nas Suas mãos: "faça-se em mim segundo a Tua palavra."

*Pablo Marti*

[Voltar ao índice](#)

III

## FIDELIDADE

«Destinei-vos para irdes e dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça»

## 10. Somos apóstolos!

Cafarnaum é o lugar onde começa a aventura apostólica que Jesus inaugurou no mundo. Sabemos que pelo menos quatro dos doze apóstolos eram pescadores nessa cidade. "Estavam junto do barco velho e junto das redes rotas, remendando-as. O Senhor disse-lhes para O seguirem: e eles "statim", imediatamente, "relictis omnibus", abandonando todas as coisas, tudo!, seguiram-n'O... »[159].

Jesus chama aqueles primeiros com umas palavras em que delineia um plano que irá mudar para sempre o curso da história: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens.»(Mc 1,16-17). Não lhes dá mais pormenores. Continuarão a ser pescadores, mas a partir desse momento vão pescar outro tipo de "peixes". Conhecerão outros "mares", mas não perderão o que aprenderam com o seu trabalho. Virão dias com ventos favoráveis e pesca abundante, mas também haverá dias pouco vistosos, sem pesca, ou com uma pesca tão escassa que terão a sensação de voltar para a praia com as mãos vazias. Mas o decisivo não será o volume da pesca, ou o que os homens julgam como sucesso ou como fracasso; o que importa é o que eles serão. Desde o início, Jesus quer que se apercebam da sua nova identidade, porque não os convoca apenas para fazer algo - uma tarefa bonita, algo extraordinário, mas para ser alguém que cumpre uma missão: ser "pescadores de homens".

### «E tudo faço por causa do Evangelho»

Responder à chamada de Deus reconfigura a nossa identidade: "É uma nova visão da vida", disse São Josemaria. Saber que o próprio Jesus nos convida a participar na sua missão desperta em cada um de nós o desejo de "dedicar as nossas mais nobres

energias a uma actividade que, com a prática, vem a assumir a forma de um encargo". Assim, pouco a pouco, "a nossa vocação leva-nos - sem a realizarmos - a tomar uma posição na vida, que manteremos com esperança e alegria mesmo no transe da morte". É um fenómeno que comunica ao trabalho um sentido de missão" [160]. E esta tarefa, que nos faz felizes, molda a nossa maneira de ser, de agir, de ver o mundo.

Mons. Ocáriz recordou-o com palavras expressivas: "não fazemos apostolado, somos apóstolos!" [161]. A missão apostólica não ocupa um tempo ou uns aspetos determinados da nossa vida pessoal, mas afeta tudo: tem um alcance de 360 graus. S. Josemaria recordava-o desde o princípio às pessoas da Obra: «Não esqueçais meus filhos, que não somos almas que se juntam a outras almas para fazer uma coisa boa. Isso é muito ... mas é pouco. Somos apóstolos que *cumprem um mandato imperativo de Cristo*»[162].

«Ai de mim se não evangelizar!», escreve S. Paulo (cf. 1 Co 9,16-23): é algo que lhe sai do mais profundo da alma. Para ele, esse impulso de amor é um convite e um dever: «Se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta». Por isso, a única recompensa que procura consiste em «pregando o Evangelho, eu faço-o gratuitamente», porque se sente «servo de todos, para ganhar o maior número». Amíúde abre o seu coração: é o último entre os apóstolos; indigno e sem méritos, mas é apóstolo. Por isso, não há para ele circunstância que não seja apostólica, até poder afirmar: «tudo faço pelo Evangelho». Essa é a sua carta de apresentação, e assim quer ser considerado: «Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser Apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus» (Rm 1,1).

Da mesma forma, para um cristão, o apostolado não é simplesmente "um encargo", ou uma atividade que envolve certas horas diárias; nem mesmo "um trabalho importante": é uma necessidade que brota de um coração que se tornou "um só corpo e um só espírito" [163] em Jesus, com toda a Sua Igreja. Ser apóstolo

"não é nem pode ser título honorífico. Ele compromete concreta e também dramaticamente toda a existência da pessoa interessada." [164]. Às vezes precisamos de ser encorajados; outras procuraremos conselhos para acertar no nosso esforço de evangelizar; mas, em qualquer caso, sabemos que o nosso chamamento é uma dádiva de Deus, e é por isso que Lhe pedimos que o apostolado mane dos nossos corações, como a água salta da fonte (cf. *Jo* 4,14).

### **Sal, luz e fermento do mundo**

Para explicar aos Seus discípulos o papel que iam desempenhar no mundo, o Senhor costumava usar parábolas. "Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo", diz-lhes numa ocasião (cf *Mt* 5,13-14). Doutra vez, fala-lhes do fermento: como pouco faz fermentar a massa inteira (cf. *Mt* 5,33). Porque é assim que devem ser os apóstolos de Jesus: sal que alegra, luz que guia, fermento que faz crescer a massa. E foi assim que S. Josemaria viu o apostolado das suas filhas e dos seus filhos: «Tens o chamamento de Deus para um caminho concreto: entrar em todas as encruzilhadas do mundo, estando metido em Deus. E ser fermento, ser sal, ser luz do mundo. Para iluminar, dar sabor, fermentar, aumentar » [165].

Os fiéis do Opus Dei, como tantos outros cristãos comuns, desenvolvem o seu apostolado no meio do mundo, com naturalidade e discrição. Embora às vezes isso se tenha prestado a incompreensões, na verdade simplesmente tentam fazer com que estas parábolas do Senhor se tornem realidade nas suas vidas. O sal, de facto, não se vê, se se mistura bem com a comida, sem fazer grânulos; dá graça à comida, que sem ela pode ficar insípida, mesmo que seja de boa qualidade. O mesmo acontece com o fermento: dá volume ao pão, sem se notar. A luz, por sua vez, é colocada "no alto, para iluminar a todos", sempre "diante dos homens" (*Mt* 5,15-16); não centra a atenção em si mesma, mas no que ilumina. Um cristão está à vontade com os outros, compartilhando sonhos e projetos. Mais ainda, "devemos sentir-nos desconfortáveis, quando não estamos - sal e luz de Cristo - no meio

das pessoas" [166]. Essa abertura além disso significa também relacionar-se com quem não pensa como nós, com a disposição serena de deixar nos corações a *garra de Deus* [167], do modo que Ele próprio nos sugira, às vezes, rezando por eles uma oração simples, outros com uma palavra ou um gesto amável...

A eficácia apostólica de uma vida não se pode contabilizar. Muitos frutos permanecem na sombra e não os conheceremos nesta vida. O que podemos pôr da nossa parte é um desejo, sempre renovado, de viver muito unidos ao Senhor. «Andar pela vida como apóstolos: com luz de Deus, com sal de Deus. Sem medo, com naturalidade, mas com tal vida interior, com tal união com Nosso Senhor, que iluminem, que evitem a corrupção e as sombras.» [168]. O próprio Deus tornará fecundas as nossas dificuldades e não nos perderemos a pensar na nossa fragilidade ou nas dificuldades externas: se o lago é demasiado grande, se as multidões nos entendem mal, se começaram a criticar-nos, se o caminho é duro, se não posso remar contra esta tempestade ...

### **Com motor próprio**

Revendo a lista dos doze apóstolos, chama a atenção como eles são diferentes, às vezes com personalidades muito fortes. O mesmo acontece quando pensamos em santos e santas canonizados pela Igreja. E a mesma coisa, quando olhamos para a vida de muitas pessoas comuns que seguem o Senhor com uma entrega discreta, mas constante. Todos diferentes, e ao mesmo tempo, todos apóstolos, fiéis, apaixonados pelo Senhor.

Ao entregarmo-nos a Deus, não perdemos a nossa própria riqueza; pelo contrário, porque "quando o Senhor pensa em alguém, no que gostaria de lhe dar de presente, vê-o como seu amigo pessoal. E decidiu presentear-te com uma graça (...) será certamente algo que te deixará feliz no mais íntimo de ti mesmo e te entusiasmará mais do que qualquer outra coisa neste mundo. Não, porque o dom concedido seja um carisma extraordinário ou raro, mas porque é precisamente à tua medida, à medida de toda a tua vida.» [169]. É por isso que aquele que decide seguir o Senhor

percebe, ao longo dos anos, como a graça, acompanhada pelo trabalho pessoal, até transforma o seu caráter, de modo que lhe é mais fácil amar e servir a todos. Isto não é o resultado da imposição voluntarista de um ideal de perfeição. Pelo contrário, é a influência e paixão que Jesus Cristo produz na vida do apóstolo.

Pouco depois da sua eleição como prelado, perguntaram a D. Javier Echevarría se tinha tido uma vida própria: «Conseguiu ser quem queria?» A sua resposta é comovedora: são as palavras de alguém que olha para trás para a própria vida e vê o que Deus fez nela. «Sim, tive a minha vida própria. Nunca teria sonhado realizar a minha vida de modo tão ambicioso. Vivendo por mim próprio, teria tido horizontes muito mais estreitos, voos mais curtos (...). Eu, como homem do meu tempo, como cristão e como sacerdote, sou uma pessoa ambiciosamente realizada. E tenho um coração globalizado, graças a ter vivido com dois homens [S. Josemaria e o Beato Álvaro] de espírito grandioso, cristãmente grandioso” [170].

Quem é enviado por Cristo e deixa que seja Ele a dirigir o leme da sua vida, não pode esquecer que Ele espera uma resposta profundamente livre. Livre, em primeiro lugar, de egoísmos, da nossa soberba e do nosso desejo de brilhar. Mas livre também para pôr ao Seu serviço todos os nossos talentos, a nossa iniciativa, a nossa criatividade. Por isso, S. Josemaria dizia que "uma das características mais evidentes do espírito do Opus Dei é o seu amor à liberdade e à compreensão" [171].

Ao mesmo tempo, essa liberdade de espírito não consiste em "agir de acordo com os caprichos e em resistir a qualquer norma" [172], como se tudo o que não viesse de nós fosse uma imposição da qual se libertar. Pelo contrário, trata-se de trabalhar com o mesmo Espírito que moveu Jesus: "Eu descí do Céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 6,38). Se o apostolado fosse considerado uma "atividade", haveria o risco de se sentir inibido pelas indicações dos que coordenam as iniciativas apostólicas. Pelo contrário, quem se sente enviado por Cristo desfruta da ajuda e do impulso que Deus transmite através

dos Seus múltiplos instrumentos. Viver com liberdade de espírito é deixar que seja o Espírito Santo que nos conforme e nos guie, servindo-Se também daqueles que colocou ao nosso lado.

A liberdade de espírito leva a pessoa a agir "com motor próprio" diante de uma ou outra necessidade da missão apostólica; com o seu próprio motor, isto é, não com uma aceitação passiva, mas com a convicção de que é isso que o Senhor nos pede naquele momento, porque é isso que corresponde ao apóstolo que somos. Assim, continuamente, nas pequenas circunstâncias do nosso dia a dia, podemos notar a brisa fresca do Espírito, que nos empurra "mar adentro" (Lc 5,4), para continuar com Ele a história encantadora do Amor de Deus por nós.

Se a nossa missão fosse "fazer apostolado", poderíamos pô-la de lado por causa de um trabalho absorvente ou de uma doença, ou poderíamos ter "férias" apostólicas. No entanto, "somos apóstolos!": é a nossa vida! Portanto, seria uma contradição sair para a rua e deixar o zelo evangelizador em casa. Certamente, a missão envolverá muitas vezes esforço e exigirá coragem da nossa parte para superar os nossos medos. No entanto, estas resistências interiores não devem perturbar-nos, porque o Espírito Santo faz crescer, nos corações daqueles que são dóceis, uma autêntica espontaneidade e criatividade apostólica: à medida que nos identificamos com a nossa missão, tudo se torna ocasião de apostolado.

Adquire-se a "consciência de estar num posto avançado, de sentinela" [173], o que leva a permanecer "em vigília de amor, tenso, sem dormir, trabalhando com empenho" [174]. Uma vigília que é de amor e que, portanto, não significa ansiedade ou nervosismo. Temos nas nossas mãos um trabalho que nos entusiasma, que nos faz felizes e que comunica a felicidade ao nosso redor. Trabalhamos na vinha do Senhor e temos a certeza de que o trabalho é d'Ele. Se alguma vez se infiltrasse na alma uma certa falta de paz, uma tensão excessiva, seria a hora de aproximar-

se d'Ele para dizer: faço isto por Ti, ajuda-me a trabalhar com calma e com a certeza de que tudo é feito por Ti.

### **Luz divina que dá calor**

Quando, na parábola dos convidados para as bodas, o pai sabe que alguns dos convidados se desculparam, ordena ao criado que traga "os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos". (Lc 14,21) A sala está bastante concorrida, mas ainda há lugares livres. Então diz ao seu servo: 'Sai pelos caminhos e azinhagas e obriga-os a entrar, para que a minha casa fique cheia.' (Lc 14:23). «Obriga a entrar», *compelle intrare*: até esse ponto chega a intensidade do seu desejo.

A ordem é taxativa, porque o chamamento para a salvação é universal. S. Josemaria entendia-o assim: "Não é como um empurrão material, mas a abundância de luz, de doutrina; o estímulo espiritual da vossa oração e do vosso trabalho, que é um testemunho autêntico da doutrina; o cúmulo de sacrifícios, que sabeis oferecer; o sorriso, que vos vem à boca, porque sois filhos de Deus: filiação, que vos enche de uma felicidade serena - embora na vossa vida, às vezes, não faltem contradições -, que os outros veem e invejam. Juntai a tudo isso o vosso garbo e a vossa simpatia humana, e teremos o conteúdo do *compelle intrare*" [175]. Não se trata, pois, de coagir ninguém: é uma combinação, inédita de cada vez, de oração e amizade, de testemunho e generoso sacrifício... uma alegria que é compartilhada, uma simpatia que convida com liberdade.

Deus atua "por atração" [176], estimulando as almas com a alegria e o encanto da vida dos cristãos. É por isso que o apostolado é o amor que transborda. Um coração que sabe amar sabe atrair: "atraímos a todos com o coração", dizia S. Josemaria. Portanto, para todos peço um coração muito grande: se amamos as almas, vamos atraí-las» [177]. De facto, nada atrai tanto como o amor autêntico, especialmente numa época em que muitas pessoas não conhecem o calor do amor de Deus. A verdadeira amizade é, de facto, o "modo de apostolado que S. Josemaria encontrou nos relatos evangélicos" [178]: Filipe atraiu Bartolomeu; André, Pedro; e

devem ter sido bons amigos os que levaram a Jesus aquele paralítico que não conseguia sair da sua maca.

"Num cristão, num filho de Deus, a amizade e a caridade formam uma coisa: luz divina que dá calor" [179]. Ter amigos requer assiduidade, contacto pessoal; exemplo e lealdade sinceras; disposição de ajudar, apoiar-se uns aos outros; escuta e empatia: capacidade de cuidar das necessidades do outro. A amizade não é um instrumento para o apostolado, mas o próprio apostolado é, em essência, amizade: gratuidade, desejo de viver com os outros. É claro que queremos que os nossos amigos se aproximem do Senhor, mas que isso aconteça como e quando Deus quiser. Embora seja lógico que um apóstolo busque bons resultados no seu trabalho, e que valorize a relação entre os seus esforços e a influência que têm sobre os outros, nunca pode esquecer que os apóstolos seguiram Jesus mesmo quando quase todos se foram embora (cf. *Jo* 6, 66-69). Com o tempo, viriam os frutos (cf. *At* 2,37-41).

Certa ocasião, um jovem perguntou a S. Josemaria: «Padre, que devemos fazer para que apitem muitos [180]?». S. Josemaria respondeu imediatamente: "Muita oração, amizade leal e respeito pela liberdade". Ao jovem a resposta soube-lhe a pouco. Acrescentou: "E isso não é ir demasiado devagar, Padre?" "Não, porque a vocação é sobrenatural", respondeu S. Josemaria, prolongando cada sílaba. «Bastou um segundo para passar de Saulo para Paulo. Depois, três dias de oração, e converteu-se num apaixonado apóstolo de Jesus Cristo»[181].

É Deus quem chama e o Espírito Santo quem move o coração. O apóstolo acompanha os seus amigos com oração e sacrifício, sem ficar impaciente ao receber um "não" às suas sugestões, ou ficar aborrecido quando alguém não se deixa ajudar. Um verdadeiro amigo confia nos pontos fortes para ajudá-los a crescer e evita, muitas vezes, censuras sobre as decisões dos outros; sabe quando é necessário ficar em silêncio, e quando é necessário "voltar à carga" de maneira diferente, sem se tornar maçador, sem censurar:

da confiança e do compromisso com o melhor de cada um, de cada uma. Isso é o que Deus faz, e é isso que quer que os Seus filhos façam.

Sem sermos inconvenientes, mantendo o sorriso no rosto, podemos insinuar algumas palavras ao ouvido, como o Senhor fazia. E, continuamente, manteremos vivo o desejo de que muitas pessoas O conheçam: "Tu e eu, filhos de Deus, quando vemos as pessoas, temos que pensar nas almas: aqui está uma alma - temos que dizer a nós próprios - que temos de ajudar; uma alma que temos de compreender; uma alma com quem se deve conviver; uma alma que temos de salvar»[\[182\]](#).

*José Manuel Antuña*

[Voltar ao índice](#)

## 11. Caminhar com Cristo até à plenitude do Amor

"Ele, que amara os Seus que estavam no mundo, levou o Seu amor por eles até ao extremo." (Jo 13,1). É assim que São João introduz no seu Evangelho o gesto sem precedentes que Jesus fez antes de iniciar a Ceia Pascal, quando já todos estavam sentados à mesa: "levantou-Se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura." (Jo 13, 4-5).

Jesus lava os pés aos apóstolos. Homens frágeis, escolhidos para serem o alicerce da Igreja. Todos eles sentiram medo na tempestade do lago, duvidaram da capacidade do Mestre de alimentar uma multidão imensa, discutiram acaloradamente quem seria o mais importante no Reino. Também começaram a experimentar o sofrimento que supõe segui-l'O: não desertaram, como muitos outros, depois do discurso do Pão da Vida na sinagoga de Cafarnaum, acompanharam-n'O nas Suas longas caminhadas pela terra de Israel e sabem, porque o percebem no ambiente, que há quem deseje a Sua morte.

Pedro observa atónito o que está a acontecer. Não consegue entender e revolta-se. «Senhor, Tu vais lavar-me os pés?» Jesus respondeu: «O que Eu estou a fazer não o podes entender por agora, mas há-de compreendê-lo depois». Pedro insiste: "Não! Tu nunca me há-de lavar os pés!" (Jo 13,5-8). A radicalidade da resposta de Simão surpreende. Não quer ser uma recusa: é o amor ao Senhor que o leva a negar-se. E, no entanto, o Senhor mostra-lhe que está errado: «Se Eu não te lavar, não terás parte comigo.» (Jo 13,8).

Desde o seu primeiro encontro com o Mestre, São Pedro tinha seguido um caminho de crescimento interior, e foi entendendo gradualmente quem é Jesus, o Filho do Deus vivo. Mas a Paixão do Senhor aproxima-se e ainda há muito caminho para percorrer. No Cenáculo dá-se uma cena em dois atos, o lava-pés e a instituição da Eucaristia, através dos quais Pedro começa a descobrir até que extremo chega o Amor de Deus, e até que ponto este Amor o interpela pessoalmente. Neste momento, o mandamento de amor ao próximo como a si mesmo ainda é para ele apenas uma afirmação, algo que não penetrou no seu coração com a profundidade que Jesus deseja. E é por isso que se rebela. Não aceita que a vontade de Deus, para o seu Mestre e para ele, seja uma vida de amor e de serviço humilde a todo o homem, a qualquer homem.

Esta experiência de Pedro pode dar-se com frequência nas nossas vidas. Também nós temos dificuldade em entender; precisamos de tempo para entender as verdades mais elementares. No nosso coração, misturam-se grandes desejos de amor com intenções menos nobres; muitas vezes o medo paralisa-nos e as nossas palavras não são acompanhadas pelas obras. Amamos o Senhor, percebemos que a vocação divina é a nossa joia mais preciosa: a tal ponto que vendemos tudo para comprá-la. Mas, com o passar dos anos, a mudança de circunstâncias, certas situações desagradáveis ou o cansaço do trabalho diário podem obscurecer o nosso caminho.

Além disso, pode acontecer que não se tenha atingido aquele grau de maturidade humana e espiritual que permite viver a vocação como um caminho de amor. A nossa caridade com o próximo pode ser prejudicada por algumas dessas distorções que reduzem o nosso mistério pessoal: o sentimentalismo, pelo qual se responde mais à própria percepção momentânea das coisas do que a uma relação profunda com Deus e com os outros; o voluntarismo, devido ao qual nos esquecemos que a vida cristã consiste, em boa medida, em deixar que Deus nos ame e que ame através de nós; o perfeccionismo, que tende a ver as deficiências humanas como algo alheio ao plano de Deus.

No entanto, precisamente porque Deus conta com os nossos limites, não Se surpreende nem Se cansa de nos ver complicar ou desfigurar a nossa vocação. Chamou-nos, como a Pedro, sendo pecadores e insiste. "Se Eu não te lavar, não terás parte comigo", responde Jesus. Simão Pedro baixa os braços: "Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!" (Jo 13,8-9). Jesus sabe que é o amor que move Pedro, e é por isso que responde com o mesmo radicalismo. O coração do apóstolo responde com a impetuosidade que o caracteriza: "Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça". São palavras pronunciadas muito rapidamente.

Pedro estava ciente do que significavam? O que aconteceu naquela mesma noite parece indicar que não. Entendê-lo-ia mais tarde, pouco a pouco: pelo sofrimento da Paixão, pela alegria da Ressurreição e sob a ação do Espírito Santo. O seu diálogo com Jesus ensina-nos, em todo o caso, que, para caminhar até à plenitude do amor, o primeiro passo é descobrir o carinho e a ternura de Jesus por cada um; e saber que, através das nossas misérias retificadas, tornar-nos-emos mais semelhantes a Ele.

### **Patamares da liberdade**

Seguir Jesus significa aprender a amar como Ele. É um caminho ascendente, que custa, mas que é ao mesmo tempo um caminho de liberdade. "Quanto mais livres somos, mais podemos amar. E o amor é exigente: "tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." (1 Co 13,7)»[183]. Quando ainda era um jovem sacerdote, S. Josemaria descreveu este itinerário da ascensão da liberdade fiel: "Gradação: resignar-se com a Vontade de Deus; conformar-se com a Vontade de Deus; querer a Vontade de Deus; amar a Vontade de Deus."[184].

A resignação é o patamar mais baixo da liberdade. É a atitude menos generosa das quatro e pode facilmente degenerar em tibieza espiritual. Poderia ser descrita como uma resistência sem crescimento: aguentar por aguentar; porque é "o que me calhou". É verdade que a fortaleza, que é uma virtude cardeal, leva a aguentar, a resistir; e, de facto, faz crescer a liberdade dessa maneira, porque

entendemos e desejamos o bem pelo qual estamos a resistir. A resignação, no entanto, não percebe nenhum bem, ou percebe-o tão vagamente que não gera alegria. Às vezes, mesmo durante uma temporada, pode ser-nos difícil superar essa atitude; mas quando alguém se instala definitivamente na resignação é gradualmente invadido pela tristeza.

Conformar-se com a vontade de Deus exprime um estado superior: *conformar-nos* com a realidade. Não confundir esse conformar-se com o que é próprio da pessoa medíocre, que não tem sonhos, projetos nem desejos para viver. É antes a atitude realista de quem sabe que todo o desejo é agradável a Deus. Quem se conforma neste sentido aprende a entrar, pouco a pouco, na lógica divina, a convencer-se de que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus (cf. *Rm* 8,28). S. Josemaria exprimiu, por vezes com uma imagem bíblica, esta disposição para o desígnio do Pai: «- Senhor, ajuda-me a ser-te fiel e dócil, como o barro nas mãos do oleiro. E assim não viverei eu, mas em mim viverás e actuarás Tu, Amor.»[\[185\]](#)

Já podemos adivinhar como esse processo de conformação à vontade de Deus está chamado a levantar voo, no momento em que começamos a querer a vontade de Deus: "em mim viverás e actuarás Tu, Amor". As circunstâncias e pessoas que não escolhemos passam a ser queridas em si mesmas porque são boas: decidimos "escolhê-las". «Meu Deus, eu escolho tudo» [\[186\]](#), disse Santa Teresa de Lisieux. Dava-se conta, com São Paulo, que "nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso."(*Rm* 8,38-39). Descobrimos assim, no meio da imperfeição das coisas, aquele "algo de santo" que as situações escondem [\[187\]](#); a imagem de Deus torna-se-nos mais visível nos outros.

### **Impregnados do sangue de Cristo**

O último patamar neste crescimento pessoal coloca-nos perante o amor. Entramos assim, como ensina São João, no núcleo da revelação cristã: "conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos n'Ele." (1 Jo 4,16). Depois de lavar os pés aos apóstolos, o Senhor explica-lhes porque o fez: "dei-vos exemplo" (Jo 13,15). Já estão preparados para ouvir o mandamento novo: "amai-vos uns aos outros assim como Eu vos amei" (Jo 13:34). Trata-se de aprender a amar com o maior Amor, dando até a própria vida, como Ele: "É por isto que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois. Ninguém me tira, mas sou Eu que a ofereço livremente." (Jo 10, 17-18). É próprio do amor cristão dar-se, sair de si mesmo, entregar-se com paixão à realidade que Deus Pai quis para cada um de nós. Isso é amar a vontade de Deus: uma afirmação alegre e criativa que nos impulsiona a sair de nós mesmos; uma decisão que, paradoxalmente, é o único caminho para nos encontrarmos realmente conosco mesmos: «Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há de encontrá-la.» (Mt 16,25).

Este amor, no entanto, não consiste numa "espécie de esforço moral extremo (...), um grau superior de humanismo" [188]. A novidade do Mandamento novo "só pode vir do dom de comunhão com Cristo, de viver n'Ele" [189]. Portanto, ao descobrir o mandamento novo, o Senhor dá aos seus apóstolos o sacramento do amor: a Eucaristia é, a partir desse momento, o centro da vida cristã: não estamos diante de uma verdade teórica, mas de uma necessidade vital [190].

«A mão de Cristo colheu-nos num trigal: o semeador aperta na sua mão chagada o punhado de trigo; o sangue de Cristo banha a semente, empapa-a. Depois, o Senhor lança ao ar esse trigo, para que, morrendo, seja vida e, afundando-se na terra, seja capaz de multiplicar-se em espigas de ouro.» [191] Somos capazes de entregar-nos porque vivemos empapados no sangue de Cristo, que nos faz morrer para nós próprios para dar frutos abundantes de alegria e paz à nossa volta. A nossa participação no Sacrifício de Jesus e a nossa adoração da Sua presença real na Eucaristia

levam, sem solução de continuidade, ao amor ao próximo. Portanto, "quem não é fiel à missão divina de se entregar aos outros, ajudando-os a conhecer Cristo, dificilmente conseguirá entender o que é o Pão Eucarístico". E vice-versa: "Para apreciar e amar a Sagrada Eucaristia, é preciso percorrer o caminho de Jesus; sermos trigo, morrermos para nós próprios, ressuscitarmos cheios de vida e darmos fruto abundante: cem por um!" [192]

### **Coerência eucarística**

«Jesus caminha no meio de nós, como fazia na Galileia. Passa pelas nossas estradas, detém-Se e fixa-nos nos olhos, sem pressa. A Sua chamada é atraente, fascinante.»[193] Quando nos decidimos a caminhar ao Seu lado, viver em comunhão com Ele, a vida ilumina-se e adquire gradualmente uma verdadeira "coerência eucarística" [194]: o amor e a proximidade que recebemos d'Ele permitem-nos dar-nos aos outros como Ele se deu. Assim, a pessoa descobre e expulsa pouco a pouco os obstáculos que impedem o crescimento da caridade de Cristo no seu coração: a tendência ao menor esforço no cumprimento dos próprios deveres; o medo de se exceder em carinho e serviço aos outros; a falta de compreensão perante os limites das pessoas; o orgulho que exige o reconhecimento das nossas boas ações pelos outros, turvando a retidão de intenção.

S. Josemaria falava com emoção da vida alegre daqueles que se entregam a Cristo e perseveram fielmente a seguir o seu chamamento. «Esse caminho resume-se numa única palavra: amar. Amar é ter o coração grande, sentir as preocupações dos que estão à nossa volta, saber perdoar e compreender: sacrificar-se, com Jesus Cristo, por todas as almas»[195]. Sabemos que isso é algo que excede as nossas capacidades. É por isso que muitas vezes pedimos ao Senhor que nos dê um coração que se adapte ao seu. Assim, «Se amamos com o coração de Cristo, aprenderemos a servir, e defenderemos a verdade claramente e com amor (...). Só reproduzindo em nós a Vida de Cristo, poderemos transmiti-la aos outros; só experimentando a morte do grão de trigo, poderemos

trabalhar nas entranhas da terra, transformá-la por dentro, torná-la fecunda” [\[196\]](#). Este é o caminho da fidelidade que, por ser um caminho de Amor, é também um caminho de felicidade.

*Paul Muller*

[Voltar ao índice](#)

## 12. Frutos da fidelidade

O livro dos Salmos começa com um canto à fecundidade de quem procura ser fiel a Deus e à Sua lei, e não se deixa levar pelo ambiente que os ímpios promovem: “É como a árvore plantada à beira da água corrente: dá fruto na estação própria e a sua folhagem não murcha; em tudo o que faz é bem sucedido.” (cf. *Sal* 1,1-3). Na verdade, trata-se de um ensinamento constante nas Escrituras: “O homem fiel será cumulado de bênçãos” (*Prov.* 28,20); “o que semeia justiça tem certa a recompensa” (*Prov.* 11,18). Todas as obras de Deus são fecundas, assim como as vidas das pessoas que respondem ao seu chamamento. O Senhor recordou-o aos apóstolos na última ceia: “fui Eu que vos escolhi e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça” (*Jo* 15,16). A única coisa que Ele nos pede é que permaneçamos unidos a Ele como os ramos à videira, porque “Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto” (*Jo* 15,5).

Ao longo dos séculos, os santos também experimentaram a generosidade de Deus. Santa Teresa, por exemplo, escreveu: “E não costuma Sua Majestade pagar mal a pousada, quando Lhe dão boa hospedagem”[\[197\]](#). Ele prometeu àqueles que são fiéis que serão recebidos em Seu Reino, com palavras cheias de carinho: ‘Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do Teu senhor.’ (*Mt* 25,21). No entanto, Deus não espera o Céu para dar o prêmio aos Seus filhos; nesta vida, já os vai introduzindo na alegria divina com muitas bênçãos, com frutos de santidade e virtudes, fazendo com que cada pessoa e os seus talentos tenham o melhor rendimento possível. Ajuda-nos a não prestar muita atenção à nossa fragilidade e a confiarmos cada vez mais no poder de Deus. Além disso, por meio dos Seus filhos, o Senhor também abençoa as pessoas que estão

ao seu redor. Deus alegra-Se com isso: “Nisto se manifesta a glória do meu Pai: em que deis muito fruto” (Jo 15,8).

Nestas páginas, vamos rever alguns frutos que a nossa fidelidade produz, tanto na nossa vida como na dos outros. Queira Deus que esses frutos, e muitos outros que só Ele conhece, nos animem a nunca interromper a ação de graças pelos Seus cuidados e pela Sua proximidade. Assim, nós também aprenderemos a beneficiar desse amor cada dia mais.

### **Um céu dentro de nós**

Poucas semanas antes de ir para o Céu, S. Josemaria dizia a alguns dos seus filhos: “O Senhor quis depositar em nós um tesouro riquíssimo. (...) Em nós habita Deus, Senhor Nosso, com toda a sua grandeza. Em nossos corações há habitualmente um Céu” [198]. O Senhor havia prometido aos apóstolos: “Se alguém Me tem amor, há-de guardar a Minha palavra; e o Meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada” (Jo 14,23). Este é o principal dom que Deus nos oferece: a Sua amizade e a Sua presença em nós.

Todos os dias podemos contemplar na oração com olhos novos esta verdade da presença divina em nós, e cultivá-la na nossa memória. Repletos de assombro e agradecimento procuraremos corresponder como bons filhos ao carinho imenso que Deus tem por nós. Porque “não é para ficar no cibório de ouro que Ele desce do céu todos os dias, mas para encontrar um outro céu, infinitamente mais querido que o primeiro, o céu da nossa alma, feito à Sua imagem, o templo vivo da adorável Trindade”[199]. Somente com este presente divino podemos sentir-nos infinitamente recompensados e também seguros da alegria que damos a Deus com a nossa fidelidade.

Quando chega o cansaço físico ou moral, quando os abalos e dificuldades aumentam, é hora de lembrar outra vez que, “se Deus mora na nossa alma, tudo o resto, por mais importante que pareça, é acidental, transitório; em contrapartida, nós, em Deus, somos o permanente.”[200]. A certeza de que Deus está comigo, em mim e

de que eu estou n'Ele (cfr. Jo, 6,56) é fonte de uma segurança interior e uma esperança impossíveis de explicar humanamente. Esta convicção vai-nos tornando cada vez mais simples – como crianças – e dá-nos uma visão ampla e confiada, um interior descontraído e alegre. Do fundo da alma brotam então a alegria e a paz, como frutos naturais da fidelidade e da entrega. Esses frutos são tão importantes, têm tanta força evangelizadora que S. Josemaria os pedia diariamente ao Senhor na santa Missa, para ele e para todos os seus filhos e filhas[201].

Temos um Céu dentro de nós para levá-lo a todos os lugares: à nossa casa, ao lugar de trabalho, ao descanso, às reuniões com os nossos amigos... “nos nossos dias, em que se nota frequentemente uma forte ausência de paz na vida social, no trabalho, na vida familiar... é cada vez mais necessário que os cristãos sejam, tomando de S. Josemaria a expressão, ‘semeadores de paz e de alegria’ ”[202]. Sabemos por experiência que essa paz e essa alegria não são nossas. Por isso procuramos cultivar a presença de Deus nos nossos corações, para que Ele preencha a nossa vida e para que seja Ele a comunicar os Seus dons aos que nos rodeiam. E a eficácia dessa simples sementeira é certa, ainda que o seu alcance seja imprevisível: “A paz do mundo depende talvez mais das nossas disposições pessoais, habituais e perseverantes, por sorrir, perdoar e não nos darmos importância, do que das grandes negociações entre os Estados, por muito importantes que sejam”[203].

### **Coração firme e misericordioso**

Quando deixamos que a presença de Deus crie raízes e frutifique em nós – de certo modo, a fidelidade é isso – gradualmente adquirimos uma “firmeza interior” com a qual se torna possível ser pacientes e mansos perante as contrariedades, os imprevistos, as situações desagradáveis, os nossos próprios limites e os limites dos outros. S. João Maria Vianney dizia que “as nossas falhas são grãos de areia ao lado da grande montanha da misericórdia de Deus”[204]. Essa convicção permite-nos reagir de

uma forma cada vez mais parecida a como Deus reage às mesmas pessoas e circunstâncias, com mansidão e misericórdia, sem nos preocuparmos quando não respondem às nossas previsões e gostos imediatos. Descobrimos, em suma, que todos os acontecimentos são de alguma forma “veículos da vontade divina e devem ser recebidos com respeito e amor, com alegria e paz”[205]. Desta forma, pouco a pouco, adquirimos uma facilidade maior para rezar, desculpar e perdoar, como o Senhor faz, e se perdermos a paz, logo a recuperamos.

Às vezes, pode parecer uma fraqueza essa disposição de cultivar a mansidão e a misericórdia nos nossos corações diante das misérias alheias que nos parecem denunciáveis ou diante da malícia de alguns que nos querem fazer mal. Lembremo-nos, no entanto, de como Jesus repreende os discípulos quando sugerem enviar um castigo do céu aos samaritanos que não O recebem (cf. *Lc 9,55*). “O programa do cristão — o programa do bom Samaritano, o programa de Jesus — é «um coração que vê». Este coração vê onde há necessidade de amor, e atua em consequência”[206].

A nossa paciente misericórdia, que não se irrita nem reclama diante da contrariedade, torna-se assim um bálsamo com que Deus cura os contritos do coração, cura as suas feridas (cf. *Sal 147,3*) e lhes torna mais fácil e mais suportável o caminho de conversão.

### **Uma eficácia que não podemos imaginar**

Hoje tornou-se indispensável cultivar e divulgar a própria imagem e o perfil pessoal perante os outros, para estar presentes e ter impacto nas várias áreas das redes sociais e profissionais. No entanto, se perdermos de vista o facto de que vivemos em Deus, que Ele “está junto de nós continuamente”[207], esse interesse pode levar a uma obsessão mais ou menos subtil de nos sentirmos aceites, reconhecidos, seguidos e até mesmo admirados. Há então uma necessidade constante de verificar o valor e a transcendência de tudo o que fazemos ou dizemos.

Esse desejo de ser reconhecidos e comprovar o nosso valor, no fundo corresponde, mesmo que de um modo tosco, a uma verdade profunda. É que de facto, valem muito. Tanto, que Deus quis dar a Sua vida por cada um. No entanto, com muita facilidade, começamos a exigir, mesmo de maneira muito subtil, o amor e o reconhecimento que só podemos acolher. Talvez seja por isso que o Senhor quis salientar no Sermão da Montanha: «Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles; de outro modo, não tereis nenhuma recompensa do vosso Pai que está no Céu.»(Mt 6,1) E, ainda de forma mais radical: “que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita” (Mt 6,3).

Este risco de exigir Amor em vez de acolhê-lo perderá força em nós se agirmos com a convicção de que Deus contempla a nossa vida com um carinho minucioso – porque o amor está nos detalhes. “Se queres ter espectadores das coisas que fazes, aí os tens: os anjos, os arcanjos e até o próprio Deus do Universo”[\[208\]](#). Experimenta-se então na alma a auto-estima de quem se sabe sempre bem acompanhado e não precisa de estímulos externos especiais para confiar na eficácia da sua oração e da sua vida. E isso, tanto se ela é conhecida por muitos, como se passasse ignorada pela grande maioria. Será suficiente para nós termos em mente o olhar de Deus e sentir as palavras de Jesus dirigidas a cada um de nós: “e teu Pai, que vê o oculto, há-de premiar-te” (Mt 6,4).

Podemos aprender muito, neste sentido, dos anos ocultos de Jesus em Nazaré. Ali passou a maior parte da Sua vida na terra. Sob o olhar atento do Seu Pai do Céu, da Virgem Maria e de S. José, o Filho de Deus já estava realizando, em silêncio e com infinita eficácia, a Redenção da humanidade. Poucos O viam, mas lá, numa modesta oficina de artesão, numa pequena aldeia na Galileia, Deus mudava para sempre a história dos homens. Nós também podemos ter essa fecundidade da vida de Jesus, se O deixarmos transparecer em nós, se O deixarmos amar na nossa vida, com essa simplicidade.

Deus continua a mudar o mundo, ficando oculto em cada Sacrário, nas profundezas do nosso coração. É por isso que a nossa vida de entrega, em união com Deus e com os outros, adquire, pela Comunhão dos Santos, uma eficácia que não podemos imaginar nem medir. “Não sabes se progrediste, nem quanto... - De que te serviria esse cálculo?... O importante é que perseveres, que o teu coração arda em fogo, que veja mais luz e mais horizonte...: que vivas as nossas intenções, que as pressintas - ainda que as não conheças - e que rezes por todas.”[209].

### **Deus é o de sempre**

S. Paulo incentivava os cristãos a serem fiéis, a não se preocuparem em ir contra a maioria e trabalhar com os olhos no Senhor: “Assim, meus queridos irmãos, sede firmes, inabaláveis, e progredi sempre na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é inútil no Senhor.” (1 Cor 15,58). S. Josemaria repetia de diferentes maneiras a mesma exortação do apóstolo: “Se fordes fiéis, podereis chamar-vos vencedores. Na vossa vida, não conhecereis derrotas. Não existem fracassos, quando se trabalha com retidão de intenção e querendo cumprir a vontade de Deus. Com êxito ou sem ele, teremos triunfado, porque teremos feito o trabalho por Amor”[210].

Em qualquer caminho vocacional, após um tempo de entrega, podemos vir a sentir a tentação do desânimo. Talvez pensemos que não fomos muito generosos até este momento, ou que a nossa fidelidade dá poucos frutos e que temos pouco sucesso apostólico. Nesses casos é bom lembrar o que Deus nos assegurou: “Não trabalharão em vão” (Is 65,23). S. Josemaria exprimia-o assim: “Ser santo implica ser eficaz, mesmo que o santo não toque nem veja a eficácia”[211]. Deus às vezes permite que os Seus fiéis sofram provações e dificuldades no seu trabalho, para fazer a sua alma mais bela, o seu coração mais terno. Quando, apesar da nossa vontade de agradar a Deus, ficamos desanimados ou cansados, não deixemos de trabalhar com sentido de mistério: tendo presente que a nossa eficácia, muitas vezes, “é invisível, incontável, não pode

ser contabilizada. A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos, mas sem pretender conhecer como, onde ou quando. (...) Continuemos para diante, empenhemo-nos totalmente, mas deixemos que seja Ele a tornar fecundos, como melhor Lhe parecer, os nossos esforços”[212].

O Senhor pede que trabalhemos com abandono e com confiança nas Suas forças e não nas nossas, na Sua visão das coisas e não na nossa limitada percepção. “Quando realmente te abandonares no Senhor, aprenderás a contentar-te com o que suceder, e a não perder a serenidade, se as tarefas - apesar de teres posto todo o teu empenho e empregado os meios convenientes - não saem a teu gosto... Porque terão "saído" como convém a Deus que saiam.”[213]. A consciência de que Deus pode tudo e de que Ele vê todo o bem que fazemos e o guarda com carinho, por menor e escondido que possa parecer, ajudar-nos-á “a estar seguros e otimistas nos momentos duros que possam surgir na história do mundo ou na nossa existência pessoal. Deus é o de sempre: onipotente, sapientíssimo, misericordioso. E sempre sabe retirar do mal, o bem; das derrotas, grandes vitórias para os que confiam n’Ele.”[214]

Unidos a Deus, nós vivemos no meio do mundo como Seus filhos, e vamo-nos convertendo em semeadores de paz e alegria para todos os que vivem ao nosso redor. Essa é a obra paciente e artesanal que Deus realiza nos nossos corações. Deixemos que ilumine todos os nossos pensamentos e que inspire todas as nossas ações. É o que fez a nossa Mãe, a Virgem Maria, feliz ao ver as grandes coisas que o Senhor fez na Sua vida. Possamos nós também saber dizer todos os dias, como Ela: Fiat! Faça-se em mim segundo a Tua palavra (Lc 1,38).

*Pablo Edo*

[Voltar ao índice](#)

# Sobre

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2020

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)

# Notas

[←1]

Bento XVI, Discurso, 25-IV-2005.

[←2]

Francisco, *Ex. ap. Christus vivit* (25-III-2019), n. 286.

[←3]

Algumas das obras mais conhecidas de S. Josemaria (concretamente, Caminho, Sulco, Forja, Cristo que passa, Amigos de Deus, Santo Rosário, Via Sacra, Entrevistas a S. Josemaria) citam-se neste livro só com a indicação do autor e do título. As referências bibliográficas de todos os seus escritos podem encontrar-se em [www.escrivaworks.org](http://www.escrivaworks.org). Quando o título de uma obra vai acompanhado da indicação “edição crítica-histórica”, trata-se de uma edição de Obras Completas de Josemaría Escrivá, Rialp, Madrid (apenas disponível em versão em castelhano). Os textos da pregação oral ou escrita ainda não publicados nas Obras Completas vão acompanhados da sua referência no Arquivo Geral da Prelatura (AGP).

[←4]

F. Ocáriz, notas de um encontro com jovens na Argentina, 5-VIII-2018.

[←5]

A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. I, p. 97.

[←6]

Bento XVI, *Enc. Deus Caritas est* (25-XII-2005), n. 1.

[←7]

Francisco, *Ex. Ap. Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), n. 3.

[←8]

F. Ocáriz, notas de uma reunião familiar, em Obras, IV-2017, p. 50 (AGP, Biblioteca, P03).

[←9]

*Ibidem*

[←10]

S. João Paulo II, Discurso aos jovens do Cazaquistão, 23-IX-2001.

[←11]

Bento XVI, Audiência Geral, 2-VIII-2006.

[←12]

Francisco, *Ex. ap. Christus vivit* (25-III-2019), n. 129.

[←13]

S. Josemaria, *Caminho*, edição crítico-histórica, comentário ao n. 382.

[←14]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 1.

[←15]

S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 300.

[←16]

Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, volume I, p. 90.

[←17]

*Ibidem*, p. 91.

[←18]

Santa Teresa de Jesús, *Livro da Vida*, 8, 2.

[←19]

S. Gregório Nazianzeno, *Sermão 43*.

[←20]

Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, volume I, p. 91.

[←21]

T. de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro III, cap. 5.

[←22]

Francisco, Vigília de Oração com os jovens durante a JMJ em Cracóvia, 30-VII-2016.

[←23]

*Missal Romano*, Oração Eucarística I.

[←24]

S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 312.

[←25]

Cf. por exemplo *Nm* 11,14s: “Eu sozinho não consigo suportar todo este povo, porque é demasiado pesado para mim! Se me queres tratar assim, dá-me antes a morte! se encontrei graça diante de ti, que eu não veja mais a minha desgraça”; *Jr* 20,18: “Porque saí do seu seio? Somente para contemplar tormentos e misérias, e consumir os meus dias na confusão?”; 1 R 19,4: “Basta, SENHOR, disse ele; tira-me a vida, pois não sou melhor do que meus pais”.

[←26]

Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et Exsultate* (19-III-2018), n. 131.

[←27]

Francisco, Homilia na Jornada Mundial da Juventude, Cracóvia, 31-VII-2016.

[←28]

S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 38.

[←29]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 45.

[←30]

F. Ocáriz, “Luz para ver, força para querer”.

[←31]

Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), *Vida escondida y epifanía*, en *Obras Completas V*, Burgos 2007, 637.

[←32]

S. Josemaria, *Via Sacra*, 5ª estação, n. 2.

[←33]

F. Ocáriz, “La vocación al Opus Dei como vocación en la Iglesia”, em *El Opus Dei en la Iglesia*, Rialp, 1993, p. 152.

[←34]

Cf. *Ex* 3,6; *Mt* 22,32.

[←35]

S. Josemaria, *Apuntes íntimos IV*, n. 296, 22-IX-1931 (citado em S. Josemaria, *Caminho*, edição comentada, comentário ao n. 813).

[←36]

S. João Paulo II, Homilia no início do seu pontificado, 22-X-1978.

[←37]

Bento XVI, Homilia no início do seu pontificado, 24-V-2005.

[←38]

*Ibidem.*

[←39]

*Ibidem.*

[←40]

Francisco, Homilia de canonização, 14-X-2018. Cf. também *Gaudete et Exsultate*, n. 32.

[←41]

*Instrucción*, 19-III-1934, n. 48.

[←42]

A. Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol. I, Ed. Verbo, Lisboa 2002

[←43]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 928.

[←44]

S. João Paulo II, Ex. Ap. *Pastores dabo vobis* (25-III-1992), n. 36.

[←45]

Cf. *Sulco*, n. 290; S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 206; «Amar o mundo apaixonadamente», em *Temas Atuais do Cristianismo*, nn. 113 ss.

[←46]

Francisco, Vigília de Oração com os jovens durante a JMJ em Cracóvia, 30-VII-2016.

[←47]

Bento XVI, Audiência Geral, 17-V-2006.

[←48]

*Catecismo da Igreja Católica*, n. 936.

[←49]

S. Josemaria, *Sulco*, n. 32.

[←50]

S. Josemaria, *Sulco*, n. 964.

[←51]

Francisco, Vigília de Oração com os jovens durante a JMJ em Cracóvia, 30-VII-2016.

[←52]

S. Josemaria, *Carta 6.V.1945*, n. 42.

[←53]

*Ibidem.*

[←54]

J. Ratzinger, *O sal da terra*.

[←55]

S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, *Crónica*, 1974, vol. I, p. 529.

[←56]

*En diálogo con el Señor*, edición crítico-histórica, Rialp, Madrid 2017, p. 199.

[←57]

S. Paulo VI, Homilia, 14-X-1968.

[←58]

S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, *Crónica*, 1972, p. 460.

[←59]

Bento XVI, Encontro com os jovens em Sulmona, 4-VII-2010.

[←60]

S. Rubin e F. Ambrogetti, Papa Francisco. *Conversas com Jorge Bergoglio*, Paulinas Editora, Lisboa 2013.

[←61]

S. J. H. Newman, *Apologia pro vita sua*, Ciudadela, Madrid 2010, p. 215.

[←62]

S. Josemaria, *Carta 9-I-1932*, citado em *O Opus Dei na Igreja*, Lisboa, 1994.

[←63]

F. Ocáriz, «Luz para ver, força para querer», *Expresso*, 27-X-2018 (transcrito em [www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt))

[←64]

Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2690.

[←65]

S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 35, em P. Rodríguez, F. Ocáriz, J.L. Illanes, *O Opus Dei na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa 1994.

[←66]

Francisco, Ex. ap. *Gaudete et exsultate* (19-III-2018), n. 21.

[←67]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 1.

[←68]

S. Josemaria, *Caminho*, edição crítico-histórica, comentario al n. 417.

[←69]

J. Ratzinger, Homília, 19-V-1992, citada em *Romana*, n. 14 (1992) p. 48.

[←70]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 133.

[←71]

Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium* (21-X-1964), n. 40.

[←72]

Cf. S. João Paulo II, Ex. Ap. *Christifideles laici* (30-XII-1988), nn.16-17; Bento XVI, Audiência, 13-IV-2011; e, mais recentemente, a exortação apostólica *Gaudete et exsultate* (19-III-2008) do Papa Francisco.

[←73]

S. Josemaria, *Sulco*, n. 309

[←74]

S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, edição crítico-histórica, Rialp, Madrid 2017, p. 101.

[←75]

V. García Hoz, “Mi encuentro con Monseñor Escrivá de Balaguer”, em R. Serrano (ed.) *Así le vieron*, Rialp, Madrid, 1992, p. 83.

[←76]

S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar em Valladolid, 22-X-1972 (recolhidas no documentário “El corazón del trabajo”).

[←77]

S. Josemaria, *Forja*, n. 740.

[←78]

F. Ocáriz, “A vocação ao Opus Dei como vocação na Igreja”, em *O Opus Dei na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1994, p. 168.

[←79]

S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 202.

[←80]

S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1753, citado em Vázquez de Prada, A. *O Fundador do Opus Dei* (I), Ed. Verbo, Lisboa 2002

[←81]

S. João Paulo II, *Atravessar o Limiar da esperança*, Planeta, Lisboa 1994

[←82]

S. Josemaria, *Instrucción*, 1-IV-1934, n. 65.

[←83]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[←84]

Francisco, *Ex. ap. Christus vivit* (25-III-2019), n. 273.

[←85]

F. Ocáriz, *Naturaleza, gracia y gloria*, Eunsa 2000, p. 263.

[←86]

Beato Álvaro del Portillo, *Carta*, 30-IX-1975 (AGP, biblioteca, P17, 1991, vol. II, p. 63).

[←87]

S. Josemaria, *Carta*, 28-I-1975, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria*, vol. 2, Rialp, Madrid 2011, p. 301.

[←88]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 30.

[←89]

Cf. S. João Paulo II, *Audiência Geral*, 10-10-1979; 24-10-1979; 31-10-1979.

[←90]

Cf. S. João Paulo II, *Audiência Geral*, 10-10-1979, nº 2.

[←91]

Bento XVI, *Discurso à Cúria Romana*, 22-12-2006.

[←92]

S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, nº 122.

[←93]

F. Ocáriz, *Carta*, 14-2-2017, nº 8.

[←94]

S. Josemaria, *Caminho*, nº 884.

[←95]

S. Josemaria, *En diálogo con el Señor*, edição histórico-crítica, Rialp, Madrid 2017, p. 185.

[←96]

S. Josemaria, *Via Sacra*, 8ª Estação, nº 5.

[←97]

Assim chamava às vezes S. Josemaria a Jesus: «o Amigo». Cf. S. Josemaria, *Caminho*, nº 422; S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 93.

[←98]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 2 (cf. *Ct* 8.6).

[←99]

S. Josemaria, Notas de um encontro com os jovens, 6-8-1974 (AGP, biblioteca, P04, vol.II, p. 113).

[←100]

S. J. H. Newman “Love of Relations and Friends”, *Parochial and Plain Sermons* 2, sermão 5.

[←101]

S. Josemaria, *Caminho*, nº 171.

[←102]

Bento XVI, *Discurso à Cúria Romana*, 22-12-2006.

[←103]

Francisco, *Homilia* em Santa Marta, 26-6-2013.

[←104]

Bento XVI, *Discurso* à Cúria Romana, 22-12-2006.

[←105]

F. Ocáriz, *Carta*, 9-1-2018, nº 9.

[←106]

J. Ratzinger, “El comienzo de una nueva cercanía”, en *El resplandor de Dios en nuestro tiempo*, Barcelona: Herder, 2008, p. 185.

[←107]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 27.

[←108]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 30. Cf. os nn. 22-30, que estão dentro da homilia “O matrimónio, vocação cristã”.

[←109]

Tradução livre de Juan Jamón Jiménez, *Eternidade*, Madrid, 1918 p. 126.

[←110]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 27. Cf. também *Ibidem*, n. 360.

[←111]

Cf. S. Josemaria, Apontamentos íntimos, n. 1697 (10/10/1932), em A. Vázquez de Prada, Josemaría Escrivá, vol. 1, Verbo, Lisboa, 2002.

[←112]

S. Josemaria, anotações de uma meditação, 12/10/1947, em *Enquanto nos falava pelo S. Josemaria*, *Caminho*, p. 41 (AGP, Biblioteca, P18).

[←113]

Cf. *Ibidem*. “Eu, no Cerimonial, fazendo preceder a esta bênção uma súplica à Virgem, coloquei-a como bênção de viagem: *Beata Maria intercedente, bene ambules: et Dominus sit in itinere tuo, et Angelus eius comitetur tecum* (Através da

intercessão de Nossa Senhora, que o Senhor esteja em teu caminho e que seu Anjo te acompanhe)”.  
[←114]

Por isso São João Paulo II chamava o matrimónio “sacramento primordial” (cfr. audiência, 20/10/1982 e 23/05/1984).  
[←115]

F. Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017.  
[←116]

Francisco, Audiência, 2/09/2015.  
[←117]

Tradução livre de J. Maragall, “Elogio del vivir” em *Vida escrita*, Madrid, Aguilar, 1959, p. 105.  
[←118]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 43.  
[←119]

S. Marai, *As velas ardem até ao fim*.  
[←120]

F. Ocáriz, Carta pastoral, 4/06/2017.  
[←121]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 24.  
[←122]

“A los árboles altos”, música popular à qual S. Josemaria faz alusão em S. Josemaria, *Caminho*, n. 145.  
[←123]

C.S. Lewis, *Os quatro amores*, Martins Fontes.  
[←124]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 23.  
[←125]

*Ibidem*, n. 26.  
[←126]

*Ibidem*, n. 27.

[←127]

Francisco, Homilia na Canonização, 27/04/2014.

[←128]

São João Paulo II, Audiência, 27/06/1984.

[←129]

Cf. *Ibidem*, e Ct 8,6.

[←130]

São Paulo VI, Ex. ap. *Evangelii nuntiandi* (8-XII-1975), n. 82. Cfr. também São João Paulo II, Carta ap. *Novo millennio ineunte* (6-I-2001), n. 40; Benedicto XVI, Homilia na Abertura do Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização, 7-X-2012; Francisco, Ex. ap. *Evangelii gaudium*(24-XI-2013), n. 27.

[←131]

F. Ocáriz, *Carta* 4-VI-2017.

[←132]

Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1666.

[←133]

S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1725, cit. em Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, vol. I, Verbo, Lisboa 2002.

[←134]

Francisco, Audiência geral, 4-II-2015.

[←135]

F. Ocáriz, *Carta pastoral*, 9-I-2018, n. 5.

[←136]

J. Diéguez, Chegar à pessoa na sua integridade: o papel dos afetos (I), [www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt).

[←137]

S. Josemaria, notas de una reunião familiar, 17-II-1958, cit. em S. Bernal, *Monsenhor Josemaria Escrivá de Balaguer*.

*Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*, Lisboa 1978.

[←138]

Dostoievski, F. Os irmãos Karamazov, epílogo.

[←139]

S. Josemaria, notas de um encontro com jovens, novembro 1972. Citado em *Dois meses de Catequese*, 1972, vol. 1, p. 416 (AGP, biblioteca, P04).

[←140]

Francisco, *Ex. ap. Amoris laetitia (19-III-2016)*, n. 262. S. Josemaria ilustrava esta realidade com uma pitada de humor: «A mãe, mal nasceu o rapazito, já pensa que o casará com fulanita e que farão isto e aquilo. O pai pensa na carreira ou nos negócios em que vão meter o filho. Cada um faz a sua novela, uma encantadora novela cor-de-rosa. Depois, a criatura sai limpa, sai boa, porque os seus pais são bons, e diz-lhes: essa vossa novela não me interessa. E há duas birras colossais» (notas de uma reunião com famílias, 4-XI-1972, em *Lares luminosos e alegres*, p. 155 [AGP, biblioteca, P11]).

[←141]

S. Josemaria utilizava com frequência esta expressão para se referir à preocupação lógica dos pais pela prosperidade humana dos filhos. Cfr. p. ej. J. Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*, Diel. Lisboa, 2000.

[←142]

SASTRE, Ana, *Tempo de caminhar*, Lisboa 1994.

[←143]

Cfr. A. Vázquez de Prada, *El fundador del Opus Dei*, vol. I, Rialp, Madrid 1997, p. 101.

[←144]

S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 104.

[←145]

S. Josemaria, *Forja*, n. 18.

[←146]

Palavras de S. Josemaria a famílias no dia 22-X-1960, em A. Rodríguez Pedrazuela, *Un mar sin orillas*, Rialp, Madrid 1999, p. 348.

[←147]

Francisco, Regina coeli, 21-IV-2013.

[←148]

*Missal Romano*, Oração Eucarística.

[←149]

A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. III, Verbo, Lisboa 2003, p. 29.

[←150]

F. Ocáriz, «A vocação ao Opus Dei como vocação na Igreja», em *O Opus Dei na Igreja*, Rei dos Livros, Lisboa 1994.

[←151]

S. Josemaria, *Forja*, n. 902.

[←152]

Santo Inácio de Antioquia, *Carta aos Romanos*, n. 3 (PG 5, 690).

[←153]

Aristóteles, *De Anima* I, 2.

[←154]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 902.

[←155]

Francisco, Ex. Ap. *Gaudete et exsultate* (19-III-2018), n. 175.

[←156]

S. João Crisóstomo, *Homilias sobre S. Mateus*, VII. 5 (PG 57, 78).

[←157]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 797.

- [←158]  
S. Josemaria, *Via Sacra*, 7ª estação.
- [←159]  
S. Josemaria, *Forja*, n. 356.
- [←160]  
S. Josemaria, Carta 9-I-1932, n. 9.
- [←161]  
F. Ocáriz, Carta, 14-II-2017, n. 9.
- [←162]  
S. Josemaria, *Instrucción 19-III-1934*, n. 27 (o itálico é do original), citado em *Camino, edición crítico-histórica*, nota ao n. 942.
- [←163]  
*Missal Romano*, Oração eucarística III.
- [←164]  
Bento XVI, Audiência, 10-IX-2008.
- [←165]  
S. Josemaria, Notas de uma meditação de abril de 1955, em *Obras 1956*, XI, p. 9 (AGP, biblioteca, P03).
- [←166]  
S. Josemaria, *A solas con Dios*, n. 273 (AGP, Biblioteca, P10).
- [←167]  
Cf. D. Javier, Homilia, 5-IX-2010 (*Romana*, n. 51, Julio-Diciembre 2010, p. 339).
- [←168]  
S. Josemaria, *Forja*, n. 969.
- [←169]  
Francisco, Ex. ap. *Christus vivit* (25-III-2019), n. 287.
- [←170]

Entrevista de P. Urbano a D. Javier, *Época*, 20-IV-1994, citada em A. Sánchez León, *En la tierra como en el cielo*, Madrid, Rialp 2019, pp. 349-350.

[←171]

S. Josemaria, *Carta 31-V-1954*, n. 22.

[←172]

F. Ocáriz, *Carta*, 9-I-2018, n. 5.

[←173]

S. Josemaria, *Carta 31-V-1954*, n. 16.

[←174]

S. Josemaria, *Carta 24-X-1942*, n. 9; cfr. *Amigos de Deus*, n. 37.

[←175]

*Ibidem.*

[←176]

Bento XVI, *Homilia*, 13-V-2007; Francisco, *Homilia*, 3-V-2018.

[←177]

S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 10-V-1967 em *Crónica 1967*, p. 605 (AGP, biblioteca, P01).

[←178]

F. Ocáriz, *Carta*, 14-II-17, n. 9.

[←179]

S. Josemaria, *Forja*, n. 565.

[←180]

Na linguagem coloquial de Madrid de meados do século passado, “pitar” (em português, “apitar”) significava funcionar bem. S. Josemaria usava o termo para referir-se ao facto de uma pessoa pedir a Admissão no Opus Dei. Desde então ficou na Obra como um modo familiar de falar.

[←181]

S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 24-IV-1967, em *Crónica* 1967, p. 506 (AGP, biblioteca, P01).

[←182]

S. Josemaria, Meditação de 25-II-1963, em *Crónica* 1964, IX, p. 69 (AGP, biblioteca, P01).

[←183]

F. Ocáriz, Carta, 9-I-2018, n. 5.

[←184]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 774.

[←185]

S. Josemaria, *Forja*, n. 875. Cf. Jr 18.6: "Como o barro nas mãos do oleiro, assim sois vós nas minhas".

[←186]

Santa Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 1.

[←187]

Cf. S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 114.

[←188]

J. Ratzinger-Bento XVI, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à ressurreição*, Principia, Cascais, 2011.

[←189]

*Ibidem*.

[←190]

Cf. S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 154.

[←191]

*Ibidem*, n. 3.

[←192]

*Ibidem*, n. 158.

[←193]

Francisco, ex. Ap. *Christus vivit* (25-III-2019), n. 277.

[←194]

Cf. Bento XVI, Ex. Ap. *Sacramentum caritatis* (22-II-2007), n. 83.

[←195]

S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 158.

[←196]

*Ibidem.*

[←197]

Santa Teresa de Jesus, *Caminho de perfeição*, cap. 34.

[←198]

Cf. S. Bernal, *Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. Apontamentos sobre o Fundador do Opus Dei.*

[←199]

Santa Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 5.

[←200]

S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 92.

[←201]

Cf. J. Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*, Lisboa, Diel, 2000.

[←202]

F. Ocáriz, *Homilia*, 12/05/2017.

[←203]

*Ibidem.*

[←204]

Citado em G. Bagnard, «*El Cura de Ars, apóstol de la misericordia*», *Anuario de Historia de la Iglesia* 19 (2010) p. 246.

[←205]

S. Josemaria, *Instrucción* maio-1935 - 14-IX-1950, n. 48.

[←206]

Bento XVI, Enc. *Deus Caritas est* (25/12/2005), n. 31.

[←207]

S. Josemaria, *Caminho*, n. 267.

[←208]

S. João Crisóstomo, *Homilias sobre São Mateus*, 19.2 (PG 57, 275).

[←209]

S. Josemaria, *Forja*, n. 605.

[←210]

S. Josemaria, *A sós com Deus*, n. 314 (AGP, Biblioteca, P10).

[←211]

S. Josemaria, *Forja*, n. 920.

[←212]

Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24/11/2013), n. 279.

[←213]

S. Josemaria, *Sulco*, n. 860.

[←214]

Javier Echevarría, *Carta pastoral*, 4/11/2015.